

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARILZE WISCHRAL RODRIGUES

FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES CRISTÃOS

Vivendo a fé cristã no Culto Infantil

SÃO LEOPOLDO

2007

MARILZE WISCHRAL RODRIGUES

FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES CRISTÃOS

Vivendo a fé cristã no Culto Infantil

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

Para obtenção do grau de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Religião e Educação

Orientador: Manfredo Carlos Wachs

SÃO LEOPOLDO

2007

A Deus por ter me animado, inspirado e conduzido com intimidade,
A meu marido Stélio por ter me acompanhado nos momentos difíceis,
A meus filhos Ana, Filipe e Débora pela compreensão na minha ausência,
A meu orientador Manfredo pela paciência e prontidão sempre presentes,
Aos poucos verdadeiros amigos que sofreram comigo o processo de produção.

*"A FORMAÇÃO nos liberta das garras da CONFORMAÇÃO e nos conduz rumo à TRANSFORMAÇÃO, por isso FORMAÇÃO sempre é uma AÇÃO concreta."
(Roger Marcel Wanke)*

*"E não vos CONFORMEIS com este século, mas TRANSFORMAI-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus."
(Apóstolo Paulo aos Romanos, capítulo 12, versículo 2)*

RESUMO

Uma análise da formação de educadores cristãos, atuando como orientadores do Culto Infantil, junto à infância nas comunidades da IECLB. O primeiro capítulo aborda o conceito de educação e de educação cristã, e as dimensões cognitiva, afetiva e atitudinal da fé cristã, apontando para a tarefa da educação cristã de contribuir no processo de desenvolvimento dos seres humanos na vivência da fé, conduzindo as pessoas da *crença* (ação cognitiva), pela *confiança* (ação afetiva), para a *atitude* (ação atitudinal). O segundo capítulo apresenta os contextos de educação cristã específicos para a infância, através dos tempos, da *Kinderpredigten* na época de Lutero, passando pela *Sonntagsschule* alemã, pela *Escola Dominical* inglesa e norte-americana, pelo *Kindergottesdienst* que veio ao Brasil com os imigrantes alemães luteranos, no início do século XIX, até o Culto Infantil dos dias atuais, com o propósito de oportunizar o crescimento na fé, como resposta a ação salvífica de Deus no Batismo. Este crescimento se dá *pela pregação do evangelho*: anúncio da palavra e ação de Deus em favor da pessoa, por graça e misericórdia; *pela relação de intimidade*: espiritualidade cultivada e expressa de forma cúlta; e *pela vivência da fé*: no âmbito pessoal e comunitário, testemunhando a fé em ações concretas. É um desafio hoje, fortalecer o Culto Infantil pela redescoberta de sua função e propósito; pela capacitação dos que nele atuam; pelo aprofundamento, contextualização dos conteúdos de fé; pela apropriação de metodologias criativas e emancipatórias; pela criação de formas alternativas de buscar as crianças que não participam; pelo despertar do compromisso dos pais; pela postura da igreja em retomar suas prioridades. Também são identificados os sujeitos da educação cristã, na IECLB: *as crianças*, descritas sociológica, cultural e psicopedagogicamente, através dos séculos; *os pais e padrinhos*, que assumem o compromisso de educar as crianças na fé cristã, no ato do Batismo; e *a comunidade eclesial*, que se compromete a auxiliar na tarefa de pais e padrinhos, assistindo as novas gerações, em especial quanto ao ensino e à formação evangélico-luterana dos batizados, incentivando e promovendo a participação de todos na vida e ação comunitárias, e cumpre com este compromisso através da atuação dos *orientadores do Culto Infantil*. O último capítulo conceitua teológica e pedagogicamente a formação continuada na fé, elenca processos de formação como: grupo focal, micro-ensino, dinâmicas de grupo e de aprendizagem, oficinas, discipulado, registro da narrativa das experiências de vida; capazes de desenvolver ações e reações criativas, construtivas, críticas, de empoderamento, de resiliência, de transformação da realidade, respeitando-se as identidades e promovendo educação humanizadora. Registra ainda os programas de formação que fazem parte da história da IECLB, destacando-se o Catecumenato Permanente, o Ministério Compartilhado e a Educação Cristã Contínua, em processo de estruturação.

Palavras-chave: Educação cristã – Culto Infantil – formação continuada – Educação Batismal – Jornada da fé ao longo da vida

ABSTRACT

An analysis of the formation of Christian educators, acting as orienting of the Infantile Cult, next to childhood in the communities of the Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil - IECLB. The first chapter approaches the concept of education and Christian education, and the cognitive, affective and atitudinal dimensions of the Christian faith, pointing to the task of the Christian education to contribute in the process of the human development in the experience of the faith, conducting the people of the belief (cognitive action), for the confidence (affective action), to the attitude (atitudinal action). The second chapter presents the specific contexts of Christian education for childhood, through the times, from the *Kinderpredigten* at Martin Luther's time, passing for the German *Sonntagsschule*, for the English and North American *Sunday School*, for the *Kindergottesdienst* that came to Brazil with the German Lutheran immigrants, at the beginning of century XIX, until the Infantile Cult of the current days, with the intention of supply the growth in the faith, as reply the redeemer action of God in the Baptism. This growth happens for the preaching of the gospel: announcement of the word and action of God for the person, for grace and mercy; for the intimacy relation: spirituality cultivated and express of cultic form; and for the experience of the faith: in the personal and communitarian scope, testifying the faith in concrete actions. It is a challenge today, to fortify the Infantile Cult for rediscovery of its function and intention; for the qualification of who works in it; for the deepening, contextualization of the faith contents; for the appropriation of creative and emancipating methodologies; for the creation of alternative forms to search the children who do not participate; for the wakening of the parents commitment; for the position of the church in retaking its priorities. Also the citizens of the Christian education are identified, in the IECLB: the *children*, described sociological, cultural and psycopedagogically, through the centuries; *the parents and godfathers*, who assume the commitment to educate the children in the Christian faith, in the act of the Baptism; e the *ecclesiastical community*, that commit oneself to assist parents and godfathers, attending the new generations, in special for the education and the evangelical Lutheran formation of the baptisms, stimulating and promoting the participation of all in the communitarian life and action, and fulfills with this commitment through the performance of the people who orientates of the Infantile Cult. The last chapter appraises theologically and pedagogically the formation continued in the faith, lists formation processes as: focal group, micron-teaching, dynamic of group and learning, workshops, discipleship, narrative register of the life experiences; developing creative, constructive, critical actions and reactions, of empowerment, resilience, of transformation of the reality, respecting themselves the identities and promoting humanizing education. It still registers the programs of formation that are part of the IECLB history, being distinguished the Permanent Catechumenate, the Shared Ministry and the Continuous Christian Education, whose process are being structured.

Key-Words: Christian education - Infantile Cult - continued formation - Baptismal Education – Life long Journey of Faith

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. EDUCAÇÃO CRISTÃ	11
1.1 Educação	11
1.2 Educação Cristã	15
1.3 Tarefa da Educação Cristã	22
2. CULTO INFANTIL	26
2.1 Escola Dominical	27
2.2 Kindergottesdienst	28
2.3 Culto Infantil	29
2.4 Sujeitos da educação cristã no Culto Infantil	39
3. FORMAÇÃO CONTINUADA	60
3.1 Conceitos Teo-pedagógicos	61
3.1.1 Conceito Teológico	62
3.1.2 Conceito Pedagógico	64
3.2 Processos de Formação	67
3.3 Programas de Formação	73
CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICES	91
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

A formação continuada é concebida como a seqüência de uma formação inicial, a procura permanente da continuidade na educação, mas também, e principalmente, como formação para toda a vida¹. Tanto a educação geral quanto a educação na fé acontecem num processo permanente, dinâmico e contínuo. Fatores contextuais como o prazer, o querer, os desafios, as identificações, a parceria e, sobretudo um clima de trabalho agradável, não podem ser desconsiderados, quando se pensa em formação continuada.

O educador, como sujeito ativo do processo docente educativo, dirige-o e estabelece os mecanismos de interação com o educando através da comunicação oral e corporal, e da vivência pessoal, para promover o desenvolvimento do educando e a transformação de sua realidade. Atua sobre o conteúdo, mostrando os conhecimentos e as habilidades que o educando precisa assimilar. O processo educativo é eficiente quando transforma a necessidade do educando numa motivação para ele mesmo. Quando o educando está motivado, sua maior satisfação está na assimilação do conteúdo, que possibilitará o domínio das habilidades como via fundamental para resolução de problemas e aquisição de autonomia. Também a educação na fé pode percorrer este processo educativo, fazendo germinar motivação das necessidades existenciais dos educandos.

O conhecimento prático dos educadores cristãos é, também, objeto cognoscente a ser problematizado e apreendido no processo educacional. Assim, a formação de comunidade crítica e de educador cristão situa-se no mesmo plano. Ambos agem e reagem sobre prática, propósitos e desafios. Também a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, desde o início de sua história, teve preocupação com a escolaridade e com a educação cristã de seus membros. De tempos em tempos, a IECLB tem promovido reflexões, fóruns, estudos

¹ ARENILLA, Louis, GOSSOT, Bernard, ROLLAND, Marie-Claire, ROUSSEL, Marie-Pierre. **Dicionário de Pedagogia**. Instituto Piaget, 2000. p.190.

sobre a educação, apresentando como resultado documentos que sempre de novo precisam ser retomados para fazer avançar a postura da igreja frente aos desafios da educação na atualidade.

Da observação que se faz sobre a prática de educação cristã, percebe-se: a ênfase na memorização de conteúdos desvencilhados da prática diária; o distanciamento entre o cotidiano e o interesse do educando; a compreensão do conhecimento como processo a-histórico e revestido de uma pretensa neutralidade; e a descontinuidade no processo de formação na fé. Faz-se necessário substituir as propostas educacionais isoladas, fragmentadas e esporádicas por uma formação que tenha continuidade e acompanhamento. É preciso tempo e persistência para que as mudanças desejadas aconteçam.

Se os programas de atualização com o objetivo de promover mudanças sobre como ensinar enfrentam desafios na educação secular, muitos desafios mais encontram na educação cristã, numa instituição eclesial. Em virtude dos muitos anos de experiência como orientadora do Culto Infantil, acompanhando e auxiliando na atuação de pessoas como lideranças comunitárias, percebia que as mesmas eram, muitas vezes, motivadas por boa vontade e alegria de estar com as crianças. Estes elementos são importantes, mas não são suficientes para que, na tarefa de educador cristão, se cumpra com o propósito específico de educar para a vivência na fé cristã. Diante disto, surge o questionamento de como a formação continuada pode contribuir para que lideranças comunitárias atuem como educadores cristãos junto à infância na IECLB.

A presente pesquisa tem como propósitos: a) contribuir para a reflexão sobre a necessidade de formação continuada de lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos, em atividades educacionais para infância na IECLB; b) investigar a existência de propostas de formação continuada de lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos, junto à infância na IECLB; c) diagnosticar em que medida as propostas de formação continuada contribuem para o exercício da atividade de educadores cristãos, junto à infância na IECLB; e, d) analisar o programa de formação continuada de lideranças comunitárias da IECLB, para atuar como educadores cristãos junto à infância, tendo como campo investigativo o contexto do Culto Infantil.

De acordo com estes propósitos, foram realizadas as seguintes tarefas de investigação: a) seleção, análise e fichamento de literatura sobre a organização e desenvolvimento da educação, da educação cristã, dos contextos e sujeitos da educação cristã no espaço eclesial e dos processos de formação continuada; b) análise das propostas de formação continuada de lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos,

promovidas pela IECLB; c) diagnóstico da realidade eclesial quanto à contribuição de propostas de formação continuada de educadores cristãos que atuam junto à infância na IECLB, através de entrevista (Apêndice 1) aos orientadores do Culto Infantil.

Da seleção, análise e fichamento de literatura, formou-se o aporte teórico desta pesquisa. Da análise das propostas de formação continuada de lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos, promovidas pela IECLB, destacam-se os programas de formação continuada de lideranças², sendo que não foi apresentado um programa específico para formação de educadores cristãos.

Para definir o instrumento da entrevista como sendo aquele que seria aplicado por esta pesquisa para registrar a observação feita sobre a realidade dos orientadores do Culto Infantil, foi necessário definir critérios claros, conhecidos como categorias de análise que facilitaram a análise e interpretação dos dados colhidos, bem como a sistematização coerente dos resultados.

As entrevistas foram aplicadas com os orientadores do Culto Infantil, junto às comunidades eclesiais da IECLB, que participaram do Seminário Nacional das Equipes Sinodais de Culto Infantil - SNESCI, em setembro de 2006, em Curitiba/PR, sendo que os mesmos autorizaram por escrito (Apêndice 2) a utilização das respostas. Foram realizados registros das informações coletadas e elaborou-se o diagnóstico da realidade eclesial quanto à contribuição de propostas de formação continuada na atividade dos educadores cristãos na IECLB. Participaram 23 educadores cristãos, entre eles: 18 orientadores do Culto Infantil, uma obreira pastora e quatro obreiros catequistas, representando os 18 sínodos da IECLB. Nas entrevistas, os orientadores do Culto Infantil foram questionados sobre: 1) a definição de Culto Infantil, 2) a relação entre Culto Infantil e educação cristã, 3) a tarefa do/a orientador/a de Culto Infantil, 4) as necessidades do/a orientador/a de Culto Infantil, 5) as possibilidades de suprir estas necessidades, e, 6) as dificuldades e facilidades que encontram na execução da tarefa de orientador/a de Culto Infantil.

Os resultados da presente pesquisa encontram-se distribuídos em três capítulos, desenvolvidos a partir do aporte teórico intercalado com as respostas das entrevistas. No primeiro, constam os conceitos de educação, educação cristã e suas tarefas. No segundo é descrito o campo específico desta pesquisa, de forma histórica e os sujeitos da educação cristã que podem atuar no entorno do Culto Infantil. No terceiro capítulo, a formação continuada é

² Como programas de formação continuada de lideranças cristãs estão: o Catecumenato Permanente (1974), a Pastoral de Educação (1984), o Ministério Compartilhado (1994), e a Educação Cristã Continuada (em processo de elaboração desde 2003, a partir do Fórum Nacional do Ensino Confirmatório e através dos Seminários Nacionais de Educação Cristã Contínua).

conceituada teológica e pedagogicamente, além de serem descritos processos de formação e os programas de formação vivenciados pela IECLB, ao longo de sua história até os dias atuais.

1. EDUCAÇÃO CRISTÃ

A busca pelo conhecimento científico é útil e necessária para embasar a prática educacional. Com o avanço da globalização e o progresso da ciência e da tecnologia, são muitos os desafios que se apresentam neste início de século XXI. Na educação, em geral, e, no caso desta pesquisa, na educação cristã, em específico, o conhecimento científico deve aliar-se aos interesses daqueles para quem o conhecimento pode ser veiculado, desenvolvendo, assim, com mais propriedade a arte de educar e respondendo às inquietações da humanidade. Com este intuito, o capítulo pretende explorar o conceito de educação, de educação cristã, sua tarefa e seus sujeitos, identificando o espaço e as condições para atender às pessoas em suas dúvidas.

1.1 Educação

A educação é apontada “como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social”³, diante das guerras, opressões e injustiças cada vez mais declaradas e insuportáveis. A educação, como “uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades”⁴, tem sua importância indiscutível. No entanto, é preciso buscar pelo sentido etimológico da palavra para compreender a complexidade do ato de educar.

O dicionário etimológico ao explicar o significado da palavra *educação* apresenta o termo *educar* e indica a sua origem latina *educare* e o termo *eduzir* do latim *educere* e o

³ DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2001.p.11.

⁴ LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 7. reimpr. São Paulo: Cortez, 1994.p.16-17.

define como ‘extrair, deduzir’⁵. O mesmo dicionário apresenta, em relação ao termo educação, a expressão *dúctil* do latim *ductilis*, sendo o particípio passado de *ductus*, derivado de *ducere* que significa ‘conduzir, guiar’⁶.

Por sua vez, a pesquisadora Maria Anita Martins analisa que a etimologia da palavra educação é procedente do latim e apresenta dupla origem: do *educere* (fazer sair, tirar para fora, trazer à luz, educar) e do *educare* (criar, amamentar, sustentar, elevar, instruir, ensinar). Identifica-se, portanto, a “complementaridade entre os processos de desenvolvimento e os seus resultados (*educere*), e a intervenção educativa (*educare*)”⁷. Sendo compreendida como a ação de extrair de dentro, conduzir para fora, a educação pode ou deve conduzir o ser humano a um desenvolvimento mais igualitário, verdadeiro e eficaz na solução de conflitos, no recuo de realidades injustas e desumanas, e no alcance da qualidade de vida sustentável para todos e todas.

O educador José Carlos Libâneo apresenta uma distinção entre educação, instrução e ensino, que nos possibilita aprofundar o conceito de educação e especificar seu campo de ação:

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento onilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas – físicas, morais, intelectuais, estéticas – tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado contexto de relações sociais. [...] A *instrução* se refere à formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados. O *ensino* corresponde a ações, meios e condições para realização da instrução.⁸

A educação, enquanto processo de desenvolvimento, deve garantir o espaço, principalmente da infância⁹ e da juventude¹⁰, na sociedade, permitindo-lhes desempenhar sua

⁵ CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.p.284.

⁶ CUNHA, 1982.p.279.

⁷ MARTINS, Maria Anita Viviani. Educação. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.243.

⁸ LIBÂNEO, 1994. p.22-23.

⁹ Segundo Philippe Ariès, na obra **História social da criança e da família**, 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981, p. 29-68, a infância foi descoberta por volta do século XIII. Pela perspectiva histórica, apresentada por Áries, percebem-se as origens de alguns preconceitos que se tem em relação à infância nos dias atuais. A falta de vocabulário que definisse cada etapa da vida, a pseudoconcepção sobre a alma da criança, a fragilidade dos primeiros anos de vida que provocavam sua dependência denotavam na criança um ser sem importância. Penso que esta concepção de infância sem importância é muito forte nos dias de hoje ainda. Para alguns segmentos da sociedade, como indústria e comércio, por exemplo, a criança é um ser invisível, que não responde autonomamente pelo poder aquisitivo. Se ela está sozinha na fila do caixa de supermercado, é menosprezada em relação aos adultos que ali também se encontram. Por outro lado, a mesma indústria e comércio se aproveitam dos interesses da infância para estimular o mercado. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em seu **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.942, define a *infância* como o período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade, ou ainda, período de vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente em todos os domínios.

função “no sistema educativo, [...] na família, na comunidade de base, na nação”¹¹. Neste sentido, a *educação integral*, enquanto processo de desenvolvimento que considera as diferentes áreas de domínio (cognitivo, afetivo e atitudinal) e a *educação contínua*, ou seja, ao longo de toda a vida, são posturas possíveis e necessárias frente à rápida transformação que o mundo vive.

O relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI à UNESCO, coordenado por Jacques Delors, destaca especial importância aos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.

Aprender a conhecer é o pilar da educação “que visa [...] o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento” para que cada ser humano “aprenda a compreender o mundo que o rodeia”, vivendo dignamente, desenvolvendo suas capacidades individuais e coletivas, e isto tudo com prazer. **Aprender a conhecer** “permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir”¹². **Aprender a conhecer** significa aprender a aproveitar ao máximo as oportunidades que se apresentam ao longo de toda a vida.

Aprender a fazer é apresentado como a aprendizagem que tem por propósito “ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e [...] adaptar a educação ao trabalho futuro”¹³. Não basta preparar a qualificação, é preciso desenvolver a competência¹⁴. A qualificação está orientada para uma área e um tempo restritos, enquanto a competência busca a aprendizagem de comportamentos eficazes para momentos e ambientes incertos, em que se exige discernimento e criatividade na inovação e criação de idéias, soluções, produtos e

¹⁰ Luís Antonio Groppo, em **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas**, Revista de Educação do Cogeime, v. 13, n.25, dez. 2004, p. 9-22, busca demonstrar “que a juventude é uma realidade social”, diferente da concepção da Biologia e da Psicologia que “tendem a considerar a juventude [...] como uma transformação físico-mental universal e compulsória a todo indivíduo”. Juventude era “um período transitório no qual os agentes sociais seriam treinados para a aquisição de requisitos mínimos de civilidade, cidadania, consciência social e criatividade cultural”. Groppo defende ainda que “na modernidade, a juventude tende a ser uma categoria social derivada da interpretação sócio-cultural dos significados da puberdade, este sim, um fenômeno natural e universal”.

¹¹ DELORS, 2001.p.11.

¹² DELORS, 2001.p.90-91.

¹³ DELORS, 2001.p.93.

¹⁴ O termo competência, para Hugo Assmann, em **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**, Petrópolis: Vozes, 2000, capítulo 6, aparece como “um patamar mínimo para que as novas gerações estejam preparadas para aprender a aprender e aprender por toda a vida”. Para Bernard Rey, em **As competências transversais em questão**, Porto Alegre: Artmed, 2002, capítulo 1, a competência é uma “atividade intelectual [...], utilizável em toda circunstância” e, a “faculdade de discernimento da pertinência, ou seja, [...] capacidade de fazer uso do saber”.

recursos. **Aprender a fazer** engloba experiências espontâneas do contexto local e práticas formais da relação do ensino com o trabalho.

Um dos maiores desafios da educação para o século XXI está em **aprender a viver com os outros**. Esta educação busca “transmitir conhecimentos sobre a diversidade, [...] as semelhanças e a interdependência entre todos os seres humanos”. Começando pela descoberta de si mesmo será possível colocar-se “no lugar dos outros e compreender as suas reações”¹⁵. Desenvolver a curiosidade e o espírito crítico fortalece a capacidade de abertura à alteridade. Saber dialogar, trocar argumentos e participar de projetos comuns são os instrumentos necessários para a aprendizagem da resolução de tensões e conflitos, hoje muito mais do que nunca. **Aprender a viver com os outros** acontece quando se respeita os valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Por último, porém de igual importância aparece o pilar **aprender a ser**, através do qual “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”¹⁶. **Aprender a ser** exige o preparo para o exercício da autonomia com responsabilidade crítica, a partir do autoconhecimento e autocompreensão, frente às diferentes circunstâncias da vida. A imaginação, a criatividade, a liberdade de pensamento, os sentimentos e a capacidade de discernimento são necessários para o desenvolvimento da identidade e de talentos do indivíduo.

O educador Paulo Freire define a educação como o processo permanente de transformação da realidade para o ser humano ser mais humano, que “implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem [...] feita com outros seres que também procuram ser mais”¹⁷. É o ato de conhecer, em que professor e aluno são sujeitos cognitivos, agentes críticos.

Para Maria Amélia Santoro Franco, “a educação é uma prática social humana; é um processo histórico, inconcluso, que emerge da dialeticidade entre homem, mundo, história e circunstâncias [...], transforma-se pela ação dos homens e produz transformações nos que dela participam”¹⁸. É, portanto, uma atividade que intervém na vida das pessoas, e envolve a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes.

¹⁵ DELORS, 2001.p.97-98.

¹⁶ DELORS, 2001.p.99.

¹⁷ FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.p.27-28.

¹⁸ FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas: Papirus, 2003.p.73.

1.2 Educação Cristã

Nesta perspectiva de educação, pode-se definir a educação cristã como a educação vista a partir da e para a fé cristã. Ou seja, a ação que conduz o ser humano a um desenvolvimento mais igualitário, verdadeiro e eficaz na solução de conflitos, no recuo de realidades injustas e desumanas, e no alcance da qualidade de vida sustentável para todos e todas, através da intervenção deliberada e estruturada na maneira como as pessoas vivem, envolvendo a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes, com base nos fundamentos da fé cristã.

Perez defende que “a educação é cristã quando leva a origem da fé cristã – a História de Jesus –, e a recria. [...] A educação é cristã quando não somente fala de Deus, mas que também leva a encontrá-lo [...] em Jesus Cristo”¹⁹ (tradução própria). É preciso que a educação cristã capacite as pessoas a tornar o Reino de Deus presente na história da humanidade, a partir da vivência de atitudes inspiradas na fé cristã.

O objeto da ação educativa da educação cristã não se restringe ao conhecimento de algum conteúdo, de algo cognitivo, mas integra, indissociavelmente, a fé como objeto cognitivo e como dimensão subjetiva da relação humana. A fé é uma característica fundamental e universal da vida humana que busca pelo relacionamento com o transcendente. Paul Tillich, ao definir a fé, apresenta dois conceitos complementares. Para ele fé: a) *é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente*: é um interesse que exige obediência cega, independente de seu conteúdo, e utiliza-se da força de ameaças e promessas; b) *é um ato da pessoa como um todo*: vem do centro da pessoa, atinge a globalidade do ser e transcende a dinâmica da vida humana²⁰. Esta definição pode ser acrescida com o pensamento do evangelho de Lucas, capítulo 12, versículo 34, em que Jesus diz: “pois onde estiverem as suas riquezas, aí estará o coração de vocês.”²¹. A metáfora do coração entendida como centro da vontade humana e a fé como a riqueza, o tesouro que orienta escolhas e decisões.

Ainda segundo Tillich, a fé contém conhecimento, sentimento e vontade. A predominância de um ou outro destes elementos pode determinar o caráter da fé. Segundo o

¹⁹ PEREZ, I. Teología de la educación. Tesis provisionales (Extractos). Bogotá: Indo-American Press Service, 1980. In: PREISWERK, Matthias (Ed.). **Un telar para la educación**: avances y materiales. Curitiba: CELADEC, 1996. p.95. “La Educación es cristiana cuando lleva al origen de la fe cristiana – la Historia de Jesús –, y la recrea. [...] La Educación es cristiana cuando no sólo habla de Dios, sino que lleva a encontrarle.”

²⁰ TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.p.5-24.

²¹ BÍBLIA Sagrada: nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.p.62.

pensamento do apóstolo Paulo, apresentado na carta aos Romanos²², capítulo 10, versículo 17 “a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação”. Portanto, fé tem relação com o conhecimento que se tem a respeito do objeto da fé. Quem crê, crê em algo, o que explicita a relação do sujeito e do objeto da fé. Quando alguém está “tomado pelo que é verdadeiramente incondicional”, se diz que possui fé verdadeira. Diferente da fé falsa que coloca algo passageiro e finito como objeto de sua fé, e pode gerar frustração existencial.

Ao se procurar pelas coisas da fé, encontram-se as coisas do sagrado, daquilo que está “separado do mundo do cotidiano e das experiências comuns das pessoas.”²³. A dinâmica da fé se confirma na dinâmica do sagrado. O sagrado pode se expressar de dois modos: um criador e um destruidor, similar ao conceito de fé verdadeira e fé falsa. A fé, independente de ser verdadeira ou falsa, independente de ter como objeto algo incondicional e infinito ou passageiro e finito, continua sendo fé. O sagrado “tem um lado criador e outro destruidor [...], sendo que o aspecto divino se manifesta na vitória das possibilidades criadoras sobre as destruidoras do sagrado, ao passo que inversamente o demoníaco representa o aspecto destruidor do sagrado”. O sagrado, independente de ser criador, ou de ser destruidor, continua sendo sagrado.

Da fé fazem parte, ao mesmo tempo, certeza e incerteza. Certeza com base num conhecimento, numa experiência do sagrado; incerteza com base no elemento finito que busca o infinito, o relativo que busca o absoluto, o condicionante que obedece ao incondicional. A carta aos Hebreus, capítulo 11, cita exemplos de personagens do Antigo Testamento conhecidos por atos de fé, que mudaram suas vidas e do povo do qual faziam parte. Na referida carta, os versículos 1 e 6 definem a fé como sendo “a certeza de que vamos receber as coisas que esperamos e a prova de que existem coisas que não podemos ver. [...] Sem fé ninguém pode agradar a Deus, porque quem vai a ele precisa crer que ele existe e que recompensa os que procuram conhecê-lo melhor.”²⁴. Portanto, a dúvida faz parte da fé. Sem dúvida a fé não se confirma. Crer é um risco que exige coragem, pois a fé pode apresentar um fracasso, uma ilusão, uma decepção. Este risco, porém, não pode ser eliminado. Na verdade a dúvida é a grande certeza que sustenta a fé.

Paul Tillich ainda ressalta a necessidade da **linguagem** e da **comunhão** para que o espírito humano possa se expressar com clareza sobre o conteúdo da fé. A fé precisa da linguagem do símbolo e do mito que se forma na comunhão entre pessoas ligadas ao mesmo

²² BÍBLIA Sagrada, 2000.p.131.

²³ TILLICH, 1996.p.13-14.

²⁴ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.183.

conteúdo de fé. Desta dinâmica entre fé, linguagem e comunhão surgiu o que conhecemos como confissão de fé, que poderia ser considerada como resultado deste processo de reconhecimento de certo conteúdo de fé, tido como comum a um grupo de pessoas.

Historicamente as confissões de fé foram usadas para defender o conteúdo da fé em comum contra as formas de fé consideradas falsas ou idólatras, aquelas que colocam elementos finitos e passageiros no lugar dos infinitos e incondicionais. Isto, porém, permitiu a repressão das dúvidas e tornou a fé estática. O protestantismo e depois o iluminismo tinham como alvo “uma fé dinâmica, e não a negação da fé nem a rejeição de certas doutrinas”²⁵. Dúvida e risco fazem parte da dinâmica da fé e é exatamente isto que torna a fé viva. Na vida, muitos são os fatos que nos fazem questionar nossos conteúdos de fé, como forma de confirmá-los e fortalecer a fé, como afirma o apóstolo Paulo aos Romanos, capítulo 5, versículos 3 e 4, “sabemos que os sofrimentos produzem a paciência, a paciência traz a aprovação de Deus, e essa aprovação cria a esperança”²⁶. Ou ainda aos Coríntios, capítulo 4, versículos 17 e 18,

essa pequena e passageira aflição que sofremos vai nos trazer uma glória enorme e eterna, muito maior do que o sofrimento. Porque nós não prestamos atenção nas coisas que se vêem, mas nas que não se vêem. Pois o que pode ser visto dura apenas um pouco, mas o que não pode ser visto dura para sempre²⁷.

Esta busca humana pelo infinito, pelo que dura para sempre, fundamenta, justifica e incorpora a fé. E é nesta busca que o ser humano encontra os elementos para nutrir e fortalecer sua fé.

Hans-Jürgen Fraas explica que a fé, por ser “ação salvífica de Deus e [...] obra do Espírito Santo não pode ser ensinada”. Ela surge da relação entre Deus e o ser humano, e se concretiza no viver diário, através de “mudanças de comportamento em termos pragmáticos, afetivos e cognitivos. [...] Não é a fé que se desenvolve, mas sim a pessoa crente em suas formas de vida, em seus modos de expressão, em sua capacidade ideativa, etc.”²⁸. A educação cristã se ocupará em oportunizar o desenvolvimento das formas de vida, dos modos de expressão, das capacidades de pensar sobre e agir em resposta a fé cristã.

O teólogo da religião católico Norbert Mette, por sua vez, afirma que “quem crê não sabe mais do que outro, não pode explicar melhor o mundo, mas vive e se relaciona com o

²⁵ TILLICH, 1996.p.23.

²⁶ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.126-127.

²⁷ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.148.

²⁸ FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana**: compêndio de psicologia da religião. São Leopoldo: Sinodal, 1997.p.45-47.

mundo de maneira diferente”²⁹. A fé vivida é um testemunho que convida a conhecer e aprofundar a relação com Deus e os outros. O exercício da fé cristã deveria produzir atitudes que revelam o desenvolvimento da pessoa que crê na sua maneira de viver a vida, como orienta o apóstolo Paulo, na carta aos Efésios, capítulo 4, versículos 15 e 21 a 24

falando a verdade com espírito de amor, cresçamos em tudo até alcançarmos a altura espiritual de Cristo, que é a cabeça. [...] Com certeza vocês ouviram falar dele e, como seus seguidores, aprenderam a verdade que está em Jesus. Portanto, abandonem a velha natureza de vocês, que fazia com que vocês vivessem uma vida de pecados e que estava sendo destruída pelos seus desejos enganosos. É preciso que o coração e a mente de vocês sejam completamente renovados. Vistam-se com a nova natureza, criada por Deus, que é parecida com a sua própria natureza e que se mostra na vida verdadeira, a qual é correta e dedicada a ele.³⁰

Daniel Schipani fala em estilos de vida cristãos, em que “toda a personalidade, e todas as áreas do comportamento estão comprometidos no processo: o pensamento, os sentimentos, a vontade”. Para ele a educação cristã é “o processo mediante o qual a fé se desperta, se alimenta e se desenvolve” e apela pela “vida completa das pessoas na comunidade de fé.”³¹(tradução própria). Também Russel Haitch destaca que “o objetivo da educação cristã é gerar um estilo de vida cristão, que [...] se refere [...] a como toda energia da vida humana é dirigida. [...] Os fins da educação não são apenas passar informações, ou então inculcar valores, mas sim, criar um modo de vida inteiro”³²(tradução própria).

Sociologicamente, Matthias Preiswerk entende a educação cristã como “as práticas dos cristãos e das igrejas nos diferentes campos da educação”³³ (tradução própria), vinculados ao seu compromisso cristão de seguir a Jesus Cristo e trabalhar por um reino de justiça e vida plena, que passa pela transformação da sociedade.

Para Antonio Vieira de Carvalho, o conteúdo principal da educação cristã “é o amor redentor e sustentador de Deus, transmitido através das relações pessoais”, na vida comunitária e “o crescimento espiritual é produzido à medida que o educando é preparado para responder, com fé, ao dom gratuito da graça divina”. Ele destaca a educação cristã para a

²⁹ METTE, Norbert. **Pedagogia da religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.p.160.

³⁰ BÍBLIA sagrada, 2000.p.159.

³¹ SCHIPANI, Daniel S. **El reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia**: fundamentos y principios de educación cristiana. USA: Editorial Caribe, 1983. p.15. “*Toda la personalidad, y todas las áreas del comportamiento están comprometidas en el proceso: el pensamiento, los sentimientos, la voluntad. [...] el proceso mediante el cual la fe se despierta, se alimenta y se desarrolla. [...] la educación cristiana ha de apelar a la vida completa de las personas en la comunidad de fe.*”.

³² HAITCH, Russell. A summary of James E. Loder’s theory of Christian Education. In: WRIGHT & KUNTZEL. **Redemptive transformation in practical theology**. Cambridge: William B. Eerdmans, 2004. p.300. “*the aim of Christian education is to engender a Christian lifestyle, where [...] refers [...] to how all the energy of a human lifetime is directed. [...] The telos of education is not just passing on information, or even instilling values, but rather creating a whole way of life.*”.

³³ PREISWERK, Matthias (Ed.). **Un telar para la educación**: avances y materiales. Curitiba: CELADEC, 1996. p.91. “*a las prácticas de los cristianos y de las iglesias en los diferentes campos de la educación*”.

liberdade, “orientada pelo princípio do amor no serviço ao outro”³⁴, com base no ensino de Paulo transcrito no livro aos Gálatas, capítulo 5, versículo 13: “porém vocês, irmãos, foram chamados para serem livres. Mas não deixem que essa liberdade se torne uma desculpa para permitir que a natureza humana domine vocês. Pelo contrário, que o amor faça com que vocês sirvam uns aos outros”³⁵.

Para Danilo Romeu Streck, educação cristã “é aquela prática educativa construída sobre uma visão de ser humano e de sociedade na relação explícita com a fé cristã, na perspectiva do Reino de Deus”³⁶. Esta prática educativa estabelece princípios, valores, atitudes, compromissos e desafios para a educação em diálogo com a fé cristã. Aprender, ensinar e crer fazem parte da dinâmica da vida.

Danilo R. Streck e Manfredo Carlos Wachs definem a educação cristã como “a tarefa formativa que a Igreja realiza com seus membros no sentido de habilitá-los a participarem da vida e dos compromissos de sua respectiva comunidade”, associada à visão e atuação pedagógica daqueles “que professam a fé cristã dentro da sociedade mais ampla”³⁷. É, portanto, ao mesmo tempo, ensino da palavra de Deus e vivência da fé cristã.

Gerson Fischer propõe a educação cristã “como um exercício de reflexão e ação que encontra seu ponto de partida no testemunho da palavra de Deus”, associado “à confissão de fé no evangelho de Jesus Cristo, plenificando-se na vivência comunitária”³⁸. Um exercício que envolve relação, ação e racionalidade. Ela deve aproximar a palavra de Deus e a palavra humana, inserindo-se “de modo encarnado nas crises e frustrações do ser humano, capacitando-o a perceber o sofrimento e a solidariedade de um Deus ‘conosco’, que deseja promover sentido, dignidade e esperança para a vida”³⁹.

No pensamento evangélico luterano, fundamentado nos escritos bíblicos, Deus se revela e vem ao encontro das pessoas: “Deus dá prova do seu amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós.”⁴⁰. Ou ainda, “Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho

³⁴ CARVALHO, Antonio Vieira de. **Teologia da educação cristã**. São Paulo: Eclésia, 2000.p.33-39.

³⁵ BÍBLIA sagrada, 2000.p.156.

³⁶ STRECK, Danilo R. **Correntes pedagógicas**: uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis: Vozes; Rio Grande do Sul: CELADEC, 2005. p.12.

³⁷ STRECK, Danilo R., WACHS, Manfredo C. Educação cristã. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998.p.247.

³⁸ FISCHER, Gerson. **O paradigma da palavra**: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998.p.179.

³⁹ FISCHER, 1998. p.180.

⁴⁰ A BÍBLIA sagrada: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Versão revisada. Versão Digital (FreeWare) 2.7, julho 2002. Na epístola de Paulo aos Romanos, capítulo 5, versículo 8.

como propiciação pelos nossos pecados. [...] Nós amamos, porque ele nos amou primeiro”⁴¹. É desejo de Deus que todos os seres humanos “sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”⁴². E a fé é uma resposta de vida, “um projeto de existência que abrange todo o ser”⁴³, que encontra e segue a Jesus Cristo, “o caminho, e a verdade, e a vida”⁴⁴, para se relacionar com Deus, com os outros e com a natureza.

Nesta direção, Pedro Kalmbach aponta a educação cristã como “uma aprendizagem conjunta que se realiza no intercâmbio e na convivência entre adultos, jovens e crianças, entre mulheres e homens, entre pessoas de diversas condições sócio-econômicas, de diferente origem social, étnica, cultural e com diferentes interesses”⁴⁵ (tradução própria). Este intercâmbio e esta convivência acontecem a partir da concepção de Batismo que une todas as pessoas num mesmo Corpo, em que se expressa o perdão de Jesus Cristo e a dignidade de cada pessoa. Esta educação é também conhecida como Educação Batismal, que implica em ensinar o significado da graça de Deus e do próprio Evangelho. Educação cristã e Batismo caminham juntos desde a comissão de Jesus aos discípulos, que aparece no evangelho de Mateus, capítulo 28, versículos 19 e 20, onde ele diz “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.”⁴⁶.

Na definição de Martinho Lutero, o Batismo é a água ligada à palavra de Deus, é água de vida, conforme a carta do apóstolo Paulo a Tito, capítulo 3, versículos 5 a 7, Deus “nos salvou mediante o lavar da regeneração e renovação pelo Espírito Santo, que ele derramou abundantemente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador; para que, sendo justificados pela sua graça, fôssemos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna.”⁴⁷. Segundo a explicação de Lutero “o velho homem em nós, por contrição e arrependimento diários, deve ser afogado e morrer com todos os pecados e maus desejos, e, por sua vez, sair e

⁴¹ A BÍBLIA sagrada, 2002. Na primeira epístola de João, capítulo 4, versículos 10 e 19.

⁴² A BÍBLIA sagrada, 2002. Na primeira epístola de Paulo a Timóteo, capítulo 2, versículo 4.

⁴³ METTE, 1997.p.159.

⁴⁴ A BÍBLIA sagrada, 2002. No evangelho segundo João, capítulo 14, versículo 6.

⁴⁵ KALMBACH, Pedro. **Bautismo y educación**: contribuciones para el actuar pedagógico comunitario. 1ª ed. Buenos Aires: el autor, 2005. p.254. “un aprendizaje conjunto que se realiza en el intercambio y en la convivencia entre adultos, jóvenes y niños, entre mujeres y hombres, entre personas de diversas condiciones socio-económicas, de diferente origen social, étnico, cultural y con diferentes intereses”.

⁴⁶ A BÍBLIA sagrada, 2002.

⁴⁷ A BÍBLIA sagrada, 2002.

ressurgir diariamente novo homem, que viva em justiça e pureza diante de Deus eternamente”⁴⁸.

Uma comunidade cristã que batiza deveria assumir sua responsabilidade pela formação cristã “que possibilite às pessoas viver a partir de seu batismo e em função dele”⁴⁹, envolvendo a pessoa de forma integral (todas as áreas e dimensões de sua vida) e contínua (por toda a vida).

Manfredo C. Wachs distingue a Educação Cristã (com iniciais maiúsculas) “como disciplina integrante da grade curricular dos seminários teológico-pedagógicos e como disciplina do processo educativo desempenhado pelos institutos de capacitação contínua”, da educação cristã (com iniciais minúsculas) como “prática educativa realizada nas comunidades eclesiais e nas famílias cristãs, através dos diversos contextos educacionais”. Esta última ainda é classificada em educação cristã *familiar* e educação cristã *comunitária*. No ambiente familiar, “a difusão do evangelho é realizada de forma espontânea e assistemática através de vivência, instrução, atitudes e cultura religiosa”, enquanto na comunidade de fé, além de divulgar o evangelho, busca-se “instruir as pessoas sobre o significado do seu conteúdo e auxiliá-las no testemunho da fé”⁵⁰, de forma intencional, sistemática e deliberada.

Os orientadores do Culto Infantil entrevistados nesta pesquisa identificam a educação cristã como sendo: algo próprio dos adultos “*Os adultos têm a educação cristã continuada [...] geralmente, quando a criança tem uma boa educação cristã, ela é um bom cidadão também*” (entrevista 1); “*a continuidade, no momento que a criança está na escola, na família. É uma continuação daquilo que ela está vivendo para o dia-a-dia dela*” (entrevista 6); “*um ensino, um preparo cristão, relacionado com igreja*” (entrevista 7); “*toda a vivência (casa, igreja, escola)*” (entrevista 15); “*interconfessional*” (entrevista 20); “*tarefa que a comunidade assume no batismo*” (entrevista 21).

Os orientadores também dizem que a educação cristã: “*começa em casa com a responsabilidade dos pais*” (entrevista 9), “*através da oração, de histórias bíblicas*” (entrevista 19); “*completa o que a criança recebe*” (entrevista 13); “*tem objetivo de educar dentro de certa teologia*” (entrevista 17); “*está diretamente relacionada com a palavra de Deus, que é o fundamento para falar do amor Dele para as crianças*” (entrevista 18); “*inclui Ensino Religioso na escola, não é confessional. [...] abrange todas as idades, mas não é*

⁴⁸ LUTERO, Martinho. Os catecismos. In: **Livro de Concórdia**. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1983.p.376.

⁴⁹ KALMBACH, Pedro. Educação cristã contínua: sua fundamentação a partir do batismo. In: MARTINI, Romeo R.(Org.). **Batismo e educação cristã**: por uma vivência diária da fé. São Leopoldo: Sinodal, 2006.p.26.

⁵⁰ WACHS, Manfredo Carlos. **O ministério da confirmação**: contribuição para um método. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998.p.107-109.

comunidade, é geral pode acontecer em todos os âmbitos. [...] não necessariamente visa às pessoas de uma comunidade. [...] pode participar de um seminário sobre responsabilidade ou bioética, com uma platéia de adultos das diferentes igrejas” (entrevista 23).

Na comunidade de fé são diversos os contextos em que é possível desenvolver a educação cristã. No campo desta pesquisa, ou seja, na IECLB os contextos conhecidos e estruturados com o propósito de articular a educação cristã na comunidade de fé são: culto infantil, escola dominical, semana bíblica de férias, ensino confirmatório, grupos de jovens, estudos bíblicos, reuniões da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas - OASE, curso ALPHA, cursos de formação continuada na fé, encontros de discipulado, pregação nos cultos, palestra batismal, curso de noivos. Enfim, todo encontro em que a palavra de Deus esteja sendo utilizada como orientação e testemunho para a vida a partir da fé cristã, entre as diversas gerações que participam da vida na comunidade. Estes são os principais contextos. Entretanto, considerando a versatilidade de lideranças e as necessidades emergentes como o trabalho com idosos, o leque de expressão e atuação da educação cristã pode se ampliar. Devido à necessidade de uma delimitação do trabalho, a pesquisa enfocará o contexto do Culto Infantil.

1.3 Tarefa da Educação Cristã

Quando a educação cristã acontece a partir de um grupo de pessoas cristãs, ela deve promover a expressão do relacionamento com o transcendente a partir da vocação cristã que conclama: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças. [...] Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que esses.”⁵¹, conforme o evangelho de Marcos, capítulo 12, versículos 30 e 31.

Se este for o princípio válido para a educação cristã, a aquisição, a elaboração e a produção deste conhecimento deveriam promover a vivência da espiritualidade nas relações sociais que os cristãos mantêm na sociedade em que vivem dentro e fora do espaço eclesial.

Vivenciar a fé cristã nesta perspectiva implica conseqüências pessoais, para o grupo e para a sociedade. A fluidez das idéias e valores contemporâneos parece obscurecer a

⁵¹ A BÍBLIA sagrada, 2002.

existência destas conseqüências. Ao que parece, nossa realidade, em pleno século XXI, não é muito diferente daquela que Lutero vivenciou quando disse:

O homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias. E, infelizmente, muitos pastores são de todo incompetentes e incapazes para a obra do ensino. Não obstante, todos pretendem o nome de cristãos, estão batizados e fazem uso dos santos sacramentos. Não sabem nem o Pai-Nosso, nem o Credo, nem os Dez Mandamentos. Vão vivendo como os brutos e os irracionais suínos.⁵²

Denominar-se cristão é muito mais do que pertencer a um grupo religioso. Também é de Lutero a frase que diz: “Uma pessoa cristã não vive em si própria, mas em Cristo e em seu próximo. Em Cristo, pela fé; no próximo, pelo amor.”⁵³. Ser cristão significa descobrir em Jesus Cristo o mediador⁵⁴ da relação entre Deus e os seres humanos e “aceitar Jesus Cristo como Senhor e Salvador”⁵⁵. Ou seja, “a fé cristã é uma vida vivida em resposta ao Reino de Deus em Jesus Cristo”⁵⁶. Quando um grupo de pessoas se confessa cristão, deveria testemunhar o que o ensino de Jesus Cristo significa em palavras proclamadas, sentimentos celebrados e ações vivenciadas. Quando uma sociedade entende o Reino de Deus como fruto da cooperação entre Deus e os seres humanos, esta perspectiva deveria nortear suas ações, estruturas e organizações de forma responsável, crítica e radical.

Se a educação cristã intervém na vida das pessoas, implicando conseqüências pessoais, grupais e sobre a sociedade como um todo, se ela envolve a aquisição, a elaboração e a produção de conhecimentos, sensibilidades, valores, práticas e atitudes com base na vocação cristã, então ela abrange a totalidade do ser que comporta três áreas: o intelecto, as emoções e o caráter, e desenvolve-se nas dimensões: cognitiva, afetiva e atitudinal.

Thomas Groome identifica estas três dimensões na fé cristã⁵⁷ que cooperam para a totalidade do ser, com base nas três dimensões apresentadas por Tillich quando diz que “a fé, do ponto de vista bíblico, é um ato de toda a personalidade. Dela participam a vontade, o conhecimento e a emoção”⁵⁸. Elas deverão ser consideradas para se alcançar com mais eficácia o propósito da educação cristã de conduzir as pessoas no caminho ao crescimento na fé.

Da dimensão *cognitiva* fazem parte a atividade de crença, o conhecimento historicamente acumulado e a interpretação da experiência humana. Somos convidados a

⁵² LUTERO, 1983.p.363.

⁵³ LUTERO, Martim. In: **Senhas Diárias**. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p.19.

⁵⁴ A BÍBLIA sagrada, 2002. Na primeira epístola de Paulo a Timóteo, capítulo 2, versículo 5.

⁵⁵ GROOME, Thomas H. **Educação religiosa cristã**: compartilhando nosso caso e visão. São Paulo: Paulinas, 1985.p.84.

⁵⁶ GROOME, 1985.p.94.

⁵⁷ GROOME, 1985.p.124-128.

⁵⁸ GROOME, 1985.p.105.

pensar sobre o que cremos e tentar compreender o que se espera de nós, cristãos. A tarefa da educação cristã a partir desta dimensão envolve a instrução quanto à expressão da fé e o aprofundamento de sua compreensão.

Na dimensão *afetiva* existe a atividade de confiança, a relação de amizade entre nós e Deus que molda e é moldada pela relação que desenvolvemos com outras pessoas. Somos convidados a confiar em Deus para desenvolver nosso relacionamento com ele. A tarefa educacional que se apresenta é de sustentar o crescimento espiritual das pessoas, aprofundar sua relação com Deus em Jesus Cristo, pela admiração e reverência, e promover a relação de amizade e compromisso entre todas as pessoas.

Na dimensão *atitudinal*⁵⁹, a atividade é de ação. Somos convidados a participar no mundo, a abraçar a vida com alegria, esperança, paz e, a amar a Deus amando outras pessoas, colocando a vida a serviço do amor. A educação cristã tem a tarefa de promover a coragem de viver em resposta ao presente de Deus, e a coerência entre a fé confessada e as atitudes de participação no mundo.

Da mesma forma relaciono estas três dimensões com os três conceitos essenciais da comunicação apresentados por Howard Hendricks⁶⁰, denominados por Sócrates como *ethos*, *pathos* e *logos*. Ethos diz respeito ao caráter, à credibilidade e à credencial do educador. No dizer de Sócrates “o nosso jeito de ser é mais importante do que o que dizemos ou fazemos”. O caráter gera *confiança*. Pathos diz respeito à afetividade, à maneira como o educador “desperta as emoções e sentimentos” de e em seus educandos, porque “são as emoções que afinal determinam o rumo de nossos atos”. A afetividade gera a *motivação para aprender*. E Logos diz respeito ao conteúdo, à nossa argumentação, ao processo que produz compreensão do fato. O conteúdo é responsável por gerar, no educando, a *percepção* de quais ações, atitudes são mais apropriadas e requisitadas dele. O caráter está relacionado à dimensão atitudinal; a afetividade, à dimensão afetiva, e o conteúdo, à dimensão cognitiva. Atender às necessidades de cada dimensão é determinante para produzir confiança, motivação e percepção na educação cristã.

Destas dimensões da fé cristã convém direcionar a tarefa da educação cristã através dos seguintes objetivos de ensino: saber, sentir, fazer. Ou seja, para cada conteúdo de fé que se queira que os educandos *saibam*, é preciso considerar seus sentimentos para que eles *sintam*, e como consequência, *façam/ajam* de acordo com o esperado, de forma a tornar a

⁵⁹ Thomas Groome utiliza o termo comportamental, decorrente do pensamento comportamentalista. Numa reinterpretação e apropriação do conceito, optamos pela expressão atitudinal, por três motivos: 1) é mais abrangente, 2) tem relação direta com a ética e 3) tem conexão com a teoria de conteúdos.

⁶⁰ HENDRICKS, Howard. **Ensinando para transformar vidas**. Belo Horizonte: Betânia, 1991.p.91-94.

educação cristã, mais eficiente. A estes objetivos pode-se integrar o conceito dos quatro pilares da educação da UNESCO trazido no início deste capítulo.

Ao objetivo de ensino **saber** corresponde o **aprender a conhecer**, englobando as aprendizagens de compreender o mundo, viver dignamente, desenvolver capacidades individuais e coletivas, favorecendo o despertar da curiosidade intelectual, estimulando o sentido crítico e permitindo a aquisição de autonomia na capacidade de discernir, para aproveitar o máximo das oportunidades ao longo de toda a vida.

Ao objetivo de ensino **sentir** corresponde o **aprender a ser**, que leva em conta a pessoa integral (espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade). O desenvolvimento da identidade e de talentos da pessoa acontece a partir do autoconhecimento, da autocompreensão, da imaginação, da criatividade, da liberdade de pensamento, dos sentimentos e da capacidade de discernimento.

E ao objetivo de ensino **fazer** corresponde o **aprender a fazer**, engloba experiências espontâneas, ensinando a pôr em prática os conhecimentos, através de comportamentos eficazes e da capacidade de discernimento e criatividade.

Na combinação destes três objetivos de ensino ou pilares da educação é que se pode pensar em desenvolver o **viver com os outros**, pois é a partir dos conhecimentos, sentimentos e atitudes individuais, na relação com Deus que se quer estabelecer a relação de respeito e interdependência com os outros e o mundo.

Em síntese, o ser humano é convidado por Deus, através de Jesus Cristo, para a vivência plena da fé, que se expressa de forma vivenciada. A educação cristã deve contribuir no processo de desenvolvimento dos seres humanos na prática, na vivência da fé, conduzindo as pessoas da *crença* (ação cognitiva), pela *confiança* (ação afetiva), para a *atitude* (ação atitudinal). No dizer de Groome “‘conduzir para fora’ requer que estejamos, nós próprios, sempre indo para dentro para ir para fora, e que nos dediquemos a transformar-nos na semelhança daquele a cuja Imagem estamos formando e sendo formados”⁶¹.

⁶¹ GROOME, 1985.p.382.

2. CULTO INFANTIL

A preocupação com educação está presente na história da igreja luterana desde a origem, com referência a importância e responsabilidade que Lutero inquiria aos pais para com a educação de seus filhos, através de seus escritos: *Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas* (1524) e *Uma prédica para que se mandem filhos para a escola* (1530).

Lutero alertava “Ai do mundo sempre e eternamente! Todo dia nascem crianças e são criadas entre nós. Infelizmente, não há ninguém que se dedique à pobre juventude e lhe dê orientação. Deixamos as coisas correrem de qualquer jeito.”⁶². Para Lutero, pais verdadeiros, cristãos e fiéis deveriam preocupar-se com o sustento e com a alma dos filhos, e por isto reivindicar um ensino saudável e competente. Lutero defendia a existência de pessoas capacitadas para ensinar e educar a infância e a juventude da época.

Veit Dietrich, aluno de Lutero, é quem primeiro desenvolve a idéia de “*Kinderpredigten*”⁶³, pregação para crianças, durante o culto, na cidade de Nürnberg, no período da Reforma. Nos encontros com crianças havia momentos de instrução e momentos litúrgicos. Porém, esta prática durou pouco.

Gottfried Adam relata que, em 1739, o termo “*Sonntagsschule*”⁶⁴, referia-se à prática de instruir aos domingos/escola dominical, como um momento de instrução, em tempo extra, para reforçar o que foi aprendido na escola, com duas ênfases: uma sobre temas religiosos e outra, sobre temas seculares, com um aparente formato litúrgico. Em 1767, o pastor Friedrich Oberlin, reúne crianças, em sua comunidade em Steintal, aos domingos, para ler e explicar histórias bíblicas, com o auxílio de pessoas da comunidade. Desta prática surgiram os

⁶² LUTERO, Martim. **Educação e reforma**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.p.17.

⁶³ ADAM, Gottfried. Kindergottesdienst. In: ADAM, Gottfried & LACHMANN, Rainer (Hersg.). **Gemeindepädagogisches Kompendium**. Göttinger: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.p.282.

⁶⁴ ADAM, 1987.p.283-284.

“*Kindergärten*”, jardins de infância, conhecidos primeiramente como “*Christlichen Kleinkinderschulen*”⁶⁵, escolas para pequenas crianças cristãs. Sobre estas práticas surge a Escola Dominical, de tradição anglo-americana, e o Culto Infantil, de tradição alemã.

2.1 Escola Dominical

A Escola Dominical surge na Inglaterra no contexto histórico-social da revolução industrial, do desenvolvimento científico, da reforma agrária que impulsiona as famílias pobres a viver nas cidades.

Em 1780, na Inglaterra, Robert Raikes observa grande número de crianças empobrecidas, brincando na rua, e é informado que aos domingos este número é ainda maior, porque também as crianças precisavam trabalhar muito, durante a semana, sem oportunidades para aprender a ler e escrever. Raikes, que era gráfico, imprime livros de histórias e contrata mulheres para contar as histórias às crianças. Sua preocupação com as crianças trabalhadoras abre-lhes uma possibilidade alternativa de alfabetização. Além da motivação social, também existe a motivação religiosa do Metodismo, do qual Raikes participava⁶⁶.

Até 1799, as Escolas Dominicais se expandem para o País de Gales, a Irlanda e a Escócia. Antes, em 1791, é criada a primeira Escola Dominical nos Estados Unidos da América (EUA), porém com um propósito diferente. Francis Ashbury, bispo da Igreja Episcopal Metodista, ao transferir-se da Inglaterra para os EUA, percebe a carência de formação religiosa das pessoas, e procura alcançar os jovens da comunidade, com enfoque missionário. A Escola Dominical transforma-se gradualmente no centro do trabalho comunitário, logo atingindo pessoas de todas as idades⁶⁷. A Escola Dominical organizava-se em classes, conforme a idade, e “destinava-se apenas aos ensinamentos bíblicos e doutrinários”⁶⁸.

⁶⁵ ADAM, 1987.p.283.

⁶⁶ ADAM, 1987.p.284-286.

⁶⁷ ADAM, 1987.p.285-287.

⁶⁸ JUNGE, Letícia Bencke. **Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical**: experiências nas comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville (1968-1981). São Leopoldo: EST/IEPG, 2004. (dissertação de mestrado) p.19.

2.2 Kindergottesdienst

No ano de 1790, a Escola Dominical começa a ser conhecida em Hamburgo, sofre um processo de adaptação à realidade alemã, e por algum tempo é considerada como complementação da educação elementar. Porém, somente em 1825 é iniciada a primeira Escola Dominical alemã, com os pastores luteranos Johann Georg Oncken e Johann Wilhelm Rautenberg. O ensino compreendia a arte da leitura e da escrita e eram utilizados a Bíblia, o catecismo e o cancionário.

Porém, a prática alemã não conseguiu assimilar a concepção inglesa de ensino. A intenção era transformá-la em “*Gottesdienst für Kinder*”, Culto para crianças. Em 1838, Johann Hartwig Bauer usa o termo “*Kinderkirche*”, Igreja Infante; e em 1847, Eduard Gleiß e colaboradores usam o termo “*Kindergottesdienst*”, Culto das crianças/Culto Infantil. Em 1869, o nome *Escola Dominical como Culto Infantil*, é usado para distinguir as duas dimensões do trabalho feito com crianças: uma dimensão catequética, centrada no ensino da tradição cristã através de histórias bíblicas, e outra litúrgica, centrada na convivência comunitária e expressão da fé através de cantos, orações e narrativas bíblicas. Em 1882, em Bremen, o Congresso de Escolas Dominicais determina como definitivo o termo “*Kindergottesdienst*”, firmando o Culto Infantil como trabalho comunitário, mais voltado para a dimensão litúrgica⁶⁹. A partir de então, o Culto Infantil é visto como “um culto para e, ao mesmo tempo, das crianças”, que “festejam suas experiências, sua vida, sua fé. Elas respondem à palavra proclamada (litúrgica) através de confissão, oração e cantos de louvor”⁷⁰.

A história do Culto Infantil é marcada pela iniciativa de membros leigos das comunidades de fé. Em 1891, Ernst Christian Achelis é um dos primeiros teóricos que apresenta o Culto Infantil como sendo o estágio intermediário do catecumenato⁷¹, entre o ensino recebido em casa, com a família e o ensino confirmatório.

Em 1919, Friedrich Niebergall estrutura uma liturgia mais apropriada para o Culto Infantil, mais leve que a do culto dos adultos. Considerando o jeito de ser das crianças, ele recomenda orações curtas, atividades movimentadas e hinos fáceis. Desta liturgia faziam

⁶⁹ ADAM, 1987.p.286-288.

⁷⁰ ADAM, 1987.p.293-294.

⁷¹ Catecumenato entendido como processo contínuo de aprendizagem na fé, “para vivência do evangelho”. VOLKMANN, Martin. Catecumenato Permanente – um desafio que permanece. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 34, n.3, p.205-218, 1994.p.209-210.

parte: introdução, oração, canto, conversa em grupos ou pregação para crianças, colocações finais ou catequese, oração, hino e bênção⁷².

No período da Segunda Guerra Mundial, o Culto Infantil teve o caráter catequético reforçado. Porém, como o conteúdo das pregações nas comunidades tornou-se pró-nazista e antijudaico, a participação das crianças diminuiu. Em 1939, Oskar Hammelsbeck estabeleceu que o Culto Infantil fosse um curso cristão com três propósitos: fazer missão, batizar e capacitar para a vivência do evangelho. Após a guerra, “a questão da liturgia foi discutida em detalhes”⁷³.

O uso freqüente do termo *Kindergottesdienst* – culto das crianças, chama a atenção para “a necessidade de um trabalho pedagógico com as crianças na Comunidade”⁷⁴. Desde 1970, iniciou-se a orientação do Culto Infantil a partir de temas religiosos e pedagógicos que levassem em conta a criança e suas perguntas, seus problemas, e a necessidade de enxergar as coisas do seu contexto ou ponto de vista. Desde a década de 1980, vêm sendo desenvolvido um conceito integral e integrador, que envolve liturgia e catequese, procurando-se por uma combinação saudável, acolhedora, terapêutica, mais próxima da realidade que se vive.

2.3 Culto Infantil

A historiografia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB registra apenas sobre como a igreja foi se constituindo, destacando o papel dos obreiros pastores. Não há ainda uma pesquisa histórica sobre o Culto Infantil. Em 1824, a igreja luterana chegou ao Brasil, com os imigrantes alemães e uma história de ensino marcada pela ortodoxia e pelo pietismo. Enquanto a ortodoxia defendia a “aprendizagem da doutrina correta”, o pietismo colocava ênfase “na vivência pessoal e comunitária dos ensinamentos do evangelho, na separação do cristão dos prazeres mundanos devido ao agudo senso de pecaminosidade humana e da conseqüente necessidade de regeneração”. O pietismo contribuiu pedagogicamente com a educação cristã quando fez da “educação uma atividade do coração, das mãos e do intelecto”. Orientava-se para uma “decisão pessoal por Cristo, ao invés da concordância intelectual com certos princípios teológicos”⁷⁵.

⁷² ADAM, 1987.p.289-290.

⁷³ ADAM, 1987.p.291.

⁷⁴ GRAMKOW, Cristiane. **A importância do/a orientador/a na tarefa do Culto Infantil**. São Bento do Sul: EST/IEC, 1999. (Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Educação Cristã)p.6.

⁷⁵ STRECK, Danilo R. Perspectiva luterana da educação (IECLB). In: STRECK, Danilo R. (org.). **Educação e igrejas no Brasil: um ensaio ecumênico**. São Leopoldo: CELADEC/IEPG, 1995.p.27-28.

Durante muito tempo, os ensinamentos sobre a fé da igreja luterana foram repassados com “a Bíblia, o Catecismo Menor de Martinho Lutero e o hinário”⁷⁶. Em 1969, foi criado o Departamento de Catequese da IECLB, com o objetivo de coordenar a educação cristã nas escolas e comunidades da igreja. Tinha como tarefas “a capacitação de lideranças e a elaboração de materiais didáticos para o Culto Infantil e a Escola Dominical, para o Ensino Confirmatório e o Ensino Religioso.”⁷⁷. Até 1971, utilizava-se um material chamado *Estudos para Escola Dominical*, “que era praticamente o único material específico de orientação para os que auxiliavam no Culto Infantil”⁷⁸. A partir de 1972, o Departamento de Catequese, iniciou a publicação do *Manual para Orientadores do Culto Infantil e da Escola Dominical*. Na introdução do referido manual foi feita uma opção pelo Culto Infantil. A Escola Dominical foi caracterizada como

aula de Ensino Cristão, de catequese sendo realizada em poucas comunidades em nossa Igreja, enquanto que a prática do Culto Infantil se coloca mais sob o aspecto de mensagem, de pregação, de adoração, de culto, pondo ênfase na parte narrativa, estando amplamente divulgada no âmbito de nossa Igreja.⁷⁹

Em 1979, se tentou dar início a uma reflexão sobre o Culto Infantil/Escola Dominical – CI/ED, tido como “uma das atividades mais tradicionais em grande parte das comunidades da IECLB”, embora a participação das crianças de 4 a 12 anos fosse estimada em torno de 5% do total aproximado de 120.000 crianças. Danilo Streck já deixava claro “que o trabalho com crianças é responsabilidade da comunidade toda, ou seja, pais, presbitério, diversos grupos e departamentos da comunidade”⁸⁰. Porém, destacava uma tarefa específica do CI/ED: “que as crianças sejam ajudadas a reconhecer o amor e a vontade de Deus, e a participar neste amor e na realização desta vontade”. Na prática, significa considerar as crianças e sua realidade, traduzir a mensagem de Deus, de forma acessível e significativa, e auxiliar na apropriação dos conteúdos da fé cristã para a vida.

Martim Reusch, diretor do Departamento de Catequese na época, resgatou a caracterização do Culto Infantil/Escola Dominical em duas formas. Uma apresentada como “encontro com as crianças”, com liturgia e divulgação da mensagem simplificadas, narrativa de texto bíblico, atualização e fixação, canto e atividade criativa expositiva, sendo por vezes,

⁷⁶ STRECK, 1995, p.28.

⁷⁷ KLEIN, Remi. Entrevista sobre o Departamento de Catequese da IECLB. In: JUNGE, Letícia Bencke. **Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical: experiências nas comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville(1968-1981)**. São Leopoldo: EST/IEPG, 2004. (dissertação de mestrado).p.176.

⁷⁸ REUSCH, Martim. **Manual para orientadores do Culto Infantil e da Escola Dominical**. São Leopoldo: Sinodal, 1972.p.1.

⁷⁹ REUSCH, 1972.p.1-2

⁸⁰ STRECK, Danilo. A tarefa do Culto Infantil/Escola Dominical. In: Revista do CEM - Centro de Elaboração de Material, ano 2 – 1979, nº1/2. **A criança na comunidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1979. p.12-18.

considerada como um ensaio “ao culto dos adultos”. A outra buscava relacionar com a vida e experiências das crianças, abordando textos bíblicos e temas da vida e realidade; a dinâmica dos encontros envolvia o agrupamento das crianças conforme o nível de desenvolvimento, em círculos, oportunizando a participação; hinos eram acompanhados de atividades criativas como desenho, dramatização, jogo; buscava-se o confronto com a mensagem e sua aplicação concreta em forma de testemunho e serviço, no nível das crianças⁸¹.

Reusch também apresenta critérios e concepções que deveriam orientar o trabalho com crianças nas comunidades: 1) no CI/ED deveria haver condições de considerar a criança conforme fase de desenvolvimento e peculiaridades próprias; 2) os conteúdos de fé devem ser relacionados à vida, à vivência e às experiências diárias; 3) o ensaio da comunhão no CI/ED será considerado como “iniciação à vida de comunhão na comunidade maior dos que crêem”, oportunizando vida em comunhão, amizade, realização de tarefas, partilha de experiências, percepção do outro, vivência de alegrias e tristezas, resposta à mensagem ouvida; 4) considerando a criança como sujeito ativo, o CI/ED deveria oportunizar diversas formas de expressão, vitais para que as crianças se constituam como pessoas; 5) o CI/ED é o espaço para se descobrir, elaborar e viver tarefas de serviço, também para fora do encontro; 6) sendo o processo de aprendizagem na fé um processo que engloba a vida toda da criança, o CI/ED deve integrar família e comunidade⁸².

Em 1982, o nome do material foi alterado para *Manual do Culto Infantil*, por opção do Departamento de Catequese com base em justificativas teológicas e pedagógicas⁸³. Na apresentação do manual daquele ano consta

pretendemos perseguir um encontro dominical em estilo de **culto** de crianças. [...] gostaríamos de propor uma reflexão e um aprofundamento maior sobre o Culto Infantil na comunidade. A intenção é trazer mais do que uma catequese semanal, oferecendo idéias, sugestões e um embasamento maior para o trabalho com crianças na Igreja.⁸⁴

As atividades educacionais desenvolvidas na igreja com o propósito de “tornar o evangelho acessível às crianças” deveriam estar ancoradas “no compromisso assumido em comunidade no ato do batismo”⁸⁵, quando é perguntado aos pais e padrinhos se eles prometem fazer tudo para que a criança batizada seja educada e instruída na fé da igreja cristã.

⁸¹ REUSCH, Martim. Dinâmica de Escola Dominical/Culto Infantil: novas possibilidades. In: Revista do CEM - Centro de Elaboração de Material, ano 2 – 1979, nº1/2. **A criança na comunidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1979.p.21-22.

⁸² REUSCH, 1979.p.23-24.

⁸³ KLEIN, 2004.p.179.

⁸⁴ CENTRO de elaboração de Material da IECLB. **Manual do culto infantil**. São Leopoldo: Sinodal, 1981.p.2.

⁸⁵ GRAMKOW, 1999.p.17,19.

Mauro Schwalm, pastor na IECLB, em seminário de aprofundamento para orientadores do Culto Infantil, em 2000, define o Culto Infantil como sendo o

serviço das crianças a Deus, serviço a Deus com as crianças, serviço de Deus às crianças através de nós. É espaço privilegiado da graça de Deus. Espaço onde se pode celebrar em conjunto a esperança cristã; onde se ensinam e transmitem fundamentos da nossa fé cristã. Mas também é espaço onde sempre de novo se pode aprender que Deus nos ama desde o princípio e quer que todos sejamos como crianças: humildes, simples, acolhedoras, receptivas, afetivas. Enfim, que se sabem dependentes do seu amor e da sua graça.⁸⁶

Culto Infantil é um contexto de educação cristã, na IECLB, que oportuniza o crescimento na fé, como resposta a ação salvífica de Deus no Batismo. Este crescimento se dá a) *pela pregação do evangelho*: anúncio da palavra e a ação de Deus em favor da pessoa, anúncio da graça e misericórdia de Deus; b) *pela relação de intimidade*: espiritualidade cultivada e expressa de forma cúltica; e c) *pela vivência da fé*: no âmbito pessoal, enfrentando as adversidades e alegrias da vida, e no âmbito comunitário, respeitando e aprendendo o amor e o perdão, testemunhando a fé em ações concretas.

Estas formas, como o crescimento na fé acontece, podem ser observadas nas definições de Culto Infantil apresentadas por educadores cristãos, conhecidos como orientadores do Culto Infantil, em seus depoimentos (Apêndice 3) à entrevista aplicada por esta pesquisa.

Com relação à ***pregação do evangelho***, os orientadores entrevistados dizem que o Culto Infantil é o “*encontro com crianças para ensinar a palavra de Deus*” (entrevista 11); é o “*espaço que se tem para falar de Deus e de seu amor por elas*” (entrevista 12); é “*onde a criança aprende sobre a bíblia, amor, respeitar valores*” (entrevista 13) “*é uma preparação teológica, [...] uma preparação bíblica para as crianças, o fundamento bíblico, a base das histórias bíblicas que a gente está contando*” (entrevista 7). A ênfase está em ensinar e aprender a palavra, a ação, a graça e a misericórdia de Deus, em favor das pessoas. Assim sendo, é preciso conhecer a Deus pelas histórias bíblicas que revelam quem ele é. A ***pregação do evangelho*** pode construir, restaurar, trabalhar sentido na vida da criança e em suas relações com Deus, com os outros, com a natureza e com ela mesma.

Outros orientadores apresentam argumentos pedagógicos que valorizam o Culto Infantil e o distinguem em relação ao culto dos “adultos”, quando afirmam que o Culto Infantil “*é o espaço da criança dentro da IECLB [...]*” (entrevista 1); “*é um espaço de*

⁸⁶ SCHWALM, Mauro. Palavras de abertura de Seminário Sinodal para orientadores do Culto Infantil, 21 mai 2000. In: DEPARTAMENTO de Catequese da IECLB. **Manual para o Culto Infantil**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.p.7

celebração, onde a ênfase é a participação das crianças, é um espaço próprio para as crianças. Se o culto é o espaço aonde Deus vem ao encontro da comunidade, Culto Infantil é o espaço aonde Deus vem ao encontro das crianças. [...] É também um espaço de motivação para uma participação mais efetiva na própria comunidade” (entrevista 22); é o “*espaço de vivência em comunidade e aprendizado*” (entrevista 20), “*que se adapta à compreensão, ao entendimento das crianças*” (entrevista 21), “*onde a criança na maneira e na linguagem dela, aprende as maravilhas de Deus, o quanto Deus a ama e cuida dela*”(entrevista 14). É “*onde a gente pode ensinar para elas o caminho de Deus numa forma mais leve*” (entrevista 8), “*ensinar a palavra de Deus, usando uma linguagem acessível para elas*”(entrevista 11). Estes depoimentos apontam para a necessidade de que os orientadores do Culto Infantil precisam de formação pedagógica que lhes permita olhar para as crianças; ler sua realidade, a partir do ponto de vista delas; entender suas fases de desenvolvimento, sua linguagem e capacidade de compreensão e assimilação dos conteúdos de fé, para auxiliá-las na apropriação e aplicação destes em suas vidas, num processo contínuo e crescente de envolvimento e compromisso pessoal e diário com o Deus vivo revelado.

A aprendizagem do amor de Deus acontece por parte da criança, mas também do orientador que se prepara para ensinar e acaba aprendendo. Uma das pessoas entrevistadas dá o seguinte depoimento sobre o seu envolvimento com o Culto Infantil: “*é um momento agradável com as crianças, onde a gente brinca, conversa, troca experiências. Às vezes a gente vai preparada e elas acabam envolvendo mais, nos questionam. [...] É um momento de crescimento pessoal, que você se doa e acaba aprendendo com as crianças*” (entrevista 6). Outra pessoa entrevistada afirma que o orientador do Culto Infantil precisa “*saber que não só se ensina, mas também se aprende. Que ele não é mais nem menos que as crianças*”. Estes depoimentos expressam a importância da disposição do orientador em buscar e permanecer em processo de formação contínua.

Nesta forma de ser do Culto Infantil, identificamos o pilar da educação que tem como propósito **aprender a conhecer**. A ação que se espera é *cognitiva*, no sentido de conhecer e vivenciar os conteúdos de fé, interpretar a experiência humana, pensar sobre o que se crê e tentar compreender o que se espera de nós, cristãos, como expressar e aprofundar a fé.

Um dos objetivos do Culto Infantil é desenvolver esta dimensão cognitiva, através daquilo que se deseja ensinar às crianças. Para isto, é tarefa do Culto Infantil englobar as aprendizagens de compreender o mundo, viver dignamente, desenvolver capacidades individuais e coletivas, favorecendo o despertar da curiosidade intelectual, estimulando o

sentido crítico e permitindo a aquisição de autonomia na capacidade de discernir com base em princípios da fé cristã, para aproveitar o máximo estas aprendizagens, ao longo de toda a vida.

Outra forma, como o crescimento na fé acontece, é através da *relação de intimidade*, caracterizada quando os orientadores dizem que o Culto Infantil “*é a comunhão das crianças ou a comunidade das crianças em torno da palavra de Deus*” (entrevista 23). É o “*momento de encontro e troca de idéias sobre relacionamentos, a fé, oração e outros assuntos*” (entrevista 10); “*momento de liturgia, de convivência das crianças com a palavra de Deus, e feito para elas*” (entrevista 16). O conteúdo primordial apontado e enfatizado pelos orientadores é o “*amor que Deus tem por elas*” (entrevista 18), as crianças. Este amor de Deus se manifesta através das maravilhas feitas por ele e do seu cuidado pelas crianças. A *relação de intimidade* desenvolve-se pela afetividade, quando as crianças conseguem sentir o amor e o cuidado de Deus com elas e pelas pessoas que elas amam, principalmente pela convivência afetiva que se desenvolve. O Culto Infantil é, portanto, um “*espaço celebrativo e de convivência*” (entrevista 21), em resposta a aceitação, ao amor e ao respeito que as crianças sentem.

Ainda sobre o aspecto celebrativo, alguns orientadores consideram que, “*se o culto é o espaço aonde Deus vem ao encontro da comunidade, Culto Infantil é o espaço aonde Deus vem ao encontro das crianças. Momento de celebração das crianças com o uso de altar, símbolos, seqüência litúrgica. [...]*” (entrevista 22). Ou ainda, é “*celebração de fé, que tem uma ‘liturgia’ voltada para a criança*” (entrevista 9). “*É um encontro para crianças onde se celebra, se ouve da Palavra de Deus, se canta, faz brincadeiras e atividades em relação à história*” (entrevista 19). A ênfase está em celebrar a espiritualidade de forma cúllica, cultivando a relação com este Deus amoroso e expressando sentimentos individuais e coletivos, por meio de ações diversas.

Com a intimidade se desenvolve a confiança, a relação de amizade entre as crianças e Deus, e com outras pessoas, contribuindo para a formação de identidade, o sentimento de pertença, a geração de autonomia e o crescimento na fé.

A identidade se constrói com o respeito, a consideração e as condições que são dadas a cada criança de passar pela experiência de assumir-se. No dizer de Paulo Freire “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto”⁸⁷. A criança assume sua identidade diante de

⁸⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.p.46.

Deus quando suas concepções e seus sentimentos são expressos, aceitos e respeitados pelo grupo de convivência, o que, por outro lado, também gera o sentimento de pertencer ao grupo das pessoas que se identificam pela mesma fé em Deus.

A autonomia se desenvolve pelo respeito e pela dignidade que o orientador confere à curiosidade, ao gosto estético, à inquietude, à linguagem da criança; e, pela forma como ele estimula e permite que a criança assuma sua capacidade de aprender, sentir, fazer, viver aquilo que lhe foi ensinado. Na medida em que a criança usa estas capacidades, e se assume como sujeito de sua vida de fé, na relação com Deus e as outras pessoas com quem se identifica, sua fé cresce interiormente e se expressa exteriormente, em atitudes.

A espiritualidade é cultivada e expressada pela admiração e reverência em “*viver com Deus, família e comunidade*” (entrevista 17), e se desenvolve à medida que o relacionamento com Deus se intensifica, produzindo sentimentos de segurança, aceitação, paz, alegria, amizade, respeito e solidariedade. O despertar destes sentimentos, a prática da afetividade gera a motivação para que as crianças pratiquem o que aprenderam cognitivamente.

Pelos argumentos apresentados, o Culto Infantil precisa ser um encontro alegre, seguro e tranquilo, em que as crianças se sintam aceitas, amadas e respeitadas, em que elas sintam alegria, paz, consolo e ânimo, em estarem juntas e experimentar a presença de Deus. O que significa dizer que o orientador de Culto Infantil precisa estar consciente da necessidade que a criança, assim como o adulto, tem de vivenciar esta experiência, mesmo que não saiba como explicá-la.

Novamente é possível perceber aspectos de outro pilar da educação. Desta vez aquele que tem como propósito **aprender a ser**, que leva em conta a pessoa integral (espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade). A pessoa desenvolve a identidade e os talentos a partir do autoconhecimento, da autocompreensão, da imaginação, da criatividade, da liberdade de pensamento, dos sentimentos e da capacidade de discernimento. A ação que se espera é *afetiva*, no sentido de desenvolver a confiança, a relação de amizade entre a criança e Deus, moldada pela relação que ela desenvolve com outras pessoas. A criança é convidada a confiar em Deus para desenvolver seu relacionamento com ele.

Um dos objetivos do Culto Infantil é desenvolver a afetividade, através daquilo que se quer que as crianças **sintam**. Torna-se, portanto, tarefa do Culto Infantil: sustentar o crescimento espiritual das crianças, aprofundar sua relação com Deus e promover a relação de

amizade e compromisso com e entre todas as pessoas de seu convívio, no grupo do Culto Infantil e para além dele.

A concepção de crescimento na fé também é observada nas falas dos orientadores como *vivência da fé*, ou seja, o Culto Infantil “*é um trabalho fundamental para a vida da criança, da pessoa, para viver melhor, junto com os outros, principalmente dentro da comunidade dela e vivenciar a fé*” (entrevista 2); é a “*base para as crianças construírem sua vida como cristãos. [...] Bases para viver a vida cristã*” (entrevista 3). “*O Culto Infantil deve ter também a função de despertar o testemunho no mundo, na sociedade. No Culto Infantil, celebrar esse amor de Deus nos fortalece para sermos testemunhas concretas no nosso dia a dia, falando, mas também agindo*” (entrevista 22). Ou seja, é apresentada uma dimensão prática, avançando do campo das idéias e dos sentimentos para o campo das ações, articulando a fé cristã como a inspiração para uma prática de vida, da vida cristã. A ênfase está em desenvolver ações que possibilitem enfrentar as adversidades e as alegrias da vida, respeitar e aprender o amor e o perdão, testemunhar a fé em ações concretas, com Deus, com a família, com a comunidade, e com a sociedade como um todo.

Como comunidade cristã, a igreja tem a intenção de que seus membros aprendam a participar da vida comunitária a partir da experiência do Culto Infantil, o que também aparece nas entrevistas, quando é dito que o Culto Infantil “*é a base da comunidade porque a criança que participa do Culto Infantil depois vai participando dos outros setores da comunidade. E se a criança não começa desde cedo a participar é muito difícil depois ela participar do grupo de jovem porque ela não tem aquela vivência. E quase tudo que se aprende enquanto se é criança é mais forte depois. A criança que não tem uma vivência religiosa enquanto criança é muito difícil participar depois, até na própria sociedade, se incluir em outros setores*” (entrevista 4), com referência a Provérbios, capítulo 22, versículo 6, que diz: “*eduque a criança no caminho em que deve andar, e até o fim da vida não se desviará dele*”⁸⁸. Surge um forte argumento para a importância de se investir no trabalho com crianças, quando um orientador diz que é no Culto Infantil “*que inicia toda a vida da comunidade*” (entrevista 5).

Os orientadores também apontam para uma responsabilidade do Culto Infantil, que parece estar sendo negligenciada pelos pais. Isto se evidencia nos depoimentos: “*é um trabalho extremamente importante porque é ali que se preenche um pouco o que a família deixa de fazer*” (entrevista 2), e “*faz o que antigamente os pais faziam, [...] preenche parte*

⁸⁸ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.434.

da função dos pais” (entrevista 3). Os orientadores entrevistados alertam sobre a participação dos pais, quando dizem que o “*Culto Infantil é primordial e tem que ser despertado pelos pais. Não basta mandar para o Culto Infantil; é preciso que os pais também participem dos setores da igreja*” (entrevista 4).

Os outros pilares da educação também se apresentam nesta forma de ser do Culto Infantil. **Aprender a fazer** tem por propósito ensinar a criança a colocar em prática os conhecimentos, o que aprendeu no Culto Infantil. Não basta *saber* e *sentir*, é preciso *fazer* com espontaneidade, responsabilidade, discernimento, compromisso e criatividade, dentro do contexto em que ela vive, no momento presente e no futuro. E **aprender a viver com os outros** exige descobrir-se a si mesma para compreender melhor e respeitar os outros, saber dialogar, trocar argumentos, participar de projetos comuns, construindo a paz sobre tensões e conflitos.

A ação que se espera é atitudinal, procurando desenvolver a participação ativa, alegre, esperançosa, pacífica e amorosa. As crianças são convidadas a amar a Deus amando outras pessoas, colocando a vida a serviço do amor. O Culto Infantil tem o objetivo de desenvolver o testemunho da mensagem da fé cristã em palavras, sentimentos e atitudes, através daquilo que se quer que as crianças **façam**. É tarefa do Culto Infantil, promover a coragem de viver em resposta ao presente de Deus, e a coerência entre a fé confessada e as atitudes de participação no mundo.

Na combinação da *pregação do evangelho*, da *relação de intimidade*, e da *vivência da fé*, com os pilares da educação, *aprender a conhecer*, *aprender a ser*, *aprender a fazer* e *aprender a viver com os outros*, é necessário desenvolver os objetivos de ensino do Culto Infantil. Estes objetivos se expressam nas ações de *saber*, *sentir* e *fazer* para que o crescimento na fé aconteça de forma dinâmica, processual e efetiva, conduzindo seus sujeitos da *crença* (ação cognitiva), pela *confiança* (ação afetiva), para a *atitude* (ação atitudinal), e envolvendo a vida toda da criança.

Em síntese, crença, confiança e atitude equivalem ao que o apóstolo Paulo, escreveu na primeira carta aos Coríntios, capítulo 13, versículo 13, “existem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor. Porém a maior delas é o amor”⁸⁹. Portanto, fé e esperança ganham vida no amor praticado, vivido em relação a Deus através da relação com os outros. Isto pode acontecer no Culto Infantil, mas também pode acontecer no culto chamado “dos adultos”, o que não justifica colocar todos juntos no mesmo culto e esperar que o processo aconteça com

⁸⁹ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.143.

todos naturalmente. Como já foi mencionado, as crianças têm características peculiares, linguagem própria, capacidade de compreensão e assimilação dos conteúdos de fé diferente dos adultos, e elas precisam ser respeitadas e consideradas de maneira diferente, especial, para que sua especificidade seja atingida e os objetivos da educação cristã com elas sejam alcançados.

Os orientadores do Culto Infantil entrevistados nesta pesquisa identificam-no dizendo que: *“indo ao Culto Infantil, a criança vai adquirindo, evoluindo, vai tendo mais conhecimento do que é ser cristão, qual a importância de Cristo para nós e o que um cristão faz na sociedade, quais são as atitudes de um cristão”* (entrevista 1); *“tem pessoas que vêem o Culto Infantil como o lugar onde os orientadores estão lá para brincar, mas é uma visão equivocada. O Culto Infantil é uma prática no nível das crianças, mas é um culto. Tem momentos de brincadeira, mas o principal é a fundamentação teológica, a doutrina cristã”* (entrevista 4); *“é uma preparação cristã sobre mandamentos, bíblia, sacramentos”* (entrevista 7); *“tem aqueles desenhos, aquelas músicas com gestos, aquilo apresenta a vida cristã para as crianças. E a criança aprende tão fácil isto que ela leva pro resto da vida. Eu posso mostrar para elas um caminho onde não tem uma obrigação: tu gostas de Deus? Segue ele!”* (entrevista 8); *“é uma caminhada, complemento, espaço para crescer na fé, demonstrar solidariedade”* (entrevista 9); *“no Culto Infantil deve ter uma educação integral. Ajudar as crianças a se integrarem”* (entrevista 12); *“é ferramenta de transmitir a palavra de Deus”* (entrevista 15); *“tem a sua teologia e tem como base sentir o mundo cristão, lugar de convivência de sentir a presença de Deus”* (entrevista 17); *“é confessional”* (entrevista 20); *“no Ensino Confirmatório, a criança que participou do Culto Infantil vem com uma bagagem maior. É mais certo que uma criança que participou do Culto Infantil vá querer participar da Juventude do que uma que não participou”* (entrevista 19); *“tem [...] papel de ensinar, é uma tentativa de desempenhar esta tarefa assumida no batismo. É uma... dentro de um processo, na perspectiva de educação contínua”*(entrevista 21); *“é educativo pelo contato com elementos e símbolos litúrgicos, faz parte do celebrar, [...] de ensinar, falar sobre os conteúdos da fé: as histórias bíblicas, os mandamentos, o relacionamento de Deus com o seu povo, esse Deus amoroso que está sempre de novo chamando e indo ao encontro de seu povo”* (entrevista 22); *“é comunidade, são as crianças da comunidade agrupadas ao redor da palavra de Deus, às vezes em outro espaço ou tempo”* (entrevista 23).

Urge fortalecer o Culto Infantil pela redescoberta de sua função e propósito; pela capacitação dos que nele atuam; pelo aprofundamento, contextualização dos conteúdos de fé; pela apropriação de metodologias criativas e emancipatórias; pela criação de formas

alternativas de buscar as crianças que não participam; pelo despertar do compromisso dos pais com suas crianças; pela postura da igreja em retomar suas prioridades. Este espírito de união de forças é requisitado tanto para o Culto Infantil, quanto para o próprio culto “dos adultos”, e por que não dizer para a vida da igreja toda.

2.4 Sujeitos da educação cristã no Culto Infantil

Sujeito é um dos termos essenciais da oração, em Língua Portuguesa. É o ser de quem se diz alguma coisa. Já para a filosofia, sujeito é o ser individual, real, que se considera como tendo qualidades ou praticado ações⁹⁰. Os sujeitos participantes e capazes de realizar as tarefas da educação cristã, numa igreja que batiza crianças como é o caso da IECLB, são: *as crianças, os pais e padrinhos e a comunidade eclesial*. O Culto Infantil é uma das possibilidades de auxílio na educação cristã das crianças batizadas, na IECLB, e nele, as lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos são conhecidos como *orientadores do Culto Infantil*.

Historicamente, no entanto, a criança nem sempre foi considerada como sujeito. No mundo greco-romano, nos séculos imediatamente anteriores e posteriores ao nascimento de Jesus Cristo, “era prática comum abandonar crianças [...] e até grandes filósofos defendiam este procedimento”⁹¹. Platão, por exemplo, dizia que “entre todas as criaturas selvagens, a criança é a mais intratável; pois, possuindo, acima de todos os outros, uma fonte de razão ainda não domada, é uma criatura traiçoeira, dissimulada e a mais insolente”⁹². Para os judeus, de tradição oral mais antiga, “as crianças são um presente valioso concedido por Deus”⁹³, e elas “tinham de ser disciplinadas para que se comportassem de acordo com os preceitos da *Tora* e assim se tornassem santos”⁹⁴. As crianças eram consideradas importantes como aprendizes, para preservar os conteúdos da religião judaica.

A presença de Deus no mundo através da pessoa de Jesus de Nazaré rompe com a visão greco-romana e fortalece a perspectiva judaica. Na visão cristã, representada pelo nascimento de Jesus, Deus se faz presente numa criança e, portanto, sacrificar uma criança poderia resultar no sacrifício do próprio Deus encarnado no mundo. Há uma mudança radical no olhar sobre a criança, de tal maneira que o próprio Jesus a coloca no centro do círculo dos

⁹⁰ FERREIRA, 1986.p.1627.

⁹¹ WEBER, Hans-Ruedi. **Jesus e as crianças**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.p.65-75.

⁹² WEBER, 1986.p.66.

⁹³ WEBER, 1986.p.13.

⁹⁴ WEBER, 1986.p.69.

apóstolos e como paradigma para fazer parte do Reino de Deus. A compreensão radical da encarnação de Deus no mundo através da criança desafia a Igreja a olhar o trabalho com crianças com seriedade e comprometimento.

Neste contexto greco-romano e judaico, em que “a criança era um receptor passivo e tinha importância apenas na medida que representava um aprendiz em potencial”⁹⁵, Jesus apresenta uma concepção diferenciada da criança. No evangelho de Mateus, capítulo 18, versículos 2 a 4⁹⁶, Jesus colocou uma criança, diante dos discípulos e disse “eu afirmo a vocês que isto é verdade: se vocês não mudarem de vida e não ficarem iguais às crianças, nunca entrarão no Reino do Céu. A pessoa mais importante é aquela que se humilha e fica igual a esta criança”. Jesus queria que os discípulos percebessem “como uma criança é pequena, dependente e objetivamente humilde”⁹⁷, e que eles assumissem a atitude de humildade diante de Deus. Em Marcos, capítulo 10, versículos 13 a 16⁹⁸, Jesus repreendeu os discípulos que impediam a aproximação das crianças, dizendo “Deixem que as crianças venham a mim”, abraçou e abençoou-as com a imposição de mãos. Jesus ainda enfatizou a dignidade das crianças, considerando-as como representantes dele e de Deus, em Lucas, capítulo 9, versículo 48⁹⁹, dizendo “Aquele que, por ser meu seguidor, receber esta criança estará recebendo a mim; e quem me receber estará recebendo aquele que me enviou”.

Com o cristianismo, a criança é

elevada a modelo da regeneração interior operada pelo batismo; [...] é exaltada com a infância de Cristo [...]. A cultura cristã atribui um papel exemplar à infância, sublinhando sua ingenuidade e inocência, por um lado, mas também retoma as avaliações do mundo antigo, que viam o menino como um ser inferior, irracional, às vezes malvado, por outro¹⁰⁰.

As crianças foram concebidas assim por séculos, até o fim da Idade Média quando apresentavam “um papel social mínimo, sendo muitas vezes consideradas no mesmo nível que os animais (sobretudo pela altíssima mortalidade infantil, que impedia um forte investimento afetivo desde o nascimento)”¹⁰¹, e sendo tratadas como adultos em miniatura.

No século XVI, “a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança”¹⁰². No século XVII, era comum “não reconhecer nas crianças nem

⁹⁵ WEBER, 1986.p.42.

⁹⁶ BÍBLIA, 2000.p.18.

⁹⁷ WEBER, 1986.p.32.

⁹⁸ BÍBLIA, 2000.p.39.

⁹⁹ BÍBLIA, 2000.p.58.

¹⁰⁰ CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.p.134.

¹⁰¹ CAMBI, 1999.p.176-177.

¹⁰² ARIÈS, 1981.p.56-57.

movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo”¹⁰³. Mas é no final deste século que John Locke, chama a atenção sobre a capacidade de raciocínio das crianças, quando exprime: “as crianças sabem raciocinar desde quando começam a falar e, se bem observei, gostam de ser tratadas como criaturas racionais, muito antes do que se imagina”¹⁰⁴. No século XVIII, Jean-Jacques Rousseau colocou

no centro da sua teorização a criança; [...] elaborou uma nova imagem da infância, vista como próxima do homem por natureza, bom e animado pela piedade, sociável mas também autônomo, como articulada em etapas sucessivas (da primeira infância à adolescência) bastante diversas entre si por capacidades cognitivas e comportamentos morais.¹⁰⁵

No curso do século XIX, para a pedagogia moderna, a criança começa a ser

assumida na sua especificidade psicológica e na sua função social. A infância foi vista como uma idade radicalmente diferente em relação à adulta, submetida a um processo evolutivo complexo e conflituoso, emotivo e cognitivo, [...] a criança tornou-se o sujeito educativo por excelência.¹⁰⁶

Porém, no mundo socioeconômico, Karl Marx relata conseqüências da produção mecanizada da indústria moderna sobre o trabalhador, e como o trabalho das mulheres e das crianças foi sendo apropriado pelo capital

Tornando supérflua a força muscular, a maquinaria permite o emprego de trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento físico incompleto, mas com membros mais flexíveis. Por isso, a primeira preocupação do capitalista ao empregar a maquinaria, foi a de utilizar o trabalho das mulheres e das crianças.¹⁰⁷

É especialmente na iconografia do século XIV ao século XVIII, que se encontra a explicação para a dependência da infância em relação aos adultos pelas funções sociais que cada idade exercia e estava expressa nas imagens. As crianças aparecem com brinquedos; na idade escolar “os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar”¹⁰⁸; depois, “festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas” representam a idade do amor ou do esporte; um homem armado representa a idade da guerra e da cavalaria; e por último, “as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo” são representadas pelo “velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivaninha, perto da lareira”. Estas imagens parecem sustentar as funções sociais de

¹⁰³ ARIÈS, 1981.p.57.

¹⁰⁴ CAMBI, 1999.p.319.

¹⁰⁵ CAMBI, 1999.p.343.

¹⁰⁶ CAMBI, 1999.p.387.

¹⁰⁷ MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Capítulo XIII. 3. a) Apropriação pelo capital das forças de trabalho suplementares. O trabalho das mulheres e das crianças, p. 449.

¹⁰⁸ ARIÈS, 1981.p.39.

algumas idades ainda hoje quando os adultos se arrogam o direito de educar as idades mais novas, como se eles conseguissem ou devessem dar conta de todas as dúvidas e perguntas que surgem criativamente no universo das crianças.

Estes conceitos, enraizados na cultura, dificultam o processo de individuação da criança nos dias de hoje, quando ainda é considerada deficitária, precisando ser primeiramente educada para alcançar subjetividade plena.

Quanto ao desenvolvimento psicopedagógico, os seres humanos, entre eles as crianças, apresentam características específicas conforme a faixa etária, que auxiliam na compreensão de sua personalidade e na construção do processo educacional. São muitos os teóricos desta área, porém esta pesquisa utiliza os aportes de Jean Piaget, com seus *estágios de desenvolvimento cognitivo*, Erik Erikson, com a descrição do *desenvolvimento psicossocial*, e James Fowler, com *os estágios de desenvolvimento da fé* (Apêndice 4).

Segundo a epistemologia genética, Piaget concebe o *desenvolvimento cognitivo* como fruto da interação do sujeito e do ambiente, o que é conhecido hoje como construtivismo. O ser humano ao longo da vida se ajusta ou se adapta ao meio Piaget chama este processo de aprendizagem. É através das atividades cognitivas que “a criança torna-se um sujeito que constrói o seu próprio conhecimento da realidade, pois é sempre o sujeito que coordena as operações e descobre as relações entre os objetos, ordenando, combinando, pensando e, mais tarde, formulando hipóteses do real possível”¹⁰⁹. Para Piaget “o pensamento evolui numa seqüência de estágios mentais [...] no desenvolvimento das estruturas cognitivas ligadas ao desenvolvimento da afetividade e da socialização da criança”¹¹⁰.

Estes estágios estão assim identificados: a) **sensório-motor** (do nascimento aos 18 meses): predominam os reflexos naturais, a relação com o meio é física, possibilitando “as construções de categorias do objeto e do espaço, da causalidade e do tempo”¹¹¹, e a inteligência deve ser estimulada por todos os órgãos de sentido; b) **pré-operacional ou intuitivo** (dos 2 aos 6 ou 7 anos): a linguagem e o pensamento começam a convergir, o egocentrismo característico desta idade aparece por conta da perspectiva e dos sentimentos próprios da criança, que a torna “capaz de reconstituir suas ações passadas sob forma de narrativas, e de antecipar suas ações futuras pela representação verbal.”¹¹², sua conduta é modificada pela socialização, pelo pensamento e pela intuição; c) **operacional concreto** (dos

¹⁰⁹ DAUNIS, Roberto. **Jovens: desenvolvimento e identidade – troca de perspectiva na psicologia da educação**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.p.29.

¹¹⁰ MIRANDA, Ana Maria Vieira de. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência: perspectiva psicológica**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003. (Tese de Doutorado)p.83.

¹¹¹ PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.p.21.

¹¹² PIAGET, 2006. p.24.

6 ou 7 aos 11 ou 12 anos): sistema estável e flexível de operações lógicas, capacidade em diferenciar sua própria perspectiva e a dos outros com quem ela interage, raciocínio lógico-matemático, a criança “se torna suscetível a um começo de reflexão, [...] pensa antes de agir, [...] trata-se do início da construção lógica, que constitui, precisamente, o sistema de relações que permite a coordenação de pontos de vista entre si.”¹¹³; e d) **operacional formal** (dos 12 aos 16 anos): poder de abstração é total na adolescência, constitui uma lógica de proposições, é pensamento sobre pensamento, “as operações lógicas começam a ser transpostas do plano da manipulação concreta para o das idéias [...], trata-se não somente de aplicar operações aos objetos, [...] mas de ‘refletir’ estas operações independentemente dos objetos”¹¹⁴, o ser humano começa a demonstrar personalidade, que “resulta da submissão, ou melhor, da auto-submissão do eu a uma disciplina qualquer”¹¹⁵, e se sente inserido no mundo, pensando como um adulto. Com estes quatro estágios, Piaget considera completo o desenvolvimento cognitivo do ser humano.

Enquanto Piaget se limita a pesquisar o desenvolvimento mental da pessoa até o período da adolescência, a teoria de Erik Erikson compreende e descreve o desenvolvimento do ser humano pela vida toda, observando a influência de fatores sociais sobre o indivíduo. Por este motivo, ele denomina a sua teoria de *desenvolvimento psicossocial*.

Erikson identifica a *esperança*, a *fidelidade* e o *cuidado* “como forças humanas ou qualidades de ego que emergem de estados estratégicos como o período de bebê, a adolescência e a idade adulta”¹¹⁶ e que “correspondem àqueles valores maiores de crença como *esperança*, *fé* e *caridade*”. Estes valores são conhecidos como valores universais, mas também apresentados como virtudes do cristianismo, pelo apóstolo Paulo na primeira carta do apóstolo aos Coríntios, capítulo 13, versículo treze, que diz “Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade.”¹¹⁷. Ou ainda, na primeira carta do apóstolo aos Tessalonicenses, capítulo 1, versículo 3, que diz “É que recordamos sem cessar, aos olhos de Deus, nosso Pai, a atividade de vossa fé, o esforço da vossa caridade e a perseverança da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo”¹¹⁸. Estas forças psicossociais “representam as qualidades básicas e necessárias para nortear, referenciar e sustentar o indivíduo no transcorrer do ciclo da vida”¹¹⁹.

¹¹³ PIAGET, 2006. p.42.

¹¹⁴ PIAGET, 2006. p.59.

¹¹⁵ PIAGET, 2006.p.61.

¹¹⁶ ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p.53.

¹¹⁷ A BÍBLIA de Jerusalém. 3.impr. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.p.2166.

¹¹⁸ A BÍBLIA de Jerusalém, 1987.p.2217.

¹¹⁹ MIRANDA, 2003.p.62.

Erikson apresenta oito etapas de desenvolvimento e a cada uma corresponde um conflito que, quando resolvido, incorpora ao ego resultados positivos ou negativos. Os resultados positivos colaboram para o desenvolvimento sadio e os resultados negativos prejudicam o desenvolvimento.

Na **primeira idade** (do nascimento até 1 ano), se estabelece o conflito entre a *confiança básica* e a *desconfiança básica*: é fundamental que o bebê aprenda a confiar, contar com os adultos, a acreditar e a confiar em si mesmo, para construir sua identidade e estabelecer satisfatoriamente suas relações; quando a confiança supera a desconfiança, surge a esperança, que “concede ao futuro antecipado um senso de liberdade de movimento que convida a pulos expectantes”¹²⁰, impulsionando a criança para a idade seguinte, mas também se renovando em todos os estágios seguintes.

Na **segunda idade** (dos 2 aos 3 anos), o conflito é entre a *autonomia* e a *vergonha e dúvida*: a independência e a autonomia acontecem com base na maior mobilidade da criança; a vergonha surge quando “o indivíduo se sente completamente exposto [...], visível mas não está preparado para isso”¹²¹; um temor difuso e incerto, proveniente do que é desconhecido da criança, gera a dúvida. A orientação firme e o encorajamento fomentam o crescimento e fazem surgir a força que Erikson chama de vontade.

A **terceira idade** (dos 4 aos 5 anos) apresenta o conflito entre *iniciativa* e *culpa*: a iniciativa, presente em todo ato humano, nesta idade desenvolve a interação com o mundo, com os outros, mas as admoestações, julgamentos e proibições de pais e outros adultos podem produzir o sentimento de culpa, que pode levar a criança ao fracasso. Nesta fase, mais do que em qualquer outra, a criança “está ansiosa e apta para fazer coisas em cooperação, para juntar-se a outras crianças com o propósito de construir e planejar, e pressurosa por obter o maior proveito das lições de seus mestres e seguir o exemplo dos protótipos ideais”¹²². A força do propósito “determina a direção para o possível e o tangível que permite relacionar os sonhos das primeiras fases da infância com as metas da vida adulta”¹²³.

Na **quarta idade** (dos 6 aos 12 anos) o conflito se estabelece entre *produtividade* e *inferioridade*: se a criança não consegue desenvolver as habilidades que se esperam dela, surge um sentimento de inferioridade em relação aos integrantes do grupo. A criança aprende a usar as capacidades físicas e cognitivas, num trabalho produtivo e cooperativo, com “os adultos que se fazem professores por dotes e inclinações naturais e não por decreto, e talvez a

¹²⁰ ERIKSON, 1998. p.54.

¹²¹ ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971. p.232.

¹²² ERIKSON, 1971. p.237.

¹²³ ERIKSON, 1971. p.238.

maior parte com as crianças maiores”¹²⁴. Como resultado, ela adquire competência, que “implica fazer coisas ao lado de outros e com eles”¹²⁵.

Na **quinta idade** (dos 13 aos 18/20 anos) se desenvolve o conflito entre *identidade* e *confusão de papéis*: “os jovens [...] preocupam-se agora principalmente com o que aparentam aos olhos dos outros, comparado com o que sentem que são, e com a questão de como associar os papéis e habilidades anteriormente cultivadas com os protótipos do momento”¹²⁶, como preparação para assumir compromissos conscientes e duradouros que podem ajudar a definir sua identidade ou gerar confusões com base em crises anteriores mal resolvidas. Quando “os adolescentes não só se ajudam temporariamente uns aos outros a vencer muitas dificuldades, formando grupinhos e fazendo-se estereótipos e a seus ideais e seus inimigos, mas também põe à prova perversamente a mútua capacidade de hipotecar a lealdade”¹²⁷ surge o que Erikson chamou de fidelidade.

A **sexta idade** (dos 19/20 aos 25/30 anos) prepara o jovem para o trabalho, e apresenta o conflito entre *intimidade* e *isolamento*: o sentido de identidade bem desenvolvido na fase anterior possibilita uma mais profunda compreensão de si mesmo e o melhor envolvimento com o outro e com o trabalho. A intimidade “é a capacidade de se confiar a filiações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações, mesmo que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos. [...] A evitação de tais experiências devida ao temor da perda do ego pode conduzir a uma profunda sensação de isolamento”¹²⁸. Embora esteja presente nos estágios anteriores, o amor é a força que, nesta idade, estabelece relações de intimidade com os outros.

A **sétima idade** (dos 26/30 aos 40/60 anos) apresenta o conflito entre *generatividade* e *estagnação*, quando o ser humano pode se sentir produtivo, criativo e útil para as novas gerações ou o contrário disto. A generatividade “é fundamentalmente a preocupação relativa a firmar e guiar a nova geração”¹²⁹. A virtude que promove a generatividade é o cuidado com os outros, é querer fazer algo por alguém.

A **oitava** e última etapa apresentada por Erikson (a velhice) apresenta o conflito entre a *integridade do ego*, quando o ser humano sente satisfação e realização com a vida, e a *desesperança*, quando sente que desperdiçou a vida e tem que enfrentar a velhice e a morte. “O possuidor de integridade está preparado para defender a dignidade de seu próprio estilo de

¹²⁴ ERIKSON, 1971. p.239.

¹²⁵ ERIKSON, 1971. p.240.

¹²⁶ ERIKSON, 1971. p.240.

¹²⁷ ERIKSON, 1971. p.241-242.

¹²⁸ ERIKSON, 1971. p.242-243.

¹²⁹ ERIKSON, 1971. p.246.

vida contra todas as ameaças físicas e econômicas”¹³⁰. A partir de sua integridade, a velhice contribui com a força da sabedoria, para animar as pessoas dos outros estágios a se tornarem adultos maduros.

Por último, a teoria desenvolvimental da fé, alicerçada sobre os pressupostos de Piaget e Erikson, é sistematizada por James Fowler em *estágios da fé*. Fowler conceitua o viver humano como aquele que gira em torno de perguntas de fé que possibilitam chegar a um sentido para a vida. Para ele, a fé é sempre relacional e norteia o sentido de vida. Nossa confiança e nosso comprometimento moldam nossa identidade e nossa fé. Um relacionamento de amor, confiança e lealdade mútuos entre o eu e o outro desenvolvem fé e identidade, simultaneamente.

O ser humano passa por um processo contínuo de desenvolvimento que envolve corpo, personalidade e capacidade de relação. Assim, a fé é a “força integradora que dá forma e une os elementos intelectuais, emocionais e corporais do ser humano”¹³¹. Os estágios da fé de James Fowler se apresentam num movimento espiral ascendente, em que cada novo estágio resgata, amplia, reestrutura e incorpora aspectos dos estágios anteriores. Cada estágio determinado por Fowler identifica uma força capaz de produzir ou não a fé para o estágio seguinte.

Segundo o autor, “todos nós começamos a peregrinação da fé quando bebês”¹³². Nossa adaptação no mundo em que entramos com o nascimento “depende tanto do progresso de nossa maturação global quanto da forma em que as pessoas e as condições de nosso ambiente nos recebem e nos fazem entrar em interação”. Esta interação é que dá forma à confiança, “confiança nas pessoas que cuidam de nós e no ambiente que proporcionam; confiança na própria pessoa, em seu valor e no senso de estar em casa; confiança no mundo de maior sentido que cerca incipientemente a criança e as pessoas que cuidam dela”. No pré-estágio chamado **lactância**, da criança até os 3 anos, a fé é *indiferenciada*, ou seja, a mutualidade com base no relacionamento mãe-filho desenvolve a fé como sendo confiança, autonomia, esperança e coragem.

O estágio 1, da **primeira infância**, em que a criança tem de 3 a 6 ou 7 anos, Fowler denomina fé *intuitivo-projetiva*. Neste estágio, as crianças “combinam fragmentos de histórias e imagens fornecidas por sua cultura, integrando-os em seus próprios conjuntos de

¹³⁰ ERIKSON, 1971. p.247.

¹³¹ MIRANDA, 2003. p.98.

¹³² FOWLER, James W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p.105.

associações significativas concernentes a Deus e ao sagrado”¹³³; as crianças recorrem à fantasia e imaginação para se relacionar com os outros. Fowler identifica que a educação, em todos os ambientes nesta idade, “tem uma tremenda responsabilidade pela qualidade das imagens e histórias que proporcionamos como dons e guias para a fértil imaginação de nossas crianças”¹³⁴. Ele orienta que

pais e professores deveriam criar uma atmosfera em que a criança possa expressar livremente, de modo verbal e não-verbal, as imagens que estiver formando. Onde se encoraja e permite esta expressão, a criança é levada a sério e os adultos podem fornecer auxílio apropriado para lidar com as imagens deformadoras, distorcidas ou destrutivas que a criança tiver formado.¹³⁵

O autor aponta ainda para a grande utilidade das narrativas por parábolas, que contribuem para o nascimento da imaginação, que é “a capacidade de unificar e captar o mundo da experiência em poderosas imagens” e conforme as histórias são apresentadas é que “registram as compreensões e sentimentos intuitivos da criança no tocante às condições últimas da existência”¹³⁶. O realismo das narrativas ajuda as crianças a externalizarem ansiedades e acharem imagens ordenadoras para sua vida.

A fé *mítico-literar* manifestada no estágio 2, da **infância**, dos 7 aos 12 anos, “traz consigo a capacidade de ligar nossas experiências, formando sentido, por intermédio de histórias”¹³⁷. Embora seja característica da idade de escola primária, alguns adolescentes e adultos podem permanecer neste estágio. As operações concretas ajudam a criança a distinguir o real do imaginário e a elaborar narrativas, que além de despertar o interesse, “tornam-se meios para a extensão da experiência da criança e de sua compreensão da vida”¹³⁸. A imagem antropomórfica de Deus é elaborada a partir da comparação das ações de Deus com as ações de seus pais, ou outros adultos de sua convivência, por conta da capacidade que a criança adquire neste estágio de assumir a perspectiva dos outros, passando “os significados que lhe foram comunicados pelos filtros de suas próprias estruturas de conhecimento e valoração”¹³⁹. A relação de Deus com o ser humano, neste estágio, se baseia na reciprocidade, na troca de favores e proteção por boas ações. A narrativa capacita o ser humano a “descobrir e dar coerência à experiência”¹⁴⁰.

¹³³ FOWLER, 1992. p.113.

¹³⁴ FOWLER, 1992. p.116.

¹³⁵ FOWLER, 1992. p.116.

¹³⁶ FOWLER, 1992. p.117.

¹³⁷ FOWLER, 1992. p.118.

¹³⁸ FOWLER, 1992. p.119.

¹³⁹ FOWLER, 1992. p.122.

¹⁴⁰ FOWLER, 1992. p.129.

No estágio 3, da **adolescência**, a partir dos 13 anos, a fé é denominada *sintético-convencional*. Neste estágio começam a ser construídas relações sociais, para além dos contextos familiares, e definem-se a identidade e a fé pessoal. Este estágio, além de ajudar a compreender o desenvolvimento de fé num adolescente, também ocupa “um lugar permanente de equilíbrio”¹⁴¹ para muitos adultos. Como o pensamento operacional formal é capaz de refletir sobre o próprio pensamento, o ser humano pode ver, examinar a própria vida como um todo, sintetizar valores e informações, como se estivesse observando à margem da vida, formando identidade e perspectiva pessoal. O adolescente quer “um Deus que conheça, aceite e confirme profundamente o próprio eu”¹⁴². Esta imagem significativa de Deus pode “exercer um poderoso efeito ordenador sobre a identidade e a perspectiva de valores do adolescente”. A formação de identidade e fé pessoal é a força que impulsiona o ser humano na transição para o próximo estágio.

A fé *individuativo-reflexiva* surge no estágio 4, do **início da idade adulta**, quando o indivíduo busca por autenticidade, através da reflexão crítica sobre os valores anteriormente aceitos; do ego executivo moldado por um “estilo de vida variante em relação a um etos valorativo compartilhado”¹⁴³; da tradução de símbolos para significados conceituais; da tensão entre individualidade e espírito de grupo, entre subjetividade e objetividade, entre auto-realização e serviço altruísta, entre o relativo e o absoluto, entre a lógica e a abstração¹⁴⁴.

No estágio 5, da **idade adulta**, a fé é *conjuntiva*, ou seja, ela “suspeita que as coisas estão organicamente relacionadas umas às outras; [...] reconhece a tarefa de integrar ou reconciliar o consciente e o inconsciente. [...] está pronta para encontros significativos com outras tradições”¹⁴⁵. A força deste estágio está em integrar contradições. Crenças, valores e significados entram em choque e o ser humano tem que construir uma nova postura de fé, capaz de sustentar e fundamentar o restante de sua vida, na busca de realização e integridade.

O estágio 6, da **fé madura**, ou fé *universalizante* caracteriza-se pelo envolvimento e comprometimento radical “para a transformação da realidade atual na direção de uma realidade transcendente”¹⁴⁶. Pertencer a este estágio significa possuir um elevado desapego pessoal, uma radical identificação com situações desumanas e um intenso amor e cuidado com os outros. Não significa que estas pessoas sejam perfeitas, porém apresentam qualidades acima da normalidade. Para James Fowler, as raras “pessoas que chegam a corporificar a fé

¹⁴¹ FOWLER, 1992.p.146.

¹⁴² FOWLER, 1992.p.132.

¹⁴³ FOWLER, 1992.p.152.

¹⁴⁴ FOWLER, 1992.p.154-155.

¹⁴⁵ FOWLER, 1992.p.156-158.

¹⁴⁶ FOWLER, 1992.p.168.

universalizante são levadas a esses padrões de comprometimento e liderança pela providência de Deus e pelas exigências da história”¹⁴⁷.

Aproximando a teoria psicopedagógica do desenvolvimento humano ao objeto de estudo desta pesquisa, faz-se necessária análise crítica de Norbert Mette, quando afirma que no campo da educação na fé, a educação continua sendo praticada como “um processo de transmissão de verdades reveladas, para as quais cada nova geração apenas precisa ser conduzida e em que tem que ser instruída”¹⁴⁸. Inversamente, a educação deve ser vista “como um processo social interativo, de que uns e outros – crianças e adultos – participam” e compartilham significados na construção de sentido. As crianças procuram pelo sentido das coisas de forma ativa, criativa, em permanente comunicação com os outros, quando assim forem estimuladas, e lhes for permitido pensar, sentir e agir como sujeitos na construção de sua história, também de sua vida de fé. Ou seja, a revelação e a mensagem do próprio Cristo não devem ser ensinadas numa dinâmica de pura transmissão, mas, sim, deve ser um processo de interação carregada de sentido para a vida das pessoas.

Na IECLB também predominava esta prática de simples transmissão e não interpretação dos conteúdos, especialmente no Ensino Confirmatório. Entretanto já houve mudanças. Nos cursos de formação de leigos e obreiros e de formação continuada é enfatizado o princípio de interpretação que Lutero introduziu no Catecismo Menor, quando orienta que

peças jovens e simples devem ser ensinadas com um texto uniforme e fixo, [...] palavra por palavra, de forma que também o possam repetir assim e decorar. [...] Quando já conhecem bem o texto, ensina-lhes também o sentido, para que saibam o que significa. [...] E toma tempo para isso. [...] Quando lhes tiver ensinado este breve catecismo, toma o catecismo maior e dá-lhes também conhecimento mais rico e mais amplo. [...] E martela especialmente no mandamento e parte em que haja maior negligência entre o teu povo.¹⁴⁹

Na atualidade, é importante observar o relatório da pesquisa sobre o Ensino Confirmatório e a Confirmação na IECLB, realizada pelo Departamento de Educação, em 2002, com o propósito primeiro de levantar dados para “subsidiar a prática educativa, o planejamento de seminários de capacitação de orientadores e orientadoras e a formação de obreiros e obreiras”¹⁵⁰. Com estes dados, “o Fórum Nacional de Ensino Confirmatório propôs

¹⁴⁷ FOWLER, 1992.p.170.

¹⁴⁸ METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. In: **Concilium**, Petrópolis, Vol./nº264, 1996.p.121-122.

¹⁴⁹ LUTERO, 1983.p.364-365.

¹⁵⁰ SCHULTZ, Valdemar (relator). Relatório da pesquisa sobre o ensino confirmatório e a confirmação na IECLB. In: PONICK, Edson. **Ensino confirmatório e confirmação**: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p.62.

a criação de um plano de Educação Cristã para a IECLB, desde uma educação pré-batismal, perpassando todas as fases do ciclo da vida: infância, adolescência, juventude, vida adulta e terceira idade [...] na perspectiva da Formação Cristã Continuada”¹⁵¹. Ou seja, a pessoa, independente da faixa etária, precisa compreender, apreender e contextualizar o significado do conteúdo de fé, assimilando-o a sua vida.

Especificamente a respeito das crianças que freqüentam o Culto Infantil, a IECLB, através de seu Departamento de Catequese, realizou no período de 2001 e 2002, uma pesquisa sobre a realidade do Culto Infantil (Anexo 1). Houve um percentual de 41,6% de paróquias respondentes. Este índice é bastante representativo como critério de amostragem. Das paróquias que responderam à pesquisa, somou-se o total de 33.281 crianças inscritas nas paróquias, do qual 15.865 crianças participam do Culto Infantil. A faixa etária das crianças que participam é, na sua grande maioria, de 3 a 4 anos até 11 a 12 anos de idade, apresentando uma variação entre 0 a 10 anos até 8 a 15 anos de idade, com menor incidência.

Sobre a faixa etária das crianças que participam do Culto Infantil, na IECLB, é importante destacar as contribuições de Piaget, Erikson e Fowler para a prática do Culto Infantil.

Se Piaget considera o desenvolvimento mental como sendo “uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior”¹⁵², apresentado por ele numa seqüência de *estágios mentais ou cognitivos*, que contribui para o desenvolvimento da vida afetiva e das relações sociais, e que “a ação humana consiste neste movimento contínuo e perpétuo de reajustamento ou de equilibração”¹⁵³, é oportuno considerar a existência destes estágios também na proposição de objetivos, conteúdos, atividades para o Culto Infantil, na construção do processo contínuo de aprendizagem na fé.

Piaget identifica que em todas as idades “a ação supõe sempre um interesse que a desencadeia, podendo-se tratar de uma necessidade fisiológica, afetiva ou intelectual”¹⁵⁴. Sendo assim, a criança “que sabe bem o que quer e age, como nós, em função de um interesse definido”, é apresentada como um sujeito que constrói o seu próprio conhecimento da realidade, através das atividades cognitivas, afetivas e comportamentais que devem ser consideradas diferencialmente, também no contexto do Culto Infantil.

Destacam-se ainda as observações de Piaget quanto ao que deve ser permitido ou proporcionado nesta faixa etária, dos 3 aos 12 anos, de forma gradual, para o avanço de seu

¹⁵¹ SCHULTZ, 2005. p.90.

¹⁵² PIAGET, 2006. p.13.

¹⁵³ PIAGET, 2006.p.16.

¹⁵⁴ PIAGET, 2006.p.14.

desenvolvimento, como: o estímulo da inteligência por todos os órgãos dos sentidos; a reconstrução das ações em forma de narrativas; a modificação da conduta pela socialização, pelo pensamento e pela intuição; a diferenciação entre a perspectiva própria e a dos outros; a interação com as outras crianças; o uso de raciocínio lógico-matemático; o uso gradativo da reflexão sobre pontos de vista diferentes; a transposição das operações lógicas para o campo das idéias; o desenvolvimento do poder de abstração; a possibilidade de demonstração da personalidade e do sentimento de inserção no mundo adulto.

Considerando a teoria do *desenvolvimento psicossocial*, as pessoas que orientam o trabalho do Culto Infantil devem estar conscientes dos conflitos que surgem em cada idade, para colaborar no desenvolvimento sadio das crianças. De igual forma os educadores, no Culto Infantil, devem utilizar as forças psicossociais básicas e necessárias, presentes nas faixas etárias até os 12 anos, que o autor identifica como sendo a *esperança*, a *vontade*, o *propósito* e a *competência*, para nortear, referenciar e sustentar o processo dinâmico de desenvolvimento do ser humano.

É preciso possibilitar, gradativamente, que as crianças aprendam a acreditar e confiar nos adultos e em si mesmas, construindo identidade e estabelecendo relações satisfatórias. A orientação firme e o encorajamento fomentam o crescimento e a maior mobilidade, gerando independência e autonomia. A iniciativa desenvolve a interação com o mundo, com os outros em cooperação. Quando ela surge, deve ser potencializada com atividades que envolvam construção e planejamento, pois a criança aprende a usar as capacidades físicas e cognitivas, num trabalho produtivo e cooperativo, com crianças maiores ou com adultos que conquistam sua confiança e empatia.

Conforme o exposto por Erikson, e especificamente para o interesse do Culto Infantil, quanto mais a criança ganhar em confiança, autonomia, iniciativa e produtividade pessoal, melhor preparada estará para viver os conflitos das idades posteriores de seu desenvolvimento, pois “crianças sadias não temerão a vida se seus antepassados tiveram integridade bastante para não temer a morte”¹⁵⁵.

Os *estágios da fé*, sistematizados por Fowler, trazem uma valorosa contribuição para o Culto Infantil. Segundo ele, a fé que pergunta pelo sentido da vida, é sempre relacional, com base em amor, confiança e lealdade, e integra elementos intelectuais, emocionais e corporais, ou seja, envolve corpo, personalidade e capacidade de relação, considerando a integralidade do ser. Também Fowler considera que cada estágio do desenvolvimento resgata, amplia,

¹⁵⁵ ERIKSON, 1971. p.248.

reestrutura e incorpora aspectos dos estágios anteriores e, apresenta uma força capaz de produzir ou não a fé para o estágio seguinte, num movimento ascendente. Daí a importância de o educador cristão conhecer os estágios, que antecedem a faixa etária em que atua, para identificar facilidades e dificuldades possíveis no desenvolvimento do processo de aprendizagem na fé.

Para as crianças até os 6 ou 7 anos, Fowler destaca: a interação ou mutualidade que dá forma à confiança nas pessoas, no ambiente, em si mesmo, no senso de estar em casa e no mundo; a responsabilidade da educação, inclusive na fé, pela qualidade das imagens e histórias proporcionadas para a imaginação fértil das crianças; a permissão e o encorajamento de pais e educadores quanto à expressão livre das imagens que a criança estiver formando; a combinação de histórias e imagens da cultura e experiência da criança com associações significativas de Deus e do sagrado; a contribuição das narrativas por parábolas, que ajudam as crianças a externalizarem ansiedades e acharem imagens ordenadoras para sua vida.

Dos 7 aos 12 anos, é possível desenvolver a distinção do real e do imaginário; a elaboração de narrativas desperta o interesse, estende a experiência da criança e a compreensão da vida; a imagem de Deus é elaborada a partir da comparação entre as ações de Deus e as ações dos adultos de sua convivência, o que requer de seus educadores coerência entre o que ensinam e o que vivem; a relação que se estabelece entre a criança e Deus, nesta fase, se baseia na reciprocidade; a transição para o estágio seguinte inicia por conta das “contradições implícitas nas histórias, que leva à reflexão sobre os significados”¹⁵⁶, esta reflexão é possível e necessária, e as contradições devem ser enfrentadas.

Embora seja característica da idade de escola primária, alguns adolescentes e adultos podem permanecer neste estágio, apesar de constar que “*o que foi passado para as crianças até os 10/12 anos é o que vai ajudá-la a suportar, vencer, passar pelas agruras da vida*” (entrevista 3).

Em síntese, para Piaget, a criança é sujeito da construção de seu próprio conhecimento, a partir de um interesse ou uma necessidade *fisiológica, afetiva* ou *intelectual*, através de atividades **cognitivas**, **afetivas** e **comportamentais**. Para Erikson, a criança é influenciada por fatores sociais, e vive conflitos/crises dos quais surgem as forças psicossociais, reconhecidas como valores universais de crença, como a *fé/fidelidade*, a *esperança*, o *cuidado/caridade/amor*. Para Fowler, a criança desenvolve sua fé, perguntando pelo sentido da vida, na relação com as outras pessoas, com base em *amor*, *confiança* e

¹⁵⁶ FOWLER, 1992. p. 129.

lealdade, integrando elementos **intelectuais**, **emocionais** e **corporais**, ou seja, corpo, personalidade e capacidade de relação, considerando a integralidade do ser.

Os educadores devem utilizar estes interesses, necessidades, forças e elementos para nortear, referenciar e sustentar o processo dinâmico de desenvolvimento do ser humano, estruturando o trabalho do Culto Infantil sobre objetivos, conteúdos e atividades com base nos propósitos de **saber**, **sentir** e **fazer**, para melhor conduzir o processo de aprendizagem na fé.

Os pais e padrinhos também são sujeitos da educação cristã porque assumem o compromisso de educar as crianças na fé cristã no ato do Batismo. Conforme orientação da igreja, “pais e padrinhos devem estar presentes, participando do ato do Batismo. São membros de sua Comunidade e, portanto, colaboradores de Deus. Incumbidos pela Comunidade, assumem a missão de conduzir o batizando a uma vida de fé.”¹⁵⁷. Os pais recebem uma ordenação para a paternidade responsável, quando recebem a bênção, logo após o ato do Batismo: “imploramos a bênção de Deus para a mãe ou os pais da criança. Na imposição das mãos, eles são ordenados para a paternidade responsável; recebem a certeza de que podem contar com Deus, seu auxílio e sua proteção.”¹⁵⁸. Também os orientadores do Culto Infantil entrevistados apontam para a educação cristã que “*começa em casa com a responsabilidade dos pais*”(entrevista 9); “*a partir do batismo, Jesus disse que além de batizar, a gente deve ensinar. Isso deve começar já em casa através da oração, de histórias bíblicas*” (entrevista 19).

Podem ser padrinhos de Batismo quem

assumir a função de padrinho, de levar outros à vida de fé, quem pertence a Cristo, quem professou sua fé, quem vive confiante em Deus, quem participa em sua Comunidade e quem tem condições de educar o batizando na vida e na fé evangélica. [...] Confessam sua fé em Cristo; prometem integrar o batizando na vida desta fé, introduzindo-o na mensagem bíblica, incentivando-o a confiar, a crer e a amar, e preparando-o para a aplicação de seus dons. Tudo isto através de seu exemplo pessoal, pois confiança, fé e dedicação são frutos do nosso Batismo; porque sem a nossa decisão, sem a nossa resposta, nossa vontade, nosso amor e nossa gratidão, não se podem cumprir os intentos de Deus para conosco.¹⁵⁹

No ato do Batismo, também a *comunidade eclesial* é convocada a participar do Batismo. A comunidade, na IECLB, “vive e anuncia o Evangelho, é a menor unidade orgânica e a base de trabalho da IECLB”¹⁶⁰. A comunidade tem como incumbências “assistir as novas gerações, em especial quanto ao ensino e à formação evangélico-luterana dos

¹⁵⁷ IECLB. **Nossa fé – nossa vida**: um guia de vida comunitária em fé e ação. 15. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p.20.

¹⁵⁸ IECLB, 1996. p.21.

¹⁵⁹ IECLB, 1996. p.20.

¹⁶⁰ CONSTITUIÇÃO da IECLB. Porto Alegre: Serviço de Registro Civil das Pessoas Jurídicas, 1998. Art. 8º Disponível em < <http://www.luteranos.com.br/ieclb/documentos/constituicao.doc>>. Acesso em 09 mar. 2007.

batizados; incentivar e promover a participação de todos os batizados na vida e ação comunitárias; exercer trabalho evangelizador, catequético e missionário”¹⁶¹. Como o ato do Batismo é realizado em comunidade, esta se compromete a auxiliar na tarefa de pais e padrinhos.

Uma das possibilidades de auxílio na educação cristã das crianças batizadas, na IECLB, é o Culto Infantil, onde a comunidade cumpre com a tarefa de ensino assumida no Batismo. Conforme entrevista, o “*Culto Infantil tem este papel de ensinar, é uma tentativa de desempenhar esta tarefa assumida no batismo. É uma... dentro de um processo, na perspectiva de Educação Contínua*” (entrevista 21).

As lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos são conhecidos como *orientadores do Culto Infantil*. Porém, pelas entrevistas dadas a esta pesquisa, orientadores do Culto Infantil apontam dificuldades na execução da tarefa educativa, pelo fato de “*que a criança não pode vir sozinha, que os pais não fazem questão de mandá-la, que você faz uma volta enorme para pegar todas as crianças. Dificuldade da criança chegar. [...] Correr atrás quando elas não vêm com freqüência.*” (entrevista 2); “*Falta de continuidade na freqüência das crianças gera falta de continuidade no trabalho com as crianças. Falta de participação dos pais no envolvimento do trabalho, falta de compromisso maior dos pais.*” (entrevista 6). Ou ainda que, “*perante a comunidade luterana, o Culto Infantil não é muito valorizado quando o pai manda a criança para o Culto Infantil porque não quer ser incomodado no culto. Não existe a visão de que o Culto Infantil é a base para os filhos. Parece que o dinheiro para o Culto Infantil não é investimento como em outras áreas.*” (entrevista 1). Outro orientador relata “*problemas físicos, comunidades pequenas não tem espaço específico para crianças, não tem sala sobrando. O trabalho voluntário é difícil: é com mais amor, mas as pessoas que trabalham já estão sobrecarregadas. Falta de material. Em alguns lugares os próprios obreiros não se dão conta da importância do Culto Infantil, dizem que o Culto Infantil é nossa comunidade do futuro ou que para o Culto Infantil qualquer canto basta. Às vezes alguns segmentos ainda acham que criança não é gente. Quando falta vontade ou o pessoal não vem para os encontros ou que vem, mas não leva adiante o que recebem. Quando a gente não consegue pessoas comprometidas. Isto complica!*” (entrevista 23).

Em contrapartida, são poucos os relatos de comunidades comprometidas com a tarefa, quando se diz que “*a comunidade é atendida nas necessidades do grupo*” (entrevista

¹⁶¹ CONSTITUIÇÃO da IECLB, 1998. Art. 11.

2), ou quando se afirma que muitas comunidades “*arcam com as despesas de encontros. Graças a Deus! Se existe boa vontade, se existe compreensão, se existe colaboração isto ajuda bastante.*” (entrevista 23).

O orientador do Culto Infantil

Pelo Batismo, todos os cristãos têm a responsabilidade educacional de “representar Jesus, o Cristo ressuscitado, no serviço [...] à comunidade de fé, e, em última análise, ao mundo”¹⁶². Porém, “os educadores cristãos têm a tarefa específica de representar Cristo no contexto da educação cristã intencional”¹⁶³. Neste sentido, o orientador do Culto Infantil é um educador cristão intencional, ou seja, no espaço eclesial, ele é um educador que tem a intenção, a preocupação, o propósito de educar na fé cristã. Ele precisa descobrir-se como tal e assumir sua função e tarefa, com base no texto de Efésios, capítulo 4, versículos 11 e 12 que diz “foi ele quem deu dons às pessoas. Ele escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e ainda outros para pastores e mestres da Igreja. Ele fez isso para preparar o povo de Deus para o serviço cristão, a fim de construir o corpo de Cristo”¹⁶⁴.

Mais do que ensinar os conteúdos da fé cristã, Groome afirma que a tarefa é “dar sustentação às pessoas, com o auxílio da graça de Deus, em sua capacidade de estar em fé. [...] Devemos voltar a encarar nosso papel como um ministério cristão autêntico e válido que coopera com outros ministérios para o bem de todo o Corpo”¹⁶⁵.

Na igreja primitiva, “os professores eram os que optavam por participar da *didache* (o ensino), [sic] aqueles que ficavam para promover o lento processo do crescimento humano, do entendimento e formação humanos necessários à corporificação da Palavra no modo de vida e celebrá-la numa comunidade cristã”¹⁶⁶. Se como educadores cristãos pretendermos

formar pessoas no viver a mensagem cristã. [...], devemos aplicá-la primeiro a nós mesmos. [...] Se pretendermos ensinar a Palavra como modelos eficazes para a formação de outros no vivê-la, devemos nós mesmos incorporar a Palavra ao nosso modo de ser com as pessoas. Edward Powers, referindo-se à tarefa do educador religioso cristão, diz: ‘Se a Deus foi preciso uma encarnação para corporificar sua mensagem, não o conseguiremos nós por menos’.¹⁶⁷

¹⁶² GROOME, 1985. p.388.

¹⁶³ GROOME, 1985. p.390

¹⁶⁴ BÍBLIA Sagrada, 2000. p.159.

¹⁶⁵ GROOME, 1985. p.110, 387.

¹⁶⁶ GROOME, 1985. p.389.

¹⁶⁷ GROOME, 1985.p.389.

Só se vivermos a mensagem de Cristo na prática de nossa vida podemos testemunhar dele uns para os outros. No dizer de um orientador do Culto Infantil entrevistado, as crianças “*se espelham naquilo que a gente está fazendo*” (entrevista 6). Ou ainda, que é preciso que o orientador seja “*exemplo. Não posso falar uma coisa de que eu não faça*” (entrevista 10). Outro orientador define o orientador como o modelo, quando “*desperta na criança o desejo de vivenciar os ensinamentos de Jesus*” (entrevista 15). O orientador também é considerado como “*o mediador entre o ensinamento de Cristo, o participar da igreja e a vida da criança*” (entrevista 1). Ou, no dizer de Inger Oybekk, “*a pessoa do orientador talvez seja mais importante do que gostamos de pensar, pois aquilo que estamos pregando às crianças deve se refletir em nós e na nossa maneira de agir e viver*”¹⁶⁸.

É tarefa do orientador do Culto Infantil “*inserir a criança na comunidade da fé, através de estudos bíblicos, contação de histórias, exemplos*” (entrevista 20), preparando “*a criança para a vida contínua de educação cristã e para a vida cristã, para passar isto aos filhos e netos*” (entrevista 7).

No Culto Infantil das crianças, com as crianças e para as crianças, o orientador “*é o celebrante do culto. É ele que pode presidir o culto, que conduz, orienta o culto. Ele é a pessoa responsável pela organização do culto, pelo bom andamento do culto, pela narração. Tem a função de conduzir, orientar esse momento de celebração, de preparar antes. Tem a responsabilidade de perceber se todas as crianças se sentem incluídas, para que seja um momento bom, agradável para todos.*” (entrevista 22). É de grande importância, profundidade e responsabilidade a função do orientador do Culto Infantil. Importância porque é ele que promove a dinâmica do encontro com as crianças, organizando e conduzindo a seqüência litúrgica do momento de culto. Profundidade porque é ele que orienta o processo de aprendizagem dos conteúdos de fé, através de atividades como canto, oração, narração, trabalhos manuais, celebração da presença e do amor de Deus na comunhão entre as pessoas que participam do encontro. Responsabilidade porque é ele que prepara o encontro com antecedência, de forma envolvente, inclusiva, desafiadora e agradável a todos os participantes.

O orientador é a pessoa que tem a responsabilidade em “*proporcionar um espaço acolhedor, inclusive onde as crianças podem vivenciar valores cristãos e ter contato com a palavra de Deus*” (entrevista 21), e tem que “*estar atenta às diferenças de faixa etária para adaptar o material e cativar as crianças*” (entrevista 4). É preciso que o orientador “*leve a sério o mundo das crianças e a sua realidade, deixando que a palavra de Deus encontre*

¹⁶⁸ OYBEKK, Inger. **Orientados para orientar**: subsídios para orientadores de culto infantil e escola dominical. São Leopoldo: Sinodal, 1996.p.41.

significação dentro deste mundo e realidade”¹⁶⁹. Ou seja, é necessário que o orientador consiga fazer as crianças sentirem que o que elas aprendem e vivem no Culto Infantil tem importância para os outros ambientes e dias de sua vida.

O orientador do Culto Infantil deve ainda, “tratar todas as crianças com igualdade [...], gostar de criança [...] saber o que ela quer, o que ela sente, [...] preparar-se bem, ler regularmente a Bíblia e viver na comunhão da comunidade”¹⁷⁰. Deve procurar ser ele mesmo, trabalhar junto com outros orientadores, gostar do que faz, aproximar-se de Deus com a criança em adoração e admiração, ter fé em Jesus Cristo, vivenciar e mostrar às crianças amor, perdão e honestidade.

Convém lembrar o que Lutero confessou, na explicação do terceiro artigo do Credo Apostólico:

Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé. Assim como chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra, e em Jesus Cristo a conserva na fé verdadeira e única.¹⁷¹

Groome concorda dizendo que “precisamos lembrar-nos constantemente de que, [...] não somos senão pobres representantes [...], sem a ajuda do Paráclito, não podemos representar a Cristo.”¹⁷² O Espírito Santo é quem capacita os cristãos, entre eles os orientadores do Culto Infantil, conforme está no evangelho de João, capítulo 14, versículo 26, e conceder-lhes dons e habilidades, conforme a primeira carta aos Coríntios, capítulo 12, versículos 4 a 11.

A tarefa do orientador de Culto Infantil “*exige compromisso, cuidado, responsabilidade, sensibilidade em perceber uma dificuldade da criança*” (entrevista 6), e “*estar pronto para assumir as necessidades, dúvidas da criança no dia-a-dia*” (entrevista 13). Sua tarefa se cumpre através de ações como: orientar, estar atento, dialogar, ensinar, esclarecer, ajudar, perceber, motivar, envolver, conviver, cativar, planejar, despertar, vivenciar o amor de Deus, coordenar, transmitir confiança, inserir, levar a sério, presidir o momento do culto, preparar, narrar as histórias bíblicas, celebrar.

Porém, no dizer de Hendricks, “os maiores comunicadores, os melhores mestres, não são necessariamente os que se acham à frente de tudo [...]. São aqueles que possuem um

¹⁶⁹ STRECK, 1979.p.17.

¹⁷⁰ OYBEKK, 1996.p.43-47.

¹⁷¹ LUTERO, 1983.p.371-372.

¹⁷² GROOME, 1985.p.391

grande coração. Ao comunicar, fazem-no com *todo* o seu ser, e atingem *todo* o ser daqueles que o ouvem.”¹⁷³.

Pelo perfil dos 23 (vinte e três) orientadores entrevistados por esta pesquisa, representando os 18 (dezoito) sínodos da IECLB, pode-se caracterizá-los como sendo na maioria mulheres (**86,9%**), e tendo o tempo de experiência de 2 a 46 anos, assim distribuído: **34,6%** de 2 a 10 anos; **43,3%** de 11 a 20 anos; e **21,7%** acima de 31anos de experiência.

Segundo as entrevistas dos orientadores do Culto Infantil, suas necessidades podem ser supridas através das ações dos próprios orientadores, dos obreiros com formação específica, das comunidades, das paróquias, dos sínodos. Conforme as entrevistas, compete:

a) *Aos orientadores do Culto Infantil*: ler sobre os temas abordados, questionar, estudar, tirar dúvidas, pesquisar, buscar informação e formação continuada; participar de seminários e cursos de formação, com disponibilidade; repassar os conteúdos e materiais recebidos para os demais orientadores; envolver-se com interesse e doação; disponibilizar tempo e atualizar-se; participar e conviver na comunidade, buscando contato mais próximo com pastores e presbitério para superar dificuldades, trilhar caminhos e saber como as coisas funcionam, a quem pedir, onde buscar ajuda; as próprias orientadoras conversando umas com as outras, buscar orientação; participar de reuniões, com discussão em grupos, planejamentos, e de retiros; preparar as histórias, com o uso de novas técnicas e materiais; participar de estudos bíblicos; ter vida cristã adequada; buscar ensinamentos sobre como transmitir os conteúdos de forma clara, na linguagem das crianças, obedecendo às faixas etárias; ter um bom material na mão; adaptar o manual do Culto Infantil para a sua realidade, para seu grupo; buscar subsídios (pessoas mais experientes, preparadas para a finalidade do CI); ler a própria bíblia é importantíssimo, estudar a Palavra de Deus enquanto leitura, comentários sobre as leituras bíblicas; ter um canal com Deus, viver a oração também é importante; sentir-se como membros desta comunidade, e saber que sendo orientador é uma das formas de servir a comunidade e se sentir integrado nesta comunidade; crer no que transmitem.

b) *Aos obreiros*: oferecer e assessorar estudo orientado; preparar, acompanhar e apoiar os orientadores; sentar junto e orientar mensal ou bimestralmente.

c) *Às comunidades*: oferecer acesso à literatura específica; dar carinho e reconhecer que o orientador é ser humano; investir, oferecer mais oportunidades de participação nos encontros de formação; apoiar os orientadores através do presbitério;

¹⁷³ HENDRICKS, 1991. p.94.

comprar o Manual do Culto Infantil ou qualquer outro material necessário; saber da importância do CI ou outro trabalho alternativo, que passa pelo financiamento deste trabalho.

d) *Às paróquias*: promover encontros de estudo entre os orientadores; realizar retiros para se estar em contato com outros orientadores, trocando idéias; ter um valor estipulado no orçamento da paróquia para investir no Culto Infantil; garantir financeiramente a participação de orientadores em encontros de capacitação.

e) *Aos sínodos*: promover e realizar seminários (3 ou 4 por ano) de aprofundamento pedagógico e teológico, que capacitem os orientadores a repassar o conteúdo com clareza e segurança; orientar e apoiar os orientadores; oportunizar aos orientadores cursos de capacitação.

Chama atenção o fato de se esperar que o próprio orientador seja responsável por grande quantidade de competências e nada ser mencionado sobre a competência da IECLB enquanto instituição da qual faz parte o trabalho do Culto Infantil, como contexto de educação cristã. As ações concretas por parte da IECLB para o Culto Infantil em nível nacional são uma boa ajuda, porém estão longe de suprir as reais necessidades deste trabalho e muitas vezes não conseguem atingir as bases. A IECLB deve ser a agente motivadora, promovendo oportunidades de formação a partir dos impulsos vindos da base. E a base hoje é a comunidade ou paróquia que vive a prática do Culto Infantil. É lá que a educação cristã acontece de verdade. É primordial que se enfatize a saudável relação entre Culto Infantil – Comunidade – Paróquias – Sínodos – IECLB, buscando descobrir e delimitar a função de cada instância.

3. FORMAÇÃO CONTINUADA

A preocupação com a formação continuada ou educação permanente surgiu a partir dos anos 1970, buscando responder à crise da sociedade e da educação da época. A democratização do ensino, as exigências da automação no mundo do trabalho, o excesso de informações criaram uma realidade que pedia pelo conceito de formação continuada para dar conta de todas as transformações que o mundo estava passando. A educação assume o papel de “preservar as faculdades criadoras do indivíduo e, [...] interessar-se pelo total desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano livre”¹⁷⁴. Na atualidade, quando se fala em formação continuada, insiste-se na necessidade de “aprender a aprender” por toda a vida.

Também os espaços eclesiais vivenciam questionamentos quanto à formação de seus participantes, frente às transformações no mundo. Segundo Groome, “se nossas comunidades cristãs fossem completamente fiéis, não teríamos necessidade da educação cristã intencional; bastar-nos-ia criar as crianças em nosso meio.”¹⁷⁵ Ou seja, se fosse feita a opção pela educação cristã contínua, crianças, jovens adultos e idosos viveriam sua fé de forma compartilhada, sem a necessidade de planejar, estruturar e executar atividades, grupos, encontros específicos de educação cristã intencional. Porém não é tão simples quanto parece. O mundo pós-moderno e globalizado, a sociedade repleta de disparidades oferecem muitas oportunidades de relativizar questões consideradas absolutas da transcendência, do sagrado, da fé, que influenciam a prática da vida cristã. Portanto, quanto melhor for planejada e executada a educação cristã intencional, mais efetiva será a educação cristã contínua.

É preciso que a igreja/comunidade cristã seja acolhedora, libertadora e emancipadora, ocupando seu lugar na sociedade, visando à humanização do ser humano e manifestando o amor e propósito de Deus. Conforme o pensamento bíblico de I Timóteo 2.4, Deus deseja que todos os seres humanos sejam *salvos* e cheguem ao pleno *conhecimento* da

¹⁷⁴ ARENILLA, 2000. p.188.

¹⁷⁵ GROOME, 1985. p.393.

verdade¹⁷⁶. Salvação e conhecimento caminham juntos. O diálogo entre teologia e pedagogia fundamenta a formação continuada cristã evangélico-luterana.

3.1 Conceitos Teo-pedagógicos

A igreja, que sabe de sua tarefa educativa, deve oportunizar o crescimento e a vivência na fé também, ou, principalmente das pessoas envolvidas com a educação cristã no espaço eclesial e para dentro do mundo.

Por muito tempo, os pastores que atuavam na igreja luterana no Brasil vinham da Alemanha. Em 1877, o pastor Wilhelm Rotermund concluiu num relatório: “uma coisa é certa: a fim de que nossas comunidades fiquem mais vigorosas, é necessário que seus ministros [pastores] e mestres [professores] sejam formados em seu próprio meio”¹⁷⁷. Ou seja, a formação de pastores e professores luteranos atuando nas comunidades dos migrantes deveria acontecer no Brasil. A partir desta constatação de Rotermund, a igreja decidiu criar o Seminário de Formação de Professores, que iniciou suas atividades em 1909 (hoje, Escola Evangélica Ivoti) e, o Instituto Pré-Teológico, em 1927 (hoje, Escola Superior de Teologia).

Faz-se necessário considerar de vital importância o investimento que precisa ser feito na capacitação destes educadores. Cristiane Gramkow, educadora cristã e catequista, aponta uma dicotomia sobre a realidade desta capacitação. Por um lado,

em Seminários de capacitação para Orientadores de Culto Infantil/Escola Dominical, há uma participação considerável de pessoas chamadas, motivadas e inspiradas para tornarem a igreja viva e que tem consciência do ‘sacerdócio geral’; [...] há gente nova se envolvendo; [...] os seminários para o Culto Infantil estão aumentando, com temáticas diversas, desde aquelas que são dirigidas para a pessoa do/a orientador/a, como aquelas direcionadas para o trabalho com crianças.¹⁷⁸

Por outro lado, alguns educadores

preparam-se sozinhos, sem assessoria de pastores e catequistas, como caminhantes solitários, mas que não desistiram, apesar das dificuldades encontradas. [...] há problemas de comunicação e presbitérios não sabem nem quem são seus orientadores, nem quando há programação para refletir em conjunto sobre a caminhada e como poderiam ajudar oferecendo os meios e oportunidades de participação em busca de melhoramentos.¹⁷⁹

O conceito de formação continuada está presente nas entrevistas aplicadas por esta

¹⁷⁶ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.171.

¹⁷⁷ FISCHER, Joachim. Breve história da Faculdade de Teologia. In: HOCH, Lothar. **Formação teológica em terra brasileira**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.p.18.

¹⁷⁸ GRAMKOW, 1999, p.21.

¹⁷⁹ GRAMKOW, 1999, p.21-22.

pesquisa, quando é perguntado sobre as necessidades do/a orientador/a do Culto Infantil, e é dito que ele/ela “*não pode parar no tempo, sempre tem que estar buscando*” (entrevista 1); “*deve estar sempre procurando, lendo, adaptando, estar sempre envolvida*” (entrevista 2); que precisa “*sempre estar fazendo seminários, aprendendo coisas novas, se aperfeiçoando.*” (entrevista 7); que precisa de “*formação orientada, continuada*” (entrevista 16), “*preparação específica*” (entrevista 9). Ainda é dito que ele/ela “*precisa ser preparada; [...] tem que ter formação, não basta informação.*” (entrevista 4). Também é dito que ele “*precisa ter uma orientação teológica, e os/as obreiros/as são responsáveis por isso. [...] A comunidade é responsável em promover oportunidades de o orientador se preparar.*” (entrevista 22). Foram apontados aspectos teológicos e pedagógicos da formação continuada dos orientadores do Culto Infantil.

3.1.1 Conceito Teológico

Como na antropologia luterana, o ser humano é simultaneamente justo e pecador, é a educação na fé que lhe possibilita perceber-se nesta situação e pode proporcionar-lhe instrumentos para conviver com sua identidade, tornar-se mais humano, viver sob a graça e a misericórdia de Deus. E em consequência, testemunhar sua fé em pensamentos, palavras e atitudes, pois, “*todos nós, como membros da Igreja de Cristo, somos sacerdócio real, representantes de Deus, encarregados por ele mesmo, para proclamar e viver a Boa Nova da salvação em Cristo, no ambiente em que vivemos*”¹⁸⁰.

A missão da igreja no mundo, de testemunhar o evangelho de Jesus Cristo, requer que seus membros sejam formados, orientados, capacitados, equipados e incentivados a desenvolverem seus dons e habilidades na pregação, instrução cristã, assistência, orientação de grupos e outros campos de ação, assegurando a continuidade do trabalho eclesial.

Anunciar o evangelho em palavra e ação, cooperando “*com igual cuidado, em favor uns dos outros*”¹⁸¹, conforme o apóstolo Paulo adverte na primeira carta aos Coríntios, capítulo 12, versículo 25, “*é fruto de uma educação que deixa transparecer a esperança, a fé e o amor que movem o ser e o fazer da pessoa*”¹⁸².

¹⁸⁰ IECLB. **Nossa fé – nossa vida**. 15.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.p.10.

¹⁸¹ A BÍBLIA Sagrada: antigo e novo testamento. Tradução em português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.p.207.

¹⁸² IECLB. Diretrizes da Política educacional da IECLB. In: **Textos orientadores para a educação evangélico-luterana**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.p.14.

Para cumprir esta missão, Deus promete estar conosco, por intermédio de Jesus, “todos os dias, até o fim dos tempos”¹⁸³. Deus também nos capacita e auxilia na tarefa de educar, pela ação do Espírito Santo, quando é dito: “porém, quando o Espírito Santo descer sobre vocês, vocês receberão poder e serão minhas testemunhas (...) até aos confins da terra.”¹⁸⁴.

A IECLB, com base no *sacerdócio geral de todos os crentes*, conclama cada pessoa, cada comunidade que professa Jesus como Senhor e Salvador, à tarefa de

sermos participantes efetivos do processo de ensino e aprendizagem, tornando-nos co-responsáveis na proclamação do Evangelho, na comunicação do Evangelho. [...] diferentes pessoas, a partir dos dons recebidos do Espírito Santo e do chamado ao discipulado, exercem atividades distintas na promoção do Evangelho.¹⁸⁵

A IECLB tem a responsabilidade de promover oportunidades de formação continuada na fé de seus membros já que a “aprendizagem da fé não se restringe a um período da vida, pois em cada ciclo há perguntas existenciais que promovem novos processos de aprendizagem”¹⁸⁶.

Segundo Lutero, “a ninguém se pode e nem se deve obrigar à fé”¹⁸⁷. Em virtude deste entendimento, “deve-se salvaguardar o direito à individualidade e promover a autonomia de pensamento, que consiste na capacidade de reflexão crítica, de discernimento e de tomada de decisões”¹⁸⁸.

Com base na experiência dialógica entre Deus e o ser humano, os educadores evangélico-luteranos, entre eles o orientador do Culto Infantil, devem manter com as crianças uma relação “caracterizada pelo saber ouvir, pelo respeito mútuo, pela cumplicidade e pela criticidade”¹⁸⁹. Ele atua como mediador das relações pessoais, dos conhecimentos científicos, teológicos e pedagógicos, e dos processos de aprendizagem. Além da tarefa educativa, realiza também “a função profética, pois proclama a reconciliação da pessoa com Deus, com seus semelhantes, com a integralidade da criação e, em consequência, consigo mesma”¹⁹⁰.

Nas entrevistas realizadas com orientadores do Culto Infantil, quando perguntados sobre o que o orientador precisa saber para desempenhar seu papel de educador cristão foram relacionadas algumas necessidades na área teológica. A necessidade mais mencionada foi em

¹⁸³ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.30.

¹⁸⁴ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.97.

¹⁸⁵ IECLB, 2005.p.16-17.

¹⁸⁶ IECLB, 2005.p.17.

¹⁸⁷ LUTERO, 1983.p.364.

¹⁸⁸ IECLB, 2005.p.18.

¹⁸⁹ IECLB, 2005.p.18.

¹⁹⁰ IECLB, 2005.p.18.

relação a sua capacidade cognitiva, em que ele precisa: a) *conhecer*: a Bíblia, a Palavra de Deus, o que é ser cristão e ser luterano, por que somos cristãos, por que cremos em Cristo, os fundamentos da fé cristã, sua igreja (história, confessionalidade, documentos, princípios, datas comemorativas...), sua realidade e comunidade, a liturgia (como organizar o culto, simbologia), o conteúdo a ser passado, a responsabilidade muito grande que ele tem; b) *ler* (ser alfabetizado); c) *ter*: boa base bíblica, base teológica, doutrina, fundamento sobre mandamentos e sacramentos, orientação, interesse; d) *receber algum preparo*; e) *acreditar*.

A capacidade atitudinal vem na seqüência, em que ele precisa: a) *vivenciar* o que ensina; b) *ser*: exemplo, cristão autêntico, cuidadoso em passar uma imagem acolhedora de Deus, fiel para colaborar com as crianças; c) *conviver* num grupo; d) *participar* na comunidade; e) *ter* Deus na sua vida.

A capacidade menos requisitada é a afetiva, sobre a qual foi dito que o orientador do Culto Infantil precisa: a) *gostar* do que faz; b) *sentir*: o amor de Deus, que ele o salva e o liberta; c) *incentivar* o amor ao próximo.

Como acontece à criança, também do educador é exigida, com maior intensidade, uma competência cognitiva para que ele consiga viver na fé cristã e cumprir efetivamente sua função e tarefa de educar conforme esta fé. Se a fé cristã tem como diferencial o relacionamento com um Deus pessoal, revelado em Jesus Cristo, por amor, graça e misericórdia, também estes valores devem fazer parte da formação do educador cristão, em específico do orientador do Culto Infantil, devem fazer parte da personalidade e do caráter cristãos deste educador, desenvolvendo as capacidades cognitiva, afetiva e atitudinal, proporcionalmente.

3.1.2. Conceito Pedagógico

Conforme apresentado anteriormente, “a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação”¹⁹¹. Uma mensagem começa a ter sentido quando é decodificada, quando alguém conhece ou procura conhecer seu conteúdo. “O ato de conhecer é dinâmico, instável, renovador e renovável, pois busca, permanentemente, através da indagação, da curiosidade, a construção de novos saberes”¹⁹².

A **Pedagogia** pode contribuir nesta construção por ser a ciência que “procura compreender o processo de tornar-se humano e das interferências realizadas pela sociedade

¹⁹¹ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.131.

¹⁹² IECLB, 2005.p.19.

neste processo”¹⁹³. A vida de fé pode e precisa ser pedagogicamente construída, as pessoas envolvidas precisam ser consideradas como sujeitos. É importante lembrar que por melhor que seja a educação cristã, ela não garante o sucesso do processo de aprendizagem na fé.

A construção da vida de fé acontece de forma mais efetiva pela interação de sujeitos, objetos e ambientes, vinculando o conhecimento ao cotidiano existencial e estabelecendo sentido para toda ação humana. Todas as ações planejadas para auxiliar nesta construção devem estar nutridas de “responsabilidade, dialogicidade, amorosidade, reciprocidade, [...] perspectiva transformadora, [...] o enfrentamento, a dúvida, a produção de novas indagações e a busca de alternativas”¹⁹⁴.

Não existe uma fórmula ou receita pedagógica pronta e eficiente para todas as realidades, todas as pessoas, em todo e qualquer lugar. O que existem são alguns princípios que podem orientar as ações educativas e facilitar efetivamente o processo de construção da vida na fé. Entre estes princípios¹⁹⁵ estão: a) *movimento*: que desenvolve “a capacidade de enfrentar o que já não faz mais sentido e ousar pensar e concretizar o que está por ser feito”; b) *dinamicidade*: que busca envolver “as pessoas de forma integral, valorizando a participação de corpo inteiro”; c) *sensibilidade*: que amplia a “capacidade de percepção, compreensão e relação com a Criação, fazendo uso dos diferentes sentidos que possui”, capacitando a “colocar-se no lugar e na situação do outro e sentir o que o outro sente; d) *flexibilidade*: é a capacidade “de mudar a forma de pensar e agir, sem, contudo, perder a identidade, o objetivo ou a vinculação a um projeto coletivo”; e) *ludicidade*: que “integra a relação prazerosa, onde predomina o espaço para a solidariedade, a alegria, a liberdade, a criatividade, o crescimento individual e grupal”; f) *criatividade*: é “a capacidade que a pessoa tem de ousar, de criar, de fazer algo diferente com aquilo que parece já estar consolidado”; g) *processo dialógico*: que “busca, através da expressão, da argumentação, da construção de idéias, chegar ao consenso e ao estabelecimento de novas formas de compreensão do que está sendo estudado, construído, vivido”; h) *aprendizagem significativa*: que “valoriza o processo e o caminho percorrido, mais do que o acúmulo de informações ou de ações realizadas”; i) *planejamento*: atende à necessidade humana “de projetar, de lançar um olhar mais à frente, a fim de organizar e dar sentido à sua existência”, construindo e refazendo a convivência em comunidade; j) *avaliação*: que “possibilita a intervenção nos processos educativos sempre que necessário e auxilia no exercício das ações pedagógicas compartilhadas”. Da cooperação destes princípios

¹⁹³ STRECK, Danilo R., 2005. p.20.

¹⁹⁴ IECLB, 2005.p.19.

¹⁹⁵ IECLB, 2005.p.20-21.

surge uma educação integral, acolhedora, desafiadora, que considera todas as dimensões do ser humano e convida a uma ação crítica, transformadora, dignificante e participativa na realidade.

De acordo com o ministério compartilhado, a educação cristã atinge todas as faixas etárias e os diversos contextos educacionais, num processo educativo relacional, em que “pessoas de diferentes idades e contextos interagem, trocam informações sobre a vida e, conjuntamente, aprendem formas de viver em grupo”¹⁹⁶. O relacionamento entre as pessoas é a base sobre a qual se pode construir a vida de fé, de forma contínua, processual, dinâmica e renovadora.

Nas entrevistas realizadas com orientadores do Culto Infantil, quando perguntados sobre o que o orientador precisa saber na área pedagógica para desempenhar seu papel de educador cristão, novamente o aspecto cognitivo apareceu de forma muito intensa. É dito que ele/ela precisa: a) *saber*: um pouco de didática, bastante pedagogia, orientação pedagógica, noções de psicologia da criança (capacidades das idades, como lidar com a criança,...), o conteúdo a ser repassado para as crianças, como transmitir esse conhecimento de forma clara, de maneira que a criança aprenda a amar a Deus, faixas etárias da criança, trabalhar com fantoches, cantar, métodos, técnicas de usar materiais pedagógicos, como narrar histórias bíblicas e fazer oração, cantos atrativos com gestos, que não só se ensina, mas também se aprende, que ele não é mais nem menos que as crianças; b) *conhecer*: a si mesmo, as várias personalidades das pessoas, seus limites e os da criança, as crianças que vem para o Culto Infantil, a realidade da criança com que está trabalhando, o mundo infantil, as necessidades da criança, conhecer suas responsabilidades e conseqüências, os conteúdos e os recursos, trabalhos manuais e uso de materiais; c) *trazer de casa*: educação familiar; d) *ter*: mais preparação; e) *estudar*: muito para estar seguro diante das crianças, dos questionamentos que elas trazem; f) *estar atenta* às diferenças de faixa etária; g) *aprender* músicas com gestos, como contar histórias para as crianças com fantoches, desenho, argila, teatro...; h) *ser*: curiosa na informação.

No aspecto afetivo, espera-se que o orientador de Culto Infantil: a) *tenha certeza* do que vai passar para as crianças, boa vontade e sensibilidade; b) *goste* das crianças; c) *identifique-se* com o trabalho. E no aspecto atitudinal, espera-se que: a) *cative* as crianças, principalmente porque “*ele vai ter aquela criança que é mais peralta, ou que não gosta de participar*”; b) *participe* da vida em comunidade; c) *adapte* o material; e d) *vá atrás* do que

¹⁹⁶ IECLB, 2005.p.13.

precisa.

Também é dito que o orientador precisa “*ter apoio de custo de material por parte da comunidade, bem como apoio pessoal, didático em encontros com obreiros e outros orientadores para trocar idéias ou resolver problemas. Boa vontade e apoio da comunidade para a valorização dos orientadores*” (entrevista 6), e que “*a igreja precisa fornecer capacitações para trabalhar com crianças*” (entrevista 15), confirmando o que consta nas Diretrizes da Política Educacional da IECLB, quando afirmam que “é necessário investir na formação e capacitação continuada das pessoas que ocupam a função de gestoras dos processos pedagógicos e administrativos”¹⁹⁷. Pela importância das ações que se esperam do orientador do Culto Infantil ressalta-se a necessidade de elaboração de programas na IECLB, que promovam sua formação continuada na fé.

3.2 Processos de formação

O processo de educação é sustentado pela característica da natureza do ser humano de inacabamento. Paulo Freire nos lembra da distinção entre os demais seres vivos e o ser humano que “se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado”¹⁹⁸. O ser humano se faz humano quando passa pelo processo dinâmico da educação.

Conforme metáfora de Danilo R. Streck, o *ethos* para a educação passa por processo de criação semelhante ao processo de construção de uma casa¹⁹⁹, aquela que é objeto dos sonhos de quem quer construir. Estes sonhos não estão apenas no imaginário, mas podem constituir-se em experiências concretas, agradáveis, desafiadoras, inquietantes ou até, dolorosas. Podem ser caracterizados como saltos, avanços, ou como conflitos, recuos identificados por ações ou situações que estimulam, impulsionam ou sufocam, congelam o processo de formação, momentânea ou perenemente.

Quando relacionamos o que nos passa, nos acontece, nos toca ao que somos, damos lugar à experiência. Porém, o excesso de informações, de opiniões, de trabalho e a falta de tempo destroem a experiência. Jorge Larrosa declara que “somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e

¹⁹⁷ IECLB, 2005.p.18.

¹⁹⁸ FREIRE, 1979.p.27.

¹⁹⁹ STRECK, Danilo R. *O ethos de uma educação humanizadora*. Passo Fundo: Revista Espaço Pedagógico, v.13, n. 1, jan./jun. 2006. p.99.

hiperativos. A experiência, [...] requer um gesto de interrupção...”²⁰⁰. É preciso parar, sair do trilho, calar, silenciar, observar, olhar, escutar, sentir, esperar, sensibilizar-se, receber, acolher os acontecimentos, desligar a lógica matemática, valorizar o encontro consigo mesmo e com o outro, abrir-se, permitir-se o tempo e o espaço da experiência. É a riqueza das experiências que torna os seres mais humanos, menos acabados, mais sensíveis e menos máquinas. É das experiências que nascem as transformações. São também elas que sustentam essas transformações, quanto mais significativas tenham sido.

Segundo Larrosa, “o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”²⁰¹. Saber de experiência é o que se acumula de experiências que ganharam sentido ao longo da vida. Os acontecimentos que foram e vão construindo a história de vida são os elementos que sustentam o conhecimento. Não se limita apenas à área de domínio cognitivo, mas também afetivo e atitudinal, porque passa pela experiência. Considerar o saber de experiência do ser humano é possibilitar o vínculo do conhecimento a sua história de vida. Viver a experiência, ser protagonista, é colocar-se em perigo. Construir o saber que deriva desta experiência permite ao ser humano apropriar-se de sua própria vida.

Larrosa denuncia que “a vida humana se fez pobre e necessitada, e o conhecimento moderno já não é o saber ativo que alimentava, iluminava e guiava a existência dos homens, mas algo que flutua no ar, estéril e desligado dessa vida em que já não pode encarnar-se”²⁰². É preciso que o conhecimento se encarne, se insira e transforme a vida humana. O saber de experiência é singular, mas produz a pluralidade, que se constrói sobre a soma de muitos singulares. O saber de experiência é ativo e fértil por estar ligado à vida que se viveu e aos impulsos que dela podem surgir. Nos primeiros tempos da igreja cristã, Pedro e João, em seus discursos, afirmaram perante o sinédrio: “... não podemos deixar de falar daquilo que temos visto e ouvido.”²⁰³.

Estruturar uma narrativa pessoal sobre a realidade vivenciada envolve o sujeito de forma inteira e integral. Ao estruturar a narrativa, o sujeito reinterpreta suas vivências, podendo transformar sua realidade. Maria Isabel da Cunha, educadora e pesquisadora em educação afirma que

as apreensões que constituem as narrativas dos sujeitos são a sua representação da realidade e, como tal, estão prenhes de significados e reinterpretações. [...] a

²⁰⁰ LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.p.24.

²⁰¹ LARROSA, 2002.p.27.

²⁰² LARROSA, 2002.p.28.

²⁰³ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.100.

narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade²⁰⁴.

O processo pedagógico de estruturação das narrativas dos sujeitos é um processo de formação que vem sendo cada vez mais estudado e aplicado. Pode ser usado como instrumento terapêutico junto a um acompanhamento psicológico ou pastoral. Mas também, como instrumento educativo, pois possibilita a desconstrução/construção das experiências, da identidade e do conhecimento. Deve acontecer já na formação dos educadores, conforme defende Cunha:

Não basta dizer que o professor tem de ensinar partindo das experiências do aluno se os programas que pensam sua formação não os colocarem, também, como sujeitos de sua própria história. [...] Provocar que ele organize narrativas destas referências é fazê-lo viver um processo profundamente pedagógico, onde sua condição existencial é o ponto de partida para a construção de seu desempenho na vida e na profissão.²⁰⁵

Quando os educadores desconstroem/constroem suas vivências e práticas, através deste instrumento de registro de narrativas, eles mesmos se transformam ou se deixam transformar. Depois que os educadores “sentem na pele”, resgatam sua história e identidade, é mais fácil pedir que considerem as experiências dos educandos.

Este instrumento pedagógico pode ser usado para desenvolver o “sensível olhar-pensante” que nos desafia Madalena Freire²⁰⁶. O desenvolvimento da sensibilidade em olhar e pensar conduz o educador ao reconhecimento e à reflexão sobre sua pessoa e sua profissão. Passar por este processo, com o registro das narrativas, permite que pessoa e profissional sejam transformados pelo “reconhecimento e a reflexão do sujeito sobre si mesmo para melhor reconhecer-se como profissional educador”²⁰⁷.

Se a tarefa do educador é ajudar o educando a se empoderar para construir sua autonomia diante do mundo que o cerca, é preciso que o educador se transporte para este mundo do educando. No dizer de Madalena Freire “a ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história”²⁰⁸. Sair do pedestal de “todo-poderoso”, imposto pela história, não nos tira a autoridade, porém nos aproxima dos educandos e facilita o processo de aprendizagem. Olhar/escutar nos torna

²⁰⁴ CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.p.38-39.

²⁰⁵ CUNHA, 1998.p.41.

²⁰⁶ FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.p.21.

²⁰⁷ CUNHA, 1998.p.44.

²⁰⁸ FREIRE, 1996.p.10.

mais humanos, mais iguais. Mas também mais observadores e atentos. Esta pedagogia do olhar coloca educador e educando num mesmo patamar.

Educador consciente assume a tarefa de desenvolver a capacidade de olhar-pensante nos educandos, “ensina o sensível olhar-pensante. Olhar sensível, e que é portanto, afetivo. Olhar que pensa, reflete, interpreta, avalia”²⁰⁹. Uma vez de posse deste olhar, os educandos, assim como os educadores, serão capazes de pensar, refletir, interpretar e avaliar qualquer situação, o que os torna autônomos. Desenvolver o olhar-pensante é um dos elementos desta pedagogia do olhar. Quanto mais os educadores se deixam envolver por esta pedagogia, mais eles se descobrem políticos, cientistas e artistas. Madalena Freire explica que

este educador [...] faz política quando alicerça seu fazer pedagógico a favor ou contra uma classe social determinada. Faz ciência quando apoiado no método de investigação científica estrutura sua ação pedagógica. Faz arte porque cotidianamente enfrenta-se com o processo de criação na sua prática educativa.²¹⁰

Quanto mais os educadores assumem estes papéis, melhor será sua leitura, interpretação, reflexão e avaliação dos significados do que acontece em sua relação com os educandos. É esta pedagogia do olhar que confere competência ao educador, conforme aponta Madalena Freire:

A pedagogia do olhar, pautada na arte e no ser simbólico e social que a produz, se torna necessária hoje na formação de qualquer educador. É através dela que o educador poderá perceber os parâmetros e desvios de seu olhar, exercitá-lo na leitura de [...] significados de fatos, comportamentos e ações pedagógicas, na construção de sua competência.²¹¹

Madalena Freire identifica o aprendizado do registro como sendo “o mais poderoso instrumento na construção da consciência pedagógica e política do educador”²¹². Infelizmente, esta concepção sobre o registro da prática pedagógica ainda não é aceita pela grande maioria dos educadores, que encaram o registro como um fardo, mais uma tarefa sem propósito. É preciso que o educador se conceba como um cientista que registra os resultados de suas experiências, para desenvolver sua pesquisa. Os educadores funcionais ocupam-se em executar um currículo determinado por outros sujeitos, nem sempre comprometido com uma educação transformadora. Pensar sobre a ação pedagógica constitui para alguns educadores um incômodo porque “implica no enfrentamento daquilo que se encontra, ainda, inconsciente em nós”²¹³.

²⁰⁹ FREIRE, 1996.p.21.

²¹⁰ FREIRE, 1996.p.5.

²¹¹ FREIRE, 1996.p.35.

²¹² FREIRE, 1996.p.6

²¹³ FREIRE, 1996.p.51.

É possível apenas pensar e refletir. Só que depois de algum tempo fazendo apenas isto, o educador não se percebe mais como sujeito. Sente-se como um objeto alienado e alienante. É preciso agir frente a este pensar e refletir para não correr o risco de sufocar desejos, sonhos, crenças e história, e enterrar viva a própria identidade. Tomar consciência aponta ou exige um posicionamento diferenciado frente à prática. É possível afirmar que falta humildade ao educador em se perceber como um ser inacabado, que necessita buscar ações transformadoras e criadoras até de sua identidade, enquanto sujeito da educação. Educador que se nega a pensar sobre a ação pedagógica e transformar-se pelas descobertas feitas parece estagnar em seu processo de construção pessoal.

Ensinar e aprender não envolve apenas a aplicação de técnicas criativas ou recursos interessantes. No processo pedagógico pulsa “um coração psicológico”²¹⁴. É um movimento que acontece na ação sensível entre os elementos da relação educativa: educador, educando e conhecimento. O educador, por estar consciente deste movimento, pode se deixar impulsionar pela psique desta relação. O educador pode utilizar-se dela para mais facilmente colaborar na construção da autonomia do educando e do conhecimento.

O uso de narrativas elaboradas a partir da experiência de vida permite enxergar o leque de possibilidades criativas de aprendizagem. Apesar do engessamento das estruturas formais (escolares e eclesiais), é possível criar oportunidades de permitir a emancipação dos sujeitos da educação.

Segundo Larrosa, “na paixão se dá uma tensão entre liberdade e escravidão, no sentido de que o que quer ser o sujeito é, precisamente, permanecer cativo, viver seu cativeiro, sua dependência daquele por quem está apaixonado”²¹⁵. Ou no dizer de Martin Lutero: “um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém. Um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos”²¹⁶, inspirado na carta que o apóstolo Paulo escreveu aos Romanos, capítulo 13, versículo 8: “não fiquem devendo nada a ninguém. A única dívida que vocês devem ter é a de amar uns aos outros. Quem ama os outros está obedecendo à lei.”²¹⁷

O educador cristão, e em especial o orientador do Culto Infantil pode sentir-se livre, por estar sob o amor, a graça de Deus, sem o peso de culpa, regras, estruturas opressoras. E ao mesmo tempo escravo, por se sentir devedor deste amor, e por gratidão alegre, ser impelido a agir por amor aos outros, para que também outras pessoas possam descobrir este amor que liberta e impulsiona a agir em favor de quem precisa.

²¹⁴ FREIRE, 1996.p.59.

²¹⁵ LARROSA, 2002.p.26.

²¹⁶ LUTERO, Martin. **Da liberdade cristã**. 3ªed. São Leopoldo: Sinodal, 1979.p.9

²¹⁷ BÍBLIA Sagrada, 2000.p.133.

Também é de Lutero a exortação de se ensinar tudo a todos, de se ensinar às crianças, utilizando jogos de tabuleiro, música, dança, línguas e outras disciplinas, “pois, que é tudo isso senão meras brincadeiras de criança nas quais os gregos outrora educaram suas crianças e do que resultaram pessoas excelentes, preparadas para toda sorte de atividades.”²¹⁸

Além do registro da narrativa das experiências de vida, como processo de percepção da própria formação, outros *processos de formação* se mostram relevantes e eficientes, como: a) **grupo focal**, em que acontece um estudo prévio, a discussão no coletivo, o foco em algo específico, a importância do trabalho empírico; b) **autobiografia**, em que se escreve sobre, se constrói o conhecimento com a própria história; c) **micro-ensino**, que é “uma experiência simplificada e desenvolvida numa programação graduada, flexível e contínua”²¹⁹; d) **dinâmicas de grupo**, que têm como objetivo principal a integração do grupo a que se destinam; e) **dinâmicas de aprendizagem**, que consiste na escolha e/ou mescla de atividades como jogos, brincadeiras, canções, exercícios de lógica, ilustrações, trabalhos manuais e artísticos, e outras, reunidas, agrupadas pedagogicamente para atingir um propósito educacional, com intenção didática; f) **intuição**, que compreende a “contemplação pela qual se atinge em toda a sua plenitude uma verdade de ordem diversa daquelas que se atingem por meio da razão ou do conhecimento discursivo ou analítico”²²⁰; g) **oficinas**, que são atividades pedagógicas que acontecem através de construções, elaborações práticas, manuseio de recursos concretos e que possibilitam grandes transformações em relação aos conteúdos que se quer assimilados; h) **discipulado**, especialmente no espaço eclesial, “é um relacionamento de mestre e aluno, baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo, que o aluno é capaz de treinar outros para ensinarem a outros”²²¹, acontece através de uma dinâmica relacional em que uma pessoa é acompanhada individualmente, sendo ouvida e sendo-lhe possibilitado ordenar sua oralidade, como auxílio na construção da identidade pessoal.

No processo de tornar-se humano, é preciso desenvolver ações e reações criativas, construtivas, críticas, de empoderamento, de resiliência, ou seja, de transformação da realidade, respeitando-se as identidades. Todo processo de formação deveria priorizar ações que promovam uma educação humanizadora, tais como: dialogar a partir do amor, humildade e fé; desenvolver participação crítica-reflexiva que envolve: ter feedback das pessoas/dos

²¹⁸ LUTERO, Martim. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal e Concórdia, 1995. Vol.5, p.319.

²¹⁹ WOUK, Maria das Dores. **Treinamento em micro-ensino**. 2. ed. Curitiba: Centro de Recursos Audiovisuais da Universidade Federal do Paraná, 1979. p.97.

²²⁰ FERREIRA, 1986. p.963.

²²¹ PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. 16. impr. São Paulo: Vida, 2004.p.16.

grupos, não levar tudo pronto, respeitar a individualidade, promover o bem da coletividade; trabalhar com as possibilidades de sair de situações conflituosas; ajudar o outro a viver o conflito de não se ter respostas para todas as perguntas; focalizar a importância de promover potenciais humanos em vez de destacar danos causados; “potenciar, capacitar e apoderar [...] as pessoas para [...] que as pessoas reconquistem a soberania sobre suas vidas”²²²; permitir e estimular o protagonismo e a criatividade das pessoas com quem se desenvolvem estas ações educativas.

O processo educativo eficiente transforma a necessidade do educando em motivação para a assimilação dos conteúdos, que possibilita o desenvolvimento de habilidades e competências. Também a educação na fé pode percorrer este processo, fazendo germinar motivação das necessidades existenciais dos educandos. O ser humano pode, e deve ser-lhe permitido, descobrir o sentido da vida, o valor da fé, a força da esperança, a vivência da espiritualidade no relacionamento com Deus e a prática do amor na relação com os outros. A formação continuada dos educadores cristãos deve fomentar este processo e contribuir para a reflexão sobre práticas, propósitos e desafios.

3.3 Programas de formação

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) tem sua história marcada pelo binômio Igreja-Educação. Desde o começo da presença dos cristãos luteranos em solo brasileiro, a partir de 1824, a preocupação com a escolaridade dos colonos imigrantes esteve vinculada à preocupação com a Educação Cristã dos membros da igreja²²³.

A partir da década de 1970, a educação cristã vem passando por um processo de aprofundamento e compreensão de sentido para dentro da prática educativa eclesial, bem como para dentro da presença e atuação da IECLB no contexto brasileiro. Deste processo, surgiu a expressão *Catecumenato Permanente – Discipulado Permanente*, definido como “o processo de atuação da Igreja, que visa à maturidade do cristão [...], a sua liberdade integral através da vivência do evangelho em comunhão e conseqüente ação responsável no mundo”²²⁴. O termo catecumenato tem origem nas primeiras comunidades cristãs, onde o catecúmeno

²²² STRECK, Valburga Schmiedt. Família y escuela: en búsqueda de condiciones de empoderamiento. In: ROSERO, Fernando. (Org.). **Formación de líderes sociales: experiencias y perspectivas**. Quito: Abya-Yala, 2002. p.153-174.

²²³ IECLB, 2005.p.9.

²²⁴ VOLKMANN, 1994.p.208. Observação: toda a edição deste periódico traz reflexões sobre o Catecumenato Permanente.

“era a pessoa que simpatizava com a fé cristã ou se tinha decidido seguir a Cristo [...] ele estava aprendendo a doutrina e a fé cristã com vistas ao batismo. [...] estava ensaiando a vivência da fé. [...] significava, principalmente, aprender a viver a fé no mundo. [...] decisivo é viver a fé no dia-a-dia da vida”²²⁵.

O documento *Catecumenato Permanente*, aprovado no IX Concílio Geral da IECLB, realizado em Cachoeira do Sul (RS), de 17 a 20 de outubro de 1974, nasceu da consulta e discussão feita sobre o papel missionário da Igreja. Esta, quando comunidade dinâmica, percebe a educação cristã como “uma instrumentalização para a atuação missionária mais eficaz e coerente [...], quando as atividades educacionais acompanham os trabalhos missionários de assistência social ou de projetos voltados para determinados problemas da sociedade local”²²⁶.

Em 1984, aconteceu a Consulta Nacional sobre Educação Cristã, com a perspectiva de elaborar e ativar uma Pastoral de Educação, aprovada pelo XIII Concílio Geral da IECLB²²⁷, que estabelecia a educação como uma das prioridades da Igreja Luterana. Dos relatórios apresentados nesta consulta, no que diz respeito à *educação cristã na comunidade*, destacamos, os seguintes tópicos²²⁸: 1) o Culto Infantil aparece como uma atividade de educação cristã presente nas comunidades, porém, só um representante desta atividade esteve presente na consulta; 2) membros leigos, obreiros pastores e obreiros catequistas têm definições diferentes e imprecisas sobre a função do obreiro catequista; 3) a concretização dos objetivos da educação cristã nas comunidades “é dificultada por posições pedagógicas antagônicas e sobrecargas”; 4) há dificuldade no uso do material elaborado pela igreja, apesar de ser considerado bom; 5) pais, obreiros e comunidades estão pouco preocupados com o ensino que é praticado; 6) ao priorizar a Pastoral de Educação, a igreja deve investir na formação de professores catequistas e professores em geral, apesar da momentânea fragilidade do curso de formação catequética; 7) há a preocupação em intensificar a relação entre a teoria e a prática na formação catequética; 8) o pastorcentrismo impede o desenvolvimento de autonomia das comunidades e da participação de outros obreiros; 9) a falta de inserção na realidade gera alienação; e 10) há falta de clareza sobre os propósitos e

²²⁵ SCHWANTES, Édio. **Aprendizagem e vivência do evangelho**. São Leopoldo: Sinodal, 1977.p.13.

²²⁶ STRECK, Danilo R. Ensinar e aprender na comunidade: notas de uma pesquisa. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 34, n.3, p. 236-242, 1994.p.239.

²²⁷ O XIII Concílio Geral da IECLB aconteceu de 20 a 24 de outubro de 1982, na cidade de Hamburgo Velho/RS.

²²⁸ CEM – Centro de Elaboração de Material. Temas atuais da IECLB – nº11, Educação Cristã. **Documentos da Consulta Nacional sobre Educação Cristã**. São Leopoldo, Sinodal, 1985. p.10.

valores da educação cristã crítica e libertadora. É lamentável que apesar de tanto estudo, reflexão, planejamento com relação à educação cristã, tão pouco se tem avançado na prática.

Através de pesquisa sobre o ministério educacional nas igrejas luteranas, Streck tipificou a educação cristã como sendo transformadora, evangelizadora e mantenedora de comunidade, enfatizando aspectos diferentes, porém, não excludentes, da vida de fé da pessoa e da comunidade. A primeira “tem como objetivos básicos conhecer a realidade e transformá-la”. A segunda “acentua o testemunho na comunidade e na sociedade”. A terceira “ênfatiza o bom funcionamento da comunidade, a transmissão de determinados valores e a dimensão terapêutica”²²⁹.

A IECLB acompanha reflexões que acontecem no mundo luterano. Em 1994, a Federação Luterana Mundial (FLM) definiu a expressão *Life long Journey of Faith (Jornada da fé ao longo da vida)*, reafirmando “que a educação na fé requer um processo contínuo de ensino e aprendizagem que precisa perpassar todas as fases do ciclo da vida: infância, adolescência, juventude, vida adulta e terceira idade”²³⁰.

O *Ministério Compartilhado* é outro documento da IECLB, que surgiu em 1994 para “concretizar um princípio fundamental para a Reforma Luterana, o *sacerdócio de todos os crentes*, baseado em I Pedro 2.9”, em que todo membro deveria saber responder pela sua fé. O *Ministério Compartilhado* busca mobilizar o crente luterano a reconhecer-se suficientemente apto, a partir do Batismo, a participar plenamente como cristão na igreja e como cidadão no mundo. O *Ministério Compartilhado* “é instrumento da missão de Deus para viabilizar uma igreja participativa e diaconal. [...] propõe o envolvimento do maior número possível de pessoas no exercício do ministério eclesialístico”. Da aplicação dos princípios deste documento, começa a surgir um plano para a Formação Cristã Continuada que é “uma proposta de valorização dos dons de cada pessoa, da atuação em equipe e da integração de todas as pessoas na obra de Cristo”²³¹.

No momento atual, a partir do Fórum Nacional do Ensino Confirmatório, realizado em 2003, a IECLB tem desenvolvido Seminários Nacionais de Educação Cristã Contínua (Curitiba/PR, Out.2005; Rodeio/SC, Maio2006). Nestes seminários, representantes das

²²⁹ STRECK, 1994.p.238.

²³⁰ MARTINI, Romeu R.(Org.). **Batismo e educação cristã**: por uma vivência diária da fé. São Leopoldo: Sinodal, 2006.p.13.

²³¹ SCHULTZ, Valdemar. Formação cristã continuada: uma reflexão a partir do Fórum Nacional do Ensino Confirmatório da IECLB. In: PONICK, Edson. **Ensino confirmatório e confirmação**: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p.14-15.

equipes sinodais de Educação Cristã, a equipe do Departamento de Educação Cristã²³², representantes dos centros de formação teológica, assessores, assessoras e uma equipe de educação cristã da IERP- Igreja Evangélica do Rio da Prata reuniram-se para refletir sobre a prática educativa da IECLB. Foi desenvolvida, teologicamente e pedagogicamente, uma base comum para o projeto de ECC – Educação Cristã Contínua, que propõe a “*educação cristã contínua para todas as fases da vida, à luz do Batismo.*”²³³. Ainda como continuação destas reflexões, reuniu-se em 30 de novembro de 2006, em Porto Alegre, o grupo-coordenador de Educação Cristã Continuada da IECLB, com o intuito de “*avançar no propósito de construir um programa de educação cristã*”²³⁴.

Alguns orientadores do Culto Infantil, entrevistados nesta pesquisa, relacionam o Culto Infantil com a educação cristã, dizendo que: “*Culto Infantil é a própria educação cristã. [...] Mesmo que os pais orientem, é o Culto Infantil que dá a base da educação cristã*” (entrevista 1); “*Não tem muita diferença. A educação cristã é para a vida; o Culto Infantil é para a vida*” (entrevista 2); “*O conteúdo é o mesmo. Enquanto a educação cristã continuada não acontecer por parte dos pais, ela está acontecendo pelo Culto Infantil*” (entrevista 3); os dois são preparação cristã (entrevista 7); “*Não se pode separar*” (entrevista 10); “*São termos semelhantes*” (entrevista 11); “*Educação cristã está incluída no Culto Infantil*” (entrevista 12); “*Há relação. O Culto Infantil é a base da educação cristã*” (entrevista 13); a educação cristã é o prolongamento do Culto Infantil (entrevista 16); “*o Culto Infantil tem um peso muito grande nessa educação cristã porque a criança vai conhecer muitas histórias bíblicas, vai participar da vida comunitária, talvez vá aprender a orar ali, se ainda não aprendeu em casa e vai ter essa vivência comunitária*” (entrevista 19); “*Todo espaço celebrativo é também educativo. Neste sentido, o Culto Infantil é também um espaço de educação cristã [...] Culto Infantil e educação cristã passam pelo ensino da Palavra de Deus e que acontece com uma linguagem mais própria para as crianças*” (entrevista 22); “*Os valores éticos que fazem parte da educação cristã com toda certeza não podem faltar no Culto Infantil [...] As crianças do Culto Infantil também fazem parte da educação cristã*” (entrevista 23).

Portanto, na perspectiva da IECLB, a educação cristã deve ser orientada para envolver a vida toda da pessoa, estar conectada à vida cotidiana, e desenvolver um jeito de ser

²³² O DEC, Departamento de Educação Cristã foi formado pela junção dos Departamentos de Catequese e de Assuntos para Juventude, e, para o planejamento das ações de formação cristã, conta com a parceria da Coordenação de Diaconia. O DEC é coordenado pela Secretaria de Formação, na Secretaria Geral da IECLB, e está localizado na cidade de Porto Alegre/RS.

²³³ MARTINI, 2006.p.10.

²³⁴ Memória da Reunião do grupo-coordenador de Educação Cristã Continuada, realizada em Porto Alegre, em 30 nov. 2006, recebida por e-mail, em 27 mar. 2007.

cristão, criativo e transformador, “a partir de e em função do seu Batismo”²³⁵. Diante disto, os contextos eclesiais de educação na fé, entre eles o Culto Infantil, podem assumir papel decisivo, se forem capazes de envolver todas as crianças, os jovens, os adultos e os idosos, membros leigos e obreiros da comunidade. Este envolvimento pode acontecer através de ações integradas, com o propósito que promover a formação continuada na fé, “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”²³⁶, testemunho da presença e ação de Deus no mundo.

²³⁵ MARTINI, 2006.p. 15.

²³⁶ A BÍBLIA Sagrada, 1969.p.231.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou aliar o conhecimento acumulado pela experiência prática de atuação com infância e formação de lideranças comunitárias, à revisão crítica de referencial teórico relevante e, à observação sobre o objeto de pesquisa, qual seja, a **formação continuada de lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos** junto à infância na IECLB, especificamente no Culto Infantil.

Sobre o referencial teórico, apontam-se dificuldades quanto ao limitado acesso à literatura necessária e quanto à escassez de bibliografia específica sobre o tema pesquisado. Buscou-se articular diferentes áreas do conhecimento, como pedagogia, psicologia, teologia e história da igreja, garantindo o enfoque específico de cada uma.

Entrecruzando saber e sabedoria, foram selecionadas informações necessárias, importantes e capazes de: fundamentar a reflexão sobre a prática vivenciada e, formular proposições sobre o que pode ou deve ser feito pela formação continuada na fé dos orientadores do Culto Infantil, enquanto contexto de educação cristã, na IECLB.

Considerando os propósitos desta pesquisa, é possível verificar a existência de propostas de formação continuada de lideranças comunitárias na IECLB, ao longo de sua história, e desde 1974 de forma cíclica. Praticamente a cada década a igreja ocupa-se com esta temática, porém pouco se avança na realização de ações pertinentes, que atendem às necessidades existentes. Se as propostas saíssem das “gavetas”, muito da realidade eclesial já seria diferente e profícuo à vivência de seus membros na fé cristã.

Do diagnóstico que é possível fazer sobre as propostas de formação continuada que contribuem para o exercício da atividade de educadores cristãos, junto à infância na IECLB, conclui-se que:

a) Recentemente a proposta da *Semana de Criatividade* foi transformada em *Oficinas de Criatividade*, com a possibilidade de duração diferenciada, o objetivo de formar lideranças

para trabalhar o Tema do Ano da igreja, buscando “envolver o maior número possível de pessoas”²³⁷, informando-se os sínodos sobre a possibilidade de solicitação de recursos financeiros para a realização das mesmas. Duas ofertas nacionais de 2007 são para ECC.

b) A instituição IECLB apóia plenamente a intenção de elaborar um programa de Educação Cristã Contínua, embora ainda apareça a pergunta se a educação cristã está sendo tratada com a atenção que precisa receber – em todos os níveis da igreja.

c) A Secretaria Geral da IECLB precisa “de um grupo nomeado pelo Conselho da Igreja que ajude a refletir, planejar, sugerir, delinear passos. Esse grupo ocupa um lugar estratégico, de grande responsabilidade: tentar delinear passos para a área da Educação Cristã junto com a equipe da Secretaria Geral, procurando responder ao que o próprio Conselho da Igreja coloca como prioridade”, porém não tem poder decisório.

d) O Departamento de Educação Cristã tem se ocupado da elaboração, divulgação, distribuição e avaliação de materiais diversos como: os cadernos de Educação Cristã Contínua - ECC e Fé, Gratidão e Compromisso - FGC, o caderno de estudos bíblicos do Tema do Ano, o material para o trabalho com crianças, a revista O Amigo das Crianças, o material para o Ensino Confirmatório, o material para a Semana dos Povos Indígenas, o Manual do Presbítero, folder e apresentação em PowerPoint sobre a Educação Cristã Contínua.

e) O Departamento de Educação Cristã observou que, a partir do Seminário Nacional das Equipes Sinodais de Culto Infantil - SNESCI, em setembro de 2006, houve reações desfavoráveis com relação à Educação Cristã Contínua como sendo algo que “vem de cima para baixo”, e por se entender que ela viria substituir o Culto Infantil. O DEC identificou a necessidade de ouvir e “conversar mais com as pessoas nas comunidades” para não desmotivá-las, e estabeleceu o pressuposto que cada sínodo deve ter uma comissão de ECC.

f) Existe a preocupação de articular lideranças que possam influenciar politicamente os sínodos e as comunidades quanto ao programa de Educação Cristã Contínua. Embora o DEC reconheça que não oferece “um programa tão enfático para a fundamentação da ECC” e até mesmo, que não disponibiliza de “um programa mais claro de ECC”, mas que “através do diálogo franco teremos condições de avançar no propósito de construir um *programa de educação cristã* na IECLB”.

Ou seja, fica claro que a IECLB ainda pretende construir um programa de educação cristã, que ainda não existe clareza quanto à intencionalidade do programa de ECC, mas que a

²³⁷ Memória da Reunião do grupo-coordenador de Educação Cristã Continuada, realizada em Porto Alegre, em 30 nov. 2006, recebida por e-mail, em 27 mar. 2007.

partir da concepção do Batismo este programa deveria visar à apropriação (mais do que a transmissão) do conhecimento da fé cristã. Esta apropriação passa pela intimidade na relação com Deus Criador, Redentor e Santificador, para se chegar à ação diaconal em relação aos outros seres humanos e ao universo.

A análise, sobre o programa de formação continuada de lideranças comunitárias da IECLB para atuar como educadores cristãos junto à infância, aponta para algumas necessidades: a) urgência na elaboração de um programa de formação continuada específica para lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos; b) compromisso em que este programa saia do papel e alcance o maior número de agentes de educação cristã, entre eles orientadores do Culto Infantil; c) responsabilidade pedagógica e cristã com que este programa contribua efetivamente na formação continuada na fé e na atuação dos agentes de educação cristã, inclusive junto à infância na IECLB.

Outras considerações importantes: se a educação secular, vista como sacerdócio ou missão, passou a ser encarada como prática profissional, o mesmo não se pode dizer da educação cristã. Se o modelo que se tinha de formação de educadores é hoje inadequado aos novos desafios educacionais, o que dizer sobre a formação de educadores cristãos? Ou ainda dos agentes de educação cristã que muitas vezes não se percebem neste papel?

Quando se diz que para a boa prática educacional precisa-se de habilidade, talento, gosto e conhecimento científico, estes mesmos critérios não são requisitados de quem quer trabalhar com educação cristã, principalmente dentro do espaço eclesial, inclusive no Culto Infantil. As lideranças comunitárias atuando como educadores cristãos, junto à infância na IECLB, também no Culto Infantil, deveriam ser capazes de: a) Conhecer o objeto a ser ensinado (conteúdos, processos de construção e relações com outras áreas do conhecimento); b) Conhecer e questionar o pensamento docente espontâneo (visões relativas ao senso comum que envolvem concepções simplistas sobre os diferentes saberes e sobre o seu ensino); c) Adquirir conhecimentos teóricos sobre o processo educativo; d) Analisar criticamente o ensino habitual; e) Avaliar, aprender a pesquisar e utilizar resultados de pesquisas; f) Planejar e executar atividades docentes.

Todas estas habilidades e competências devem ser preocupação das instituições responsáveis pela formação de seus educadores, tanto dos cursos e programas de formação inicial, quanto daqueles de formação continuada na fé. Se os programas de formação/atualização, com o objetivo de promover mudanças sobre como ensinar, enfrentam desafios na educação secular, muitos desafios mais encontram na educação cristã.

Se para a educação precisa-se evitar a aplicação precipitada dos resultados de pesquisas científicas bem como a supervalorização da tradição ou das habilidades natas do educador, para a educação cristã ainda se precisa justificar e estimular a importância da pesquisa científica. Ainda se está acostumado com a idéia que para termos educação cristã, basta termos a palavra de Deus, princípios e valores cristãos e pessoas que queiram ouvir deste conteúdo. Talvez este pensamento possa justificar que cada vez menos pessoas queiram ouvir. A educação cristã pode não estar preparada a dar respostas para as grandes inquietações da humanidade, que se revestem com o figurino da pós-modernidade. Falta à educação cristã, a preocupação pela formação contínua que possibilitaria melhores condições de atender as pessoas em suas dúvidas.

Assim como para a educação, o conhecimento científico deve aliar-se aos interesses daqueles para quem o conhecimento pode ser veiculado, para desenvolver com mais propriedade a arte de educar, também para a educação cristã, este conhecimento deve sustentar posturas emergentes que se exige dela.

Se para a educação existe a necessidade de combinar conhecimento científico com experiência de vida, para a educação cristã faz-se necessário incrementar o conhecimento científico, visto que o peso maior ainda está sobre a experiência de vida. Assim como o educador precisa adequar a descoberta do conhecimento científico à sua prática educativa, também o pesquisador em educação cristã deverá fazer esta adequação.

O educador é um artista, que por vezes precisa assumir o papel de cientista para conseguir recriar sua prática. Para o agente de educação cristã isto é mais difícil, pois ele terá que se descobrir primeiramente como artista, e posteriormente buscar o que pode fundamentar, estruturar, orientar melhor sua prática. A busca pelo conhecimento é útil e necessária desde que embase a prática educacional, suprimindo as necessidades que vão surgindo no cotidiano, seja ele secular ou eclesial. Se para a educação existe um excesso de interesses de pesquisa, para a educação cristã parece haver necessidade de fomentar a pesquisa.

Enquanto para a educação, a pesquisa precisa ser confiável e útil, para a educação cristã, a necessidade de pesquisa parece estar latente e acorrentada às inquietações de uns poucos educadores, preocupados com a qualidade que esta educação cristã precisa e poderia ter para atingir seus propósitos e cumprir com sua função. Em se tendo “consciência da precariedade da formação profissional pluridisciplinar dos educadores nos cursos de

Pedagogia”²³⁸, o que dizer da formação continuada de agentes de educação cristã, numa perspectiva eclesial em que a própria educação cristã é praticada de forma estanque, para alguns momentos específicos da vida e muitas vezes se limita a uma área de atuação apenas²³⁹?

Para colocar em prática uma interdisciplinaridade rigorosa e conseqüente, faz-se necessária uma competência em disciplinas específicas que promova a liberdade de buscar o diálogo com outras disciplinas, atendendo com responsabilidade aos desafios que vão surgindo na prática educacional. Para a educação cristã, a prática desta interdisciplinaridade contribuiria para uma atuação comprometida com a realidade circundante dos indivíduos com quem se desenvolve esta educação, o que possibilitaria que ela se colocasse a serviço da vida.

É urgente que se desenvolva o processo de aquisição de fundamentação científico-experiencial por parte dos agentes de educação cristã, para que os mesmos assumam com propriedade técnico-vivencial a função que se espera deles.

O processo de apropriação do conhecimento por parte do educando é mediado pelo educador, portanto há necessidade de uma tarefa com caráter pedagógico referente ao conhecimento. Cabe ao educador acompanhar o interesse do educando pelo conhecimento, por ser um conhecimento para a vida e vivência da fé. Na relação pedagógica dialógica, experimenta-se a construção conjunta de uma nova perspectiva que se estrutura sobre as experiências e os saberes de todos os interlocutores. Cada indivíduo carrega consigo uma história pessoal, baseada em seu contexto social, cultural, religioso e em seu cotidiano que influenciam no seu processo educativo. Cabe a cada um dos educadores, saber por que e para que se educa; como se educa e o que é preciso ensinar e aprender.

Tentando identificar as causas mais imediatas da situação em que a educação cristã encontra-se hoje, surgem com bastante evidência: a carência na formação das lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos; a insuficiência de cursos que ofereçam as possibilidades mínimas de instrumentalização para a prática docente, tanto no que diz respeito ao conhecimento teológico, quanto ao conhecimento pedagógico, e menos ainda no campo relacional; a falta de aquisição de referencial teórico que possibilite a análise crítica dos currículos colocados à disposição do educador cristão; e principalmente, porque as instituições envolvidas não assumem de forma efetiva as ações necessárias em prol da formação continuada dos educadores cristãos.

²³⁸ BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em educação**: conversas com pós-graduandos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p.89.

²³⁹ MARTINI, 2006. p.11.

É preciso pensar, refletir e agir sobre/para/com as pessoas que queremos participando na igreja/comunidade cristã. É preciso sonhar com a igreja/comunidade cristã acolhedora, libertadora e emancipadora que podemos ser, com o lugar que ela pode ocupar na sociedade visando à humanização do ser humano. A igreja/comunidade cristã precisa perceber-se e imaginar-se como um *ethos* educacional, preocupado em promover a participação ativa de todos os membros na vida da comunidade de fé.

Do documento “Diretrizes para uma política educacional da IECLB”²⁴⁰, elaborado por setores com interesse em educação dentro da igreja, dentre as linhas de ação para viabilizar o *sacerdócio geral de todos os crentes*, ressalta-se: 1) Investimento na Educação através de ações voltadas para a formação de todos os membros da comunidade; 2) Potencialização e intensificação das atividades de formação continuada de lideranças. A formação continuada tem o papel, não só de garantir a atualização dos educadores, como também de suprir deficiências de sua formação. O estabelecimento de uma estrutura de formação continuada poderia diminuir os problemas apontados, além de dinamizar a vida da comunidade de fé, que assumiria de forma efetiva o testemunho de denúncia da miséria humana e anúncio do amor de Deus.

Para contribuir efetivamente para a reflexão-ação da IECLB sobre a importância da formação continuada na fé de lideranças comunitárias que atuam como educadores cristãos junto à infância, sugere-se:

- 1) Estimular a discussão em torno da Educação Cristã Contínua em toda IECLB, enfatizando o estudo de referencial teórico específico, com base nos fundamentos confessionais evangélico-luteranos, quais sejam: somente Jesus Cristo pela Escritura, pela fé e pela graça, e a educação como testemunho, denúncia, anúncio e serviço da igreja;
- 2) Articular a caminhada conjunta dos diferentes movimentos eclesiais, aprofundando diálogo teológico, incorporando reflexão pedagógica pertinente, frente às inovações e necessidades da atualidade e definindo a intencionalidade de um programa de Educação Cristã Contínua;
- 3) Permitir que as lideranças comunitárias se envolvam ajudando a construir, divulgar e aplicar o programa da Educação Cristã Contínua;
- 4) Identificar e acompanhar iniciativas concretas de aplicação do programa de Educação Cristã Contínua;

²⁴⁰ IECLB, 2005.p.25.

- 5) Delinear passos e planejar ações junto ao Conselho de Igreja da IECLB, com o intuito de promover a operacionalização de programas de formação continuada na fé dos membros da igreja, em especial dos agentes de educação cristã, junto às casas de formação teológica.

Se, na perspectiva da IECLB, a educação cristã deve ser orientada para envolver a vida toda da pessoa, estar conectada à vida cotidiana, e desenvolver um jeito de ser cristão, criativo e transformador, a partir de e em função do Batismo, os contextos eclesiais de educação na fé, entre eles o Culto Infantil, devem assumir papel decisivo. O envolvimento necessário de todas as crianças, os jovens, os adultos e os idosos, membros leigos e obreiros da comunidade, através de ações integradas, com o propósito de promover a formação continuada na fé, de alcançar o aperfeiçoamento para o desempenho do serviço, para a edificação da igreja, corpo de Cristo, testemunha a presença e a ação de Deus no mundo.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA de Jerusalém. 3.impr. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- A BÍBLIA Sagrada: antigo e novo testamento. Tradução em português por João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- _____. Tradução de João Ferreira de Almeida. Versão revisada. Versão Digital (FreeWare) 2.7, julho 2002.
- ADAM, Gottfried. Kindergottesdienst. In: ADAM, Gottfried & LACHMANN, Rainer (Hersg.). **Gemeindepädagogisches Kompendium**. Göttinger: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.p.279-301.
- ARENILLA, Louis, GOSSOT, Bernard, ROLLAND, Marie –Claire, ROUSSEL, Marie-Pierre. **Dicionário de Pedagogia**. Instituto Piaget, 2000.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ASSMANN, Hugo e SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BÍBLIA Sagrada: nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.
- CARVALHO, Antônio Vieira de. **Teologia da educação cristã**. São Paulo: Eclésia, 2000.
- CEM – Centro de Elaboração de Material. **Manual do culto infantil**. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

_____. Temas atuais da IECLB – nº11, Educação Cristã. **Documentos da Consulta Nacional sobre Educação Cristã**. São Leopoldo, Sinodal, 1985.

CONSTITUIÇÃO da IECLB. Porto Alegre: Serviço de Registro Civil das Pessoas Jurídicas, 1998. Disponível em < <http://www.luteranos.com.br/ieclb/documentos/constituicao.doc>>. Acesso em 09 mar. 2007.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.p.37-46.

DAUNIS, Roberto. **Jovens: desenvolvimento e identidade – troca de perspectiva na psicologia da educação**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC:UNESCO, 2001.

ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

_____. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FISCHER, Gerson. **O paradigma da palavra: a educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade**. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998.

FISCHER, Joachim. Breve história da Faculdade de Teologia. In: HOCH, Lothar. **Formação teológica em terra brasileira**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.p.18-32.

FOWLER, James W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas: Papyrus, 2003.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Ação cultural para liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GRAMKOW, Cristiane. **A importância do/a orientador/a na tarefa do Culto Infantil.** São Bento do Sul: EST/IEC, 1999. (Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Educação Cristã)

GROOME, Thomas H. **Educação religiosa cristã:** compartilhando nosso caso e visão. São Paulo: Paulinas, 1985.

GROPPO, Luís Antonio. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas.** Revista de Educação do Cogeime, v. 13, n.25, dez. 2004.p.9-22.

HAITCH, Russell. A summary of James E. Loder's theory of Christian Education. In: WRIGHT & KUNTZEL. **Redemptive transformation in practical theology.** Cambridge: William B. Eerdmans, 2004.p.298-321.

HENDRICKS, Howard. **Ensinando para transformar vidas.** Venda Nova: Betânia, 1991.

JUNGE, Letícia Bencke. **Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical:** experiências nas comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville (1968-1981). São Leopoldo: EST/IEPG, 2004. (dissertação de mestrado)

IECLB. **Nossa fé – nossa vida:** um guia de vida comunitária em fé e ação. 15. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

_____. Diretrizes da Política educacional da IECLB. In: **Textos orientadores para a educação evangélico-luterana.** São Leopoldo: Sinodal, 2005.

KALMBACH, Pedro. **Bautismo y educación:** contribuciones para el actuar pedagógico comunitário. 1ª ed. Buenos Aires: el autor, 2005.

_____. Educação cristã contínua: sua fundamentação a partir do batismo. In: MARTINI, Romeo R.(Org.). **Batismo e educação cristã:** por uma vivência diária da fé. São Leopoldo: Sinodal, 2006.p.19-28.

KLEIN, Remí. Entrevista sobre o Departamento de Catequese da IECLB. In: JUNGE, Letícia Bencke. **Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical:** experiências nas comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville(1968-1981). São Leopoldo: EST/IEPG, 2004. (dissertação de mestrado).

- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.p.20-28.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 7. reimpr. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUTERO, Martim. **Da liberdade cristã**. 3ªed. São Leopoldo: Sinodal, 1979.
- _____. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal e Concórdia, 1995. Vol.5, p.301-325.
- _____. **Educação e reforma**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.
- _____. In: **Senhas Diárias**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- LUTERO, Martinho. **Os catecismos**. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1983.
- MARTINI, Romeu R. (Org.). **Batismo e educação cristã: por uma vivência diária da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- MARTINS, Maria Anita Viviani. Educação. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.p.242-246.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Capítulo XIII. 3. a) Apropriação pelo capital das forças de trabalho suplementares. O trabalho das mulheres e das crianças, p. 449-459.
- MEMÓRIA da Reunião do grupo-coordenador de Educação Cristã Continuada, realizada em Porto Alegre, em 30 nov. 2006, recebida por e-mail, em 27 mar. 2007.
- METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. In: **Concilium**. Petrópolis: Vozes, Vol./nº264, 1996.p.120-134.
- METTE, Norbert. **Pedagogia da religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MIRANDA, Ana Maria Vieira de. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência: perspectiva psicológica**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003. (Tese de Doutorado)
- OYBEKK, Inger. **Orientados para orientar: subsídios para orientadores de culto infantil e escola dominical**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- PEREZ, I. Teología de la educación. Tesis provisionales (Extractos). Bogotá: Indo-American Press Service, 1980. In: PREISWERK, Matthias (Ed.). **Un telar para la educación: avances y materiales**. Curitiba: CELADEC, 1996.p.95-97
- PHILLIPS, Keith. **A formação de um discípulo**. 16. impr. São Paulo: Vida, 2004.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PREISWERK, Matthias (Ed.). **Un telar para la educación: avances y materiales**. Curitiba: CELADEC, 1996.

REUSCH, Martim. **Manual para orientadores do Culto Infantil e da Escola Dominical**. São Leopoldo: Sinodal, 1972.

_____. Dinâmica de Escola Dominical/Culto Infantil: novas possibilidades. In: Revista do CEM - Centro de Elaboração de Material, ano 2 – 1979, nº1/2. **A criança na comunidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1979.p.21-24.

REY, Bernard. **As competências transversais em questão**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCHIPANI, Daniel S. **El reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: fundamentos y principios de educación cristiana**. USA: Editorial Caribe, 1983.

SCHULTZ, Valdemar. Formação cristã continuada: uma reflexão a partir do Fórum Nacional do Ensino Confirmatório da IECLB. In: PONICK, Edson, SCHULTZ, Valdemar, WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). **Ensino confirmatório e confirmação: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.p.12-20.

_____ (relator). Relatório da pesquisa sobre o ensino confirmatório e a confirmação na IECLB. In: PONICK, Edson, SCHULTZ, Valdemar, WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). **Ensino confirmatório e confirmação: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.p.62-90.

SCHWALM, Mauro. Palavras de abertura de Seminário Sinodal para orientadores do Culto Infantil, 21 mai 2000. In: DEPARTAMENTO de Catequese da IECLB. **Manual para o Culto Infantil**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

SCHWANTES, Édio. **Aprendizagem e vivência do evangelho**. São Leopoldo: Sinodal, 1977.

STRECK, Danilo. A tarefa do Culto Infantil/Escola Dominical. In: Revista do CEM - Centro de Elaboração de Material, ano 2 – 1979, nº1/2. **A criança na comunidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1979. p.12-18.

_____. Ensinar e aprender na comunidade: notas de uma pesquisa. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 34, n.3, 1994.p.236-242.

_____. Perspectiva luterana da educação (IECLB). In: STRECK, Danilo R. (Org.). **Educação e igrejas no Brasil: um ensaio ecumênico**. São Leopoldo: CELADEC/IEPG, 1995.p.27-33.

_____. **Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes; Rio Grande do Sul: CELADEC, 2005.

_____. **O éthos de uma educação humanizadora**. Passo Fundo: Revista Espaço Pedagógico, v.13, n. 1, jan./jun. 2006. p.95-106.

STRECK, Danilo R., WACHS, Manfredo C. Educação Cristã. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998.p.245-267.

STRECK, Valburga Schmiedt. Familia y escuela: en busqueda de condiciones de empoderamiento. In: ROSERO, Fernando. (Org.). **Formación de líderes sociales: experiencias y perspectivas**. Quito: Abya-Yala, 2002.p.153-174.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

VOLKMANN, Martin. Catecumenato Permanente – um desafio que permanece. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 34, n.3, 1994.p.205-218.

WACHS, Manfredo Carlos Wachs. **O ministério da confirmação: contribuição para um método**. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1998.

WEBER, Hans-Ruedi. **Jesus e as crianças**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

WOUK, Maria das Dores. **Treinamento em micro-ensino**. 2. ed. Curitiba: Centro de Recursos Audiovisuais da Universidade Federal do Paraná, 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Entrevista Semi-dirigida

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Curso de Mestrado Profissionalizante em Teologia: Educação Comunitária com Infância e Juventude

Mestranda: Marilze Wischral Rodrigues

ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

Pessoa com _____ de experiência no Culto Infantil

Participante do Seminário Nacional de Equipes Sinodais Multiplicadoras do Culto Infantil,

Curitiba, 22 a 24 de setembro de 2006.

1. Como você define o Culto Infantil?
2. Como se relaciona Culto Infantil e Educação Cristã?
3. Qual a tarefa do/a orientador/a de Culto Infantil?
4. O que o/a orientador/a de Culto Infantil precisa saber?
5. Como se poderia suprir esta necessidade?
6. Quais as dificuldades e facilidades que você encontra na execução da tarefa de orientador/a de Culto Infantil?

APÊNDICE 2

Autorização assinada pelos orientadores entrevistados

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Curso de Mestrado Profissionalizante em Teologia: Educação Comunitária com Infância e Juventude

Mestranda: Marilze Wischral Rodrigues

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, autorizo a utilização da entrevista concedida como fonte de pesquisa para o Mestrado Profissionalizante em Teologia: Educação Comunitária com Infância e Juventude, com tanto que seja preservada a identidade da pessoa entrevistada.

Curitiba, _____ de setembro de 2006.

Assinatura da pessoa entrevistada_____
Assinatura da entrevistadora

1. Como você define o Culto Infantil?

Entrevista 1 - É o espaço da criança dentro da IECLB e a base da igreja porque se a criança tiver a base do evangelho, se ela conhecer que Jesus é nosso salvador e que Deus é o grande criador de tudo que temos com certeza ela vai ser um membro que vai permanecer na nossa igreja.

Entrevista 2 - É um trabalho extremamente importante porque é ali que se preenche um pouco o que a família deixa de fazer. É um trabalho fundamental para a vida da criança, da pessoa, para viver melhor, junto com os outros, principalmente dentro da comunidade dela e vivenciar a fé.

Entrevista 3 - Construção de base, fundamento da nossa igreja. Base para as crianças construírem sua vida como cristão. Faz o que antigamente os pais faziam: mostrar o caminho de Jesus, mostrar o caminho bom da vida. No Culto Infantil hoje, são os pais adotivos das crianças que estão fazendo isto. Preenche parte da função dos pais. Bases para viver a vida cristã.

Entrevista 4 - É a base da comunidade porque a criança que participa do Culto Infantil depois vai participando dos outros setores da comunidade. E se a criança não começa desde cedo a participar é muito difícil depois ela participar do grupo de jovem porque ela não tem aquela vivência. E quase tudo que se aprende enquanto se é criança é mais forte depois. A criança que não tem uma vivência religiosa enquanto criança é muito difícil participar depois, até na própria sociedade, se incluir em outros setores. Culto Infantil é primordial e tem que ser despertado pelos pais. Não basta mandar para o Culto Infantil; é preciso que os pais também participem dos setores da igreja.

Entrevista 5 - É a base, o aprofundamento, é ali que inicia toda a vida da comunidade.

Entrevista 6 - É um momento agradável com as crianças, onde a gente brinca, conversa, troca experiências, às vezes a gente vai preparada e elas acabam envolvendo mais, nos questionam. É o momento que você trabalha a vida das crianças em comunidade. É um momento de crescimento pessoal, que você se doa e acaba aprendendo com as crianças.

Entrevista 7 - É uma preparação teológica, não bem teológica, mas uma preparação bíblica para as crianças, o fundamento bíblico, a base das histórias bíblicas que a gente está contando. É uma base para o Ensino Confirmatório, para a vida da *Educação Cristã Continuada*.

Entrevista 8 - É um espaço onde as crianças se encontram, onde a gente pode ensinar para elas o caminho de Deus numa forma mais leve.

Entrevista 9 - Celebração de fé, que tem uma “liturgia” voltada para a criança.

Entrevista 10 - Momento de encontro e troca de idéias sobre relacionamentos, a fé, oração e outros assuntos.

Entrevista 11 - Encontro com crianças para ensinar a palavra de Deus, usando uma linguagem acessível para elas.

Entrevista 12 - Espaço que se tem para falar de Deus, do seu amor por elas.

Entrevista 13 - É a base da comunidade, onde a criança aprende sobre a bíblia, amor, respeitar, valores.

Entrevista 14 - Local onde a criança na maneira e na linguagem dela, aprende as maravilhas de Deus, o quanto Deus a ama e cuida dela.

Entrevista 15 - Importante na vida da criança. Momento que a criança vai à igreja para ouvir do amor de Deus. Ouvir as histórias.

Entrevista 16 - Trabalho com Culto Infantil. Aprendizagem do amor de Deus, viver com Deus, família e comunidade.

Entrevista 17 - Momento de liturgia, de convivência das crianças com a palavra de Deus, e feito para elas.

Entrevista 18 - É o lugar onde as crianças se reúnem para aprender do amor que Deus tem por elas.

Entrevista 19 - É um encontro para crianças onde se celebra, se ouve da Palavra de Deus, se canta, faz brincadeiras e atividades em relação à história.

Entrevista 20 - Espaço de vivência em comunidade e aprendizado.

Entrevista 21 - Espaço na vida comunitária que se adapta à compreensão, ao entendimento das crianças. Espaço celebrativo e de convivência.

Entrevista 22 - É um espaço de celebração, onde a ênfase é a participação das crianças, é um espaço próprio para as crianças. Se o culto é o espaço aonde Deus vem ao encontro da comunidade, Culto Infantil é o espaço aonde Deus vem ao encontro das crianças. Momento de celebração das crianças com o uso de altar, símbolos, seqüência litúrgica. O Culto Infantil deve ter também a função de despertar o testemunho no mundo, na sociedade. No Culto Infantil, celebrar esse amor de Deus que nos fortalece para sermos testemunhas concretas no nosso dia a dia, falando, mas também agindo. É também um espaço de motivação para uma participação mais efetiva na própria comunidade.

Entrevista 23 - É a comunhão das crianças ou a comunidade das crianças em torno da palavra de Deus.

2. Como se relaciona Culto Infantil e Educação Cristã?

Entrevista 1 - Culto Infantil é a própria educação cristã. Os adultos têm a educação cristã continuada. Mesmo que os pais orientem, é o Culto Infantil que dá a base da educação cristã, pois indo ao Culto Infantil, a criança vai adquirindo, evoluindo, vai tendo mais conhecimento do que é ser cristão, qual a importância de Cristo para nós e o que um cristão faz na sociedade, quais são as atitudes de um cristão porque geralmente, quando a criança tem uma boa educação cristã, ela é um bom cidadão também.

Entrevista 2 - Não tem muita diferença. A educação cristã é para a vida; o Culto Infantil é para a vida.

Entrevista 3 - O conteúdo é o mesmo. Enquanto a educação cristã continuada não acontecer por parte dos pais, ela está acontecendo pelo Culto Infantil. Não deixo de saborear com as crianças o sentido de culto, mas minha preocupação é quanto ao conteúdo de informações a respeito de bases para a vida. O que foi passado para as crianças até os 10/12 anos é o que vai ajudá-la a suportar, vencer, passar pelas agruras da vida.

Entrevista 4 - Tem pessoas que vêem o Culto Infantil como o lugar onde os orientadores estão lá para brincar, mas é uma visão equivocada. O Culto Infantil é uma prática no nível das crianças, mas é um culto. Tem momentos de brincadeira, mas o principal é a fundamentação teológica, a doutrina cristã, é a educação cristã e a educação continuada; ali é o início e vai numa seqüência.

Entrevista 5 - Tem tudo a ver. É ali que a criança acaba se envolvendo, entendendo. Enfim, tem tudo a ver o Culto Infantil. Com a educação cristã.

Entrevista 6 - O Culto Infantil parece que é só ali, naquele momento. E a educação cristã é a continuidade, no momento que a criança está na escola, na família. É uma continuação daquilo que ela está vivendo para o dia-a-dia dela.

Entrevista 7 - Em que sentido? No contexto geral... Não teria palavras. Não tinha ouvido falar. Educação cristã é um ensino, um preparo cristão, relacionado com igreja e Culto Infantil é uma preparação cristã sobre mandamentos, bíblia, sacramentos.

Entrevista 8 - Quando eu ia ao Culto Infantil tem aqueles desenhos, aquelas músicas com gestos, aquilo apresenta a vida cristã para as crianças. E a criança aprende tão fácil isto que ela leva pro resto da vida. Eu posso mostrar para elas um caminho onde não tem uma obrigação: tu gostas de Deus? Segue ele!

Entrevista 9 - Educação cristã começa em casa com a responsabilidade dos pais. Culto Infantil é uma caminhada, complemento, espaço para crescer na fé, demonstrar solidariedade.

Entrevista 10 - Não se pode separar.

Entrevista 11 - São termos semelhantes. Não vê diferença.

Entrevista 12 - Educação cristã está incluída no Culto Infantil, no Culto Infantil deve ter uma educação integral. Ajudar as crianças a se integrarem.

Entrevista 13 - Há relação. O Culto Infantil é a base da educação cristã, pois as crianças vêm de casa sem contato nenhum com a palavra. A educação cristã completa o que a criança recebe. Há resistência dos pais em falar sobre Jesus.

Entrevista 14 - Não sabe relacionar.

Entrevista 15 - Educação cristã é toda a vivência (casa, igreja, escola). Culto Infantil é ferramenta de transmitir a palavra de Deus.

Entrevista 16 - Há uma relação profunda entre Culto Infantil e Educação cristã, não há separação. Prolongamento.

Entrevista 17 - A educação cristã tem objetivo de educar dentro de certa teologia. Culto Infantil tem a sua teologia e tem como base sentir o mundo cristão, lugar de convivência de sentir a presença de Deus.

Entrevista 18 - Educação cristã está diretamente relacionada com a palavra de Deus, que é o fundamento para falar do amor Dele para as crianças.

Entrevista 19 - A partir do batismo, Jesus disse que além de batizar, a gente deve ensinar. Isso deve começar já em casa através da oração, de histórias bíblicas. E o Culto Infantil tem um peso muito grande nessa educação cristã porque a criança vai conhecer muitas histórias bíblicas, vai participar da vida comunitária, talvez vá aprender a orar ali, se ainda não aprendeu em casa e vai ter essa vivência comunitária. Depois, no Ensino Confirmatório, a criança que participou do Culto Infantil vem com uma bagagem maior. É mais certo que uma criança que participou do Culto Infantil vá querer participar da Juventude do que uma que não participou. Vai vir meio por obrigação no Ensino Confirmatório e vai sumir depois. É o que eu penso e tenho observado até aqui.

Entrevista 20 - Há uma relação forte entre estas duas. Culto Infantil é confessional e educação cristã é interconfessional. Diferente do Ensino Religioso Escolar.

Entrevista 21 - Tarefa que a comunidade assume no batismo é o ensino. Culto Infantil tem este papel de ensinar, é uma tentativa de desempenhar esta tarefa assumida no batismo. É uma... dentro de um processo, na perspectiva de educação contínua.

Entrevista 22 - Todo espaço celebrativo é também educativo. Neste sentido, o Culto Infantil é também um espaço de educação cristã. É onde a gente aprende a celebrar também. O Culto Infantil é educativo pelo contato com elementos e símbolos litúrgicos, faz parte do celebrar, mas também da educação cristã. Mas também é educação cristã, pelo fato de ensinar, falar sobre os conteúdos da fé: as histórias bíblicas, os mandamentos, o relacionamento de Deus com o seu povo, esse Deus amoroso que está sempre de novo chamando e indo ao encontro de seu povo. Culto Infantil e educação cristã passam pelo ensino da Palavra de Deus e que acontece com uma linguagem mais própria para as crianças. Um dos pontos fortes do Culto Infantil é a narração de histórias bíblicas.

Entrevista 23 - Educação cristã inclui Ensino Religioso na escola, não é confessional. Educação cristã abrange todas as idades, mas não é comunidade, é geral pode acontecer em todos os âmbitos. Educação cristã não necessariamente visa às pessoas de uma comunidade. Culto Infantil é comunidade, são as crianças da comunidade agrupadas ao redor da palavra de Deus, às vezes em outro espaço ou tempo. A educação cristã pode participar de um seminário sobre responsabilidade ou bioética, com uma platéia de adultos das diferentes igrejas. Os valores éticos que fazem parte da educação cristã com toda certeza não podem faltar no Culto Infantil. Mas é o alvo geral da educação cristã. As crianças do Culto Infantil também fazem parte da educação cristã.

3. Qual a tarefa do/a orientador/a de Culto Infantil?

Entrevista 1 - Orientamos a criança no caminho de Deus, para que ela permaneça na Comunidade, para que possa ocupar outros espaços, para que seja membro ativo. O orientador é o mediador entre o ensinamento de Cristo, o participar da igreja e a vida da criança.

Entrevista 2 - Orientar, estar atento, não se impor, mas conversar, dialogar para fazer a criança perceber o que é bom e o que não é, para ele e aos outros também.

Entrevista 3 - Ensinar a criança a gostar e amar a Deus.

Entrevista 4 - Repassar, trabalhar com as crianças todo o ensinamento cristão.

Entrevista 5 - Repassar bem, esclarecer bem histórias bíblicas, tem que ser uma coisa clara, viva para realmente a criança conseguir entender.

Entrevista 6 - Ajudar a criança, ensinar. Elas se espelham naquilo que a gente está fazendo. É uma tarefa que exige compromisso, cuidado, responsabilidade, sensibilidade em perceber uma dificuldade da criança.

Entrevista 7 - Ele tem que preparar a criança para a vida contínua de educação cristã e para a vida cristã, para passar isto aos filhos e netos.

Entrevista 8 - Dar exemplo. Encaminhar a criança pro lado do bem explicar que existe o bom e o mau, qual a diferença entre eles e que é melhor escolher o bom.

Entrevista 9 - Motivador, acolhedor, cuja tarefa é orientar o trabalho de culto, envolvendo as crianças.

Entrevista 10 - Ser exemplo. Não posso falar uma coisa de que eu não faça.

Entrevista 11 - Ensinar a palavra iniciar o convívio das crianças na igreja.

Entrevista 12 - É a pessoa que transmite a palavra de Deus, deve ser o espelho para estas crianças.

Entrevista 13 - Cativar a criança para que a criança compreenda que Deus é amor, respeito, cuidado. Planejar de forma que a criança procure saber mais sobre. Estar pronto para assumir as necessidades/ dúvidas da criança no dia-a-dia.

Entrevista 14 - Mostrar para a criança o caminho que leva a Deus, Deus presente. Fazer a tarefa dos pais que não encaminham a criança desde cedo para os caminhos de Deus.

Entrevista 15 - Passar o conhecimento da palavra de Deus, para que ela possa vivenciá-la. Orientador é o modelo. Desperta na criança o desejo de vivenciar os ensinamentos de Jesus.

Entrevista 16 - Trabalhar junto com a criança. Ajudar a criança a refletir, a amar a Deus e viva o amor de Deus.

Entrevista 17 - Monitor, coordenador e prepara tudo para que aconteçam as coisas.

Entrevista 18 - Transmitir para crianças que Deus as ama de forma simples e clara para que Deus possa transformar suas vidas. Guiar para o caminho de Deus.

Entrevista 19 - Deve transmitir confiança para que a criança se sinta amada por Deus. Tudo que acontece no Culto Infantil deve ser feito com responsabilidade. A pessoa tem que levar isto muito a sério, porque não pode ser alguém negligente. É através dos orientadores e pais que a criança vai conhecer a Deus, por isso deve ser feito de maneira responsável. É uma grande responsabilidade porque através de conhecer Deus, Jesus é que ela vai chegar a ter fé.

Entrevista 20 - Inserir a criança na comunidade da fé, através de estudos bíblicos, contação de histórias, exemplos. Inclusão a partir do amor de Deus, sentir é viver o amor. Incluir não porque tem que ser incluído, mas porque Deus as ama. Continuar a formação familiar.

Entrevista 21 - Proporcionar um espaço acolhedor, inclusive onde as crianças podem vivenciar valores cristãos e ter contato com a palavra de Deus.

Entrevista 22 - Orientar. Ele é o celebrante do culto. É ele que pode presidir o culto, que conduz, orienta o Culto. Ele é a pessoa responsável pela organização do culto, pelo bom

andamento do culto, pela narração. Tem a função de conduzir, orientar esse momento de celebração, de preparar antes. Ter a responsabilidade de perceber se todas as crianças se sentem incluídas, para que seja um momento bom agradável para todos.

Entrevista 23 - Transmitir à criança a palavra de Deus, proporcionando a partilha na comunidade tanto no sentido estreito quanto no sentido amplo. Comunidade ou igreja de Deus são todas as pessoas cristãs no mundo inteiro. Faz parte do Culto Infantil. Falar sobre a responsabilidade do ser humano como administrador do ambiente; mostrar para as crianças que apesar de elas terem maneiras culturais, cores diferentes, todos nós somos criaturas de um único Deus criador e que ele ama a todas as suas criaturas. São conteúdos que devem fazer parte da educação cristã, mas também do Culto Infantil: o respeito, a tolerância de tratar bem o outro, por mais diferente que ele seja, poder incluir ou colaborar com alguém outro para uma coisa boa.

4. O que o/a orientador/a de Culto Infantil precisa saber?

Entrevista 1 - Não pode parar no tempo, sempre tem que estar buscando, mas para iniciar ele tem que ter uma boa base do evangelho, conhecer bastante a bíblia, conhecer a Palavra de Deus, e principalmente ter uma identidade luterana bem fixada nele. Ele precisa saber um pouco de didática, bastante pedagogia, psicologia porque ele tem que saber como passar esse conhecimento, saber como lidar com a criança porque ele vai ter aquela criança que é mais peralta, ou que não gosta de participar e ele vai ter que cativar. E ele precisa ter bem dentro dele o que é ser cristão e o que é ser luterano, porque se ele não for exemplo de nada adianta porque as palavras comovem, mas os exemplos arrastam. A criança vê que o orientador tem certeza que quer ser luterano, porque ele é salvo por graça e fé, porque Cristo é o Salvador, com certeza isto vai fixar muito mais. Primeiro ele tem que ter definido por que somos cristãos, por que cremos em Cristo para daí passar para a criança.

Entrevista 2 - Trazer de casa (educação familiar), participar, estudar muito para estar seguro diante das crianças, dos questionamentos que elas trazem, que mexem contigo também. O orientador deve estar sempre procurando, lendo, adaptando, estar sempre envolvida, tem que conhecer a realidade, os conteúdos e os recursos.

Entrevista 3 - Gostar das crianças. Boa base teológica que às vezes lhe é negada.

Entrevista 4 - Precisa ser preparada; saber o que vai repassar para as crianças, tem que ter uma base teológica, uma doutrina; tem que conhecer do que ela vai falar para as crianças. Tem que ter formação, não basta informação. A orientadora tem que estar atenta às diferenças de faixa etária para adaptar o material e cativar as crianças. Precisa saber os fundamentos da

fé cristã, a simbologia; tem que conhecer, saber organizar na hora do Culto Infantil. Para que as crianças já vão tendo contato com o que é um culto, fazer o culto para as crianças. Ela tem que ter o conhecimento da liturgia para que a criança já se acostume com o culto de adultos.

Entrevista 5 - Tem que ter conhecimento bíblico, datas comemorativas da igreja.

Entrevista 6 - Precisa ter boa vontade, se identificar com o trabalho; ter apoio de custo de material por parte da comunidade, bem como apoio pessoal, didático em encontros com obreiros e outros orientadores para trocar idéias ou resolver problemas. Boa vontade e apoio da comunidade para a valorização dos orientadores. Mais preparação, o mínimo de preparação, ou seja, saber trabalhar com fantoches, ter conhecimento de trabalhos manuais e uso de materiais.

Entrevista 7 - Tem que ter aquele fundamento sobre mandamentos, sacramentos, saber ler (ser alfabetizado) sempre estar fazendo seminários, aprendendo coisas novas, se aperfeiçoando. Precisa ter fundamento teológico, receber algum preparo.

Entrevista 8 - O orientador precisa se conhecer, conhecer as várias personalidades das pessoas, aprender músicas com gestos, como contar histórias para as crianças com fantoches, desenho, argila, teatro...

Entrevista 9 - Precisa conhecer a sua igreja, gostar do que faz. Formação, preparação específica.

Entrevista 10 - Conhecer a sua igreja (história, documentos...) cantar, faixas etárias da criança, métodos, técnicas, psicologia da criança, sensibilidade.

Entrevista 11 - Princípios da igreja; base bíblica; interesse; saber dar exemplo.

Entrevista 12 - Conhecer a palavra de Deus; conhecer sobre a criança (pedagógico, psicológico); conhecer as crianças que vem para o Culto Infantil, conhecer a realidade da criança com que está trabalhando.

Entrevista 13 - Conhecimento bíblico (historias), ter vivência. Saber do amor de Deus como a verdade.

Entrevista 14 - Tem que saber do conteúdo que vai passar, acreditar, vivenciar as histórias bíblicas. Precisa ter Deus na sua vida. Saber como transmitir de maneira que a criança aprenda a amar a Deus.

Entrevista 15 - Jesus é o Senhor e Salvador. Conhecer a palavra devocional, diária, convive na comunidade, participa na comunidade, a igreja precisa fornecer capacitações para trabalhar com crianças. Vive em comunidade/ curiosa na informação.

Entrevista 16 - Precisa de formação, orientada, continuada, sobre o amor de Deus, para levar o Cristo vivo a vivencia. Ser cristão autêntico.

Entrevista 17 - Conhecer o mundo infantil, conhecer as necessidades da criança, conhecer a sua igreja.

Entrevista 18 - Deus o ama, o salva, o liberta; transmitir de forma clara para as crianças.

Entrevista 19 - Tem que trazer uma bagagem, conhecimentos bíblicos como narrar histórias bíblicas, como fazer oração, cantos atrativos com gestos. Precisa ter uma vivencia daquilo que ela vai levar.

Entrevista 20 - Orientar. Conhecimentos básicos da comunidade, confessionalidade, pedagógicos, didáticos, teológicos.

Entrevista 21 - Conhecer a sua igreja, a sua confessionalidade, conhecimentos bíblicos; noções de psicologia (capacidades das idades...). Precisa saber de algumas questões de didática, técnicas de usar materiais pedagógicos.

Entrevista 22 - Saber que ele tem uma responsabilidade muito grande, que ele está convivendo num grupo importante, no presente da comunidade. Ele precisa ter uma orientação teológica, e os/as obreiros/as são responsáveis por isso. Precisa de orientação pedagógica. Ele precisa ir atrás disto, mas também precisa ser subsidiado nisto. A comunidade é responsável em promover oportunidades de o orientador se preparar. Saber que não só se ensina, mas também se aprende. Que ele não é mais nem menos que as crianças.

Entrevista 23 - Conhecer seus limites e os da criança, conhecer suas responsabilidades e conseqüências. Que ele seja fiel para colaborar com as crianças, para o bem do povo de Deus. O amor de Deus precisa ser propagado por meio de palavras e ações e incentivar o amor ao próximo. Ele deve ser cuidadoso em falar sobre Deus, não criar uma imagem de Deus que depois impossibilita a criança a procurar Deus e se sentir acolhido nos braços de Deus quando mais precisa.

5. Como se poderia suprir esta necessidade?

Entrevista 1 - Seminários promovidos. O número de orientadores é muito maior do que os que são atendidos pelos seminários. Repasse dos conteúdos e materiais de quem participou para os demais que ficaram na paróquia. Tardes de estudo após o horário do Culto Infantil com o pastor junto. Os mais novos tem que ler, questionar, tirar dúvidas. No Sínodo: três ou quatro seminários por ano. Repasse é com diálogo, para tirar dúvida ou pesquisar. Nem todas as necessidades são supridas.

Entrevista 2 - Estudando, querendo, se doando, se envolvendo com as crianças, você vai superando suas necessidades com interesse, com doação, abraçando “a coisa”, “vestindo a camiseta”.

Entrevista 3 - Seminários, informações. Dar conhecimento teológico para os orientadores. Disponibilidade em participar de seminários e de materiais. Acesso à literatura. Dar carinho e reconhecer que o orientador é ser humano.

Entrevista 4 - Tem que participar de cursos, de formação. É preciso investir, oferecer mais oportunidades de participação nos encontros de formação. Os orientadores disponibilizam tempo e tem que ficar lendo, se atualizando.

Entrevista 5 - Seminários que esclareçam mais, porque não temos formação teológica. Não vou repassar algo que não fica claro para mim, que não me sinto segura. Quanto mais se participa de seminários, mais se entende; mais fácil é para o/a orientador/a também.

Entrevista 6 - Cursos, seminários, aperfeiçoamento, retiros para se estar em contato com outros orientadores, trocando idéias. Também a participação na comunidade, contato mais próximo com pastores e presbitério ajuda a superar dificuldades e a trilhar caminhos e para saber como as coisas funcionam; a quem pedir, onde buscar ajuda.

Entrevista 7 - Através de seminários, encontros, reuniões, as próprias orientadoras conversando umas com as outras, buscando orientação.

Entrevista 8 - Os orientadores precisam participar de cursos, seminários, retiros. Ter um valor estipulado no orçamento da paróquia para investir no Culto Infantil. Sínodo precisa orientar os orientadores; os obreiros precisam preparar os orientadores. Apoio do Sínodo, do presbitério, dos obreiros.

Entrevista 9 - Buscar formação em seminários, cursos,...

Entrevista 10 - Buscar atualizações; ler, estudar, discussão em grupos, seminários, cursos, formação continuada.

Entrevista 11 - Frequentar cursos oferecidos, formação (seminários, cursos); interesse próprio em buscar leituras sobre os temas abordados.

Entrevista 12 - Procurar material (apostila, livros), ter apoio de pastor ou outros; participar de treinamentos, cursos, seminários, atualização.

Entrevista 13 - Através de leituras, planejamentos. Participar de seminários, cursos, atualizar-se; buscar formação.

Entrevista 14 - Preparar as histórias. Buscar novas técnicas de saber usar os materiais que ele tem. Precisa estudar, buscar ajuda (pastor, presbíteros). Buscar formação.

Entrevista 15 - Participar de estudos bíblicos. Participar de seminários, cursos; procurar literatura adequada, buscar formação. Vida cristã adequada. Uma mãe sabe contar a história.

Entrevista 16 - Encontros, seminários.

Entrevista 17 - Conviver com a sua igreja. Deverá procurar formação, materiais.

Entrevista 18 - Participar de cursos, oficinas, seminários que ensinem (mostrem) como transmitir estes de forma clara, na linguagem das crianças, obedecendo às faixas etárias. Buscar cursos para se aprofundar.

Entrevista 19 - Participar de seminários para orientadores. Ter um bom material na mão. Adaptar o manual do Culto Infantil para a sua realidade, para seu grupo. Ter uma preparação, acompanhamento, seguido por parte de obreiros ou outra pessoa que coordena. Para reunir os orientadores e vê as dificuldades.

Entrevista 20 - Buscar subsídios (pessoas mais experientes, preparadas para a finalidade do Culto Infantil), seminários, encontros, locais de formação (formação continuada). Pessoas para tirar dúvidas.

Entrevista 21 - Organizações paroquiais, sinodais onde fossem oportunizados aos orientadores cursos de capacitação sobre os temas elencados. Também que as paróquias investissem nos orientadores para que os mesmos participassem destes encontros.

Entrevista 22 - A comunidade deve promover oportunidades através de Seminários ou comprando o Manual do Culto Infantil ou algum outro material ou os obreiros sentarem juntos e orientar mensal ou bimestralmente. Preparo e leitura pessoal. A leitura da própria bíblia é importantíssima, o estudo da Palavra de Deus enquanto leitura, comentários sobre as leituras bíblicas. A oração também é importante no sentido que ele precisa viver isto. E através de sua vivência comunitária, ele se sentir como membro desta comunidade, e saber que sendo orientador é uma das formas de servir a comunidade e se sentir integrado nesta comunidade. E também sentir a questão financeira, não só ele, mas toda a demanda que é o Culto Infantil. Que o presbitério saiba da importância do Culto Infantil ou outro trabalho alternativo e que passa pelo financiamento deste trabalho.

Entrevista 23 - Ter alguém que o orienta, e em caso de qualquer dúvida ele possa recorrer. Ele jamais vai poder transmitir alguma coisa que ele não crê. Ninguém é genial para tirar tudo de si mesmo. Ele precisa ter um canal com Deus e participar em cursos, seminários. Como ele tem responsabilidades sobre outras pessoas, ele tem que ter o dobro do compromisso e das forças para aquilo que ele faz seja para o bem. Ele precisa uma fonte onde pode buscar, um ombro onde ele pode chorar e não precisa pensar que ele é o 'rei da cocada preta', que ele é tão genial que sem preparo ele vai se virar.

6. Quais as dificuldades e facilidades que você encontra na execução da tarefa de orientador/a de Culto Infantil?

DIFICULDADES

Entrevista 1 - Conciliar vida pessoal, cheia de compromissos com a atuação no Culto Infantil. Perante a comunidade luterana, o Culto Infantil não é muito valorizado, quando o pai manda a criança para o Culto Infantil porque não quer ser incomodado no culto. Não existe a visão de que o Culto Infantil é a base para os filhos. Parece que o dinheiro para o Culto Infantil não é investimento como em outras áreas.

Entrevista 2 - Que a criança não pode vir sozinha, que os pais não fazem questão de mandá-la, que você faz uma volta enorme para pegar todas as crianças = dificuldade da criança chegar. Crianças com envolvimento com drogas. Espaço de tempo reduzido para trabalhar com elas quando elas precisam de mais tempo e você não pode abraçá-las e levar para casa. Correr atrás quando elas não vêm com frequência. Material básico. Espaço físico insuficiente para atender todas as crianças com qualidade: nem o prédio, nem o espaço fora.

Entrevista 3 - O acesso à literatura é caro e difícil. Base teológica que é negada aos orientadores por falta de comunicação, falta de interesse de quem está na linha de frente (obreiros). Os orientadores têm a dificuldade de andar pela orientação da identidade luterana. Dificuldades em saber quem são, quantos são, quais são as dificuldades dos orientadores. Tem pessoas (orientadores) que jamais são vistas e que estão construindo a igreja. Falta de conhecimento e preparo dos obreiros em relação ao trabalho do Culto Infantil.

Entrevista 4 - Ver o Culto Infantil como espaço só de brincar. Número limitado de pessoas que podem participar de um seminário não atendendo todas que querem participar e que acabam se retirando porque se sente excluída. O Sínodo colocou o Culto Infantil como prioridade nas diretrizes, mas só no papel. É barrado o investimento no Culto Infantil quando se delimita o número de participantes em seminários; a quantidade de materiais; a organização dos encontros com as crianças. O trabalho do orientador já é voluntário, se ele ainda tem que pagar pelos cursos e seminários ele acaba não indo. Se as crianças não são valorizadas, onde vão ficar nossas comunidades? Repasse das informações: muitas vezes não temos acesso a tudo que é devido. Deveria ter uma base curricular nacional, algo que norteasse alguns princípios que poderiam ser adaptados para cada região, mas com uma base teológica única.

Entrevista 5 - O Sínodo não dá o apoio que deveria para todas as paróquias. Boa participação nos dois (2) seminários anuais, mais a Semana de Criatividade. Paróquias investem na

formação dos orientadores porque reconhecem a importância desta formação. Pessoas de maior idade assumem o trabalho o que promove a continuidade do trabalho

Entrevista 6 - Falta de continuidade na frequência das crianças gera falta de continuidade no trabalho com as crianças. Falta de participação dos pais no envolvimento do trabalho, falta de compromisso maior dos pais.

Entrevista 7 - A questão da linguagem, para saber se a criança está entendendo. Trazer crianças para o Culto Infantil.

Entrevista 8 - Nenhuma. A gente é que cria as dificuldades, a gente se adapta a qualquer coisa. Pode-se usar a criatividade para suprir as dificuldades.

Entrevista 9 - Espaço físico próprio, falta de mural para expor os trabalhos.

Entrevista 10 - Não apresenta, pois preparam as aulas em grupo.

Entrevista 11 - Frequência assídua das crianças. Participação e incentivo dos pais.

Entrevista 12 - Histórias “complicadas”; dias difíceis; ausência de crianças.

Entrevista 13 - Participação das crianças (oscilação na presença)

Entrevista 14 - Música, não sabe.

Entrevista 15 - Encontrar pessoas que façam trabalho voluntário, música.

Entrevista 16 - Pouco estudo.

Entrevista 17 - Grupo diferente de crianças, com idades diferentes, não sabia o número de crianças.

Entrevista 18 - Espaço físico inapropriado, falta de colaboradores pro Culto Infantil.

Entrevista 19 - Quando o orientador não tem acompanhamento. Quando não tem material na mão. Em relação ao ambiente, que não é adequado, com mesas e cadeiras e um bom espaço para fixar atividades para não desestimular os orientadores e crianças. Falta de recursos para comprar papel, fazer xerox, adquirir outros materiais. Algumas paróquias parecem depender quase só dos Seminários Sinodais, mas falta um obreiro ou outra pessoa que trabalha de novo e vê como está o trabalho e faz um acompanhamento mais de perto, que entenda alguma coisa mais e consiga fazer isso de forma satisfatória. Rotatividade dos orientadores adolescentes/jovens.

Entrevista 20 - Preparo e o que se tem para oferecer à criança para cativá-la. Competição com outras igrejas pentecostais. Pobreza.

Entrevista 21 - Contemplar as diferentes idades já que não há separação das faixas etárias.

Entrevista 22 - Não ter tempo para preparar e então o orientador quer as coisas mais prontas, mastigadas. Não ter apoio do/a obreiro/a: tem gente que se sente desamparado. Não

ter apoio do presbitério. Falta de espaço físico adequado: não precisa ser exclusivo, mas que as crianças possam usar, brincar, expor suas atividades, com os elementos do altar, paramentos, vela, cruz, bíblia, flores; ao em fila, um atrás do outro, mas em círculo ou semicírculo; ter um espaço vazio para desenvolver movimento, arejado e não junto com a caixa de cerveja, ou na cozinha da OASE. Aprender a respeitar a criança é aprender a respeitar o espaço dela.

Entrevista 23 - Problemas físicos, comunidades pequenas não tem espaço específico para crianças, não tem sala sobrando. O trabalho voluntário é difícil: é com mais amor, mas as pessoas que trabalham já estão sobrecarregadas. Falta de material. Em alguns lugares os próprios obreiros não se dão conta da importância do Culto Infantil, dizem que o Culto Infantil é nossa comunidade do futuro ou que para o Culto Infantil qualquer canto basta. Às vezes alguns segmentos ainda acham que criança não é gente. Quando falta vontade ou o pessoal não vem para os encontros ou que vem, mas não leva adiante o que recebem. Quando a gente não consegue pessoas comprometidas. Isto complica!

FACILIDADES

Entrevista 1 - Ser professora, amar criança, crescer na igreja luterana indo ao Culto Infantil desde cedo. Amar a igreja em que se participa. Por ter feito Pedagogia, consegue adaptar os conteúdos do Manual. Gostar de ler e estudar.

Entrevista 2 - Gosto de trabalhar com crianças, da sua sinceridade, de poder ajudar a suprir suas necessidades. Isso incentiva, anima o trabalho. A comunidade é atendida nas necessidades do grupo.

Entrevista 3 - Trabalho voluntário dos orientadores: não sabemos quem são, são muito bons, são criticados porque não agüentam; muitas vezes lhes é negada a participação em seminários e apesar disto, o bom, o bom mesmo acontece dessa insistência e disposição deste pessoal com o voluntariado. Essa é a grande facilidade, se dermos o que eles querem e precisam, nossa igreja está construída.

Entrevista 4 - As crianças: é uma das partes mais fácil de trabalhar na comunidade porque as crianças vêm com ânimo, com boa vontade. Basta você saber achar formas de cativar, de conquistar que elas vão participar sempre, elas se doam. É um trabalho muito gratificante no Culto Infantil. Muitas meninas que participaram do Culto Infantil, durante o Ensino Confirmatório participam e depois elas passam a auxiliar no Culto Infantil, ou participam do grupo de jovens, são atuantes na comunidade. As mães e os pais que participaram do Culto Infantil, agora incentivam seus filhos a participar do Culto Infantil. Então, se a gente não

começar com os pequenos do Culto Infantil, daqui a um tempo, pode ser que nossas igrejas estejam vazias.

Entrevista 5 - Seminários oferecidos; condução que é colocada à disposição para se participar dos seminários, mas que deveria ser maior para as paróquias do interior. Os obreiros da paróquia apóiam, levam os orientadores para participar.

Entrevista 6 - O material que a gente tem, o manual; a possibilidade de fazer atividade fora da comunidade, em locais alternativos; a diversidade de atividades facilita a participação de crianças.

Entrevista 7 - O manual ajuda muito e material de apoio.

Entrevista 8 - A liberdade de expressão das crianças, a descoberta do dom de ensinar as crianças, trabalhar com elas. O lema da nossa igreja é cada um contribuir com seu dom. Descobrir nosso lado criança e usá-lo na prática.

Entrevista 9 - Poder contar com outros grupos, pastor; material suficiente.

Entrevista 10 - Local próprio; material didático bom, a paróquia investe em materiais.

Entrevista 11 - Boa vontade e interesse dos orientadores. Pessoas voluntárias fazem porque gostam. Possibilidade de fazer cursos e seminários de qualidade (pedagógica e teológica); Tem apoio da paróquia; Pastor colabora; Há material suficiente; Há verba para compra (investimentos).

Entrevista 12 - Material pedagógico; constrói estes materiais, livros, internet.

Entrevista 13 - Bons materiais, pessoas que buscam, pastor ajuda, sala para Culto Infantil (hoje).

Entrevista 14 - Material didático (livro, flanelógrafos, dicionário bíblico, TV de caixa de papelão).

Entrevista 15 - Material para trabalhar com as crianças.

Entrevista 16 - Comunicar-se bem, apoio da igreja (pastor e presbitério).

Entrevista 17 - Dia fixo, local fixo, material suficiente, livros, era fácil preparar aulas.

Entrevista 18 - Conhecer música, participar de curso, seminário; material adequado para a realidade, não contrariando a identidade luterana, tem figuras que ajudam, material que alcança as diferentes idades.

Entrevista 19 - Quando a paróquia arca com despesas financeiras, estimula a participação em Seminários, apoio de presbíteros e OASE. Estabilidade dos orientadores quando são de mais idade. Algumas comunidades que tem orientadores com mais idade, mais estudo, bastante experiência se defendem sozinhas.

Entrevista 20 - Cativeiro a criança, sentir-se em casa, demonstrar o amor sem preconceito. Fácil falar de Jesus.

Entrevista 21 - Narração de história, fácil acesso a material.

Entrevista 22 - A partir dos seminários nacionais, a gente começou a se fortalecer como grupo do Culto Infantil, a se apoiar uns aos outros, de formar uma rede, promover intercâmbio. Cantos novos, pedidos constantes dos orientadores, em forma de gravação (fita ou CD). Ter materiais didáticos disponíveis, com liberdade de comprar e apresentar a nota. Poder investir em seminários, Semanas de Criatividade e atualização. Troca de experiências sobre forma e conteúdo.

Entrevista 23 - Muitas comunidades/paróquias arcam com as despesas de encontros. Graças a Deus! Se existe boa vontade, se existe compreensão, se existe colaboração isto ajuda bastante.

QUADRO COMPARATIVO - TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

PIAGET	ERIKSON	FOWLER
COGNITIVO	PSICOSSOCIAL	FÉ
<p>De 0 aos 2 anos</p> <p>Estágio sensório-motor</p> <p><i>Diferenciação do eu em relação ao mundo</i></p>	<p>0-1 ano: conflito entre</p> <p>Confiança básica versus</p> <p>Desconfiança básica</p> <p align="center"><i>Esperança</i></p> <hr/> <p>2-3 anos: conflito entre</p> <p>Autonomia versus</p> <p>Vergonha/dúvida</p> <p align="center"><i>Vontade</i></p>	<p>Até os 3 anos</p> <p>Lactância: fé indiferenciada</p> <p><i>Confiança básica e experiência relacional de mutualidade</i></p>
<p>Entre os 2 e os 4 até os 7 anos</p> <p>Estágio da inteligência pré-operativa ou simbólica</p> <p><i>Imaginação imita a percepção da realidade</i></p>	<p>4-5 anos: conflito entre</p> <p>Iniciativa versus Culpa</p> <p align="center"><i>Propósito</i></p>	<p>De 3 a 7 anos</p> <p>Primeira infância:</p> <p>Fé intuitivo-projetiva</p> <p><i>Fantasia e imaginação</i></p>
<p>Dos 7 aos 11 anos</p> <p>Estágio das operações concretas da inteligência prática</p> <p><i>Operações lógicas</i></p>	<p>6-12 anos: conflito entre</p> <p>Produtividade versus</p> <p>Inferioridade</p> <p align="center"><i>Competência</i></p>	<p>De 7 a 12 anos</p> <p>Infância:</p> <p>Fé mítico-literal <i>Surgimento da narrativa e formação de estórias da fé</i></p>
<p>Dos 11/12 aos 15 anos</p> <p>Estágio das operações formais</p>	<p>13-18 anos: conflito entre</p> <p>Identidade versus</p> <p>Confusão de papéis</p> <p align="center"><i>Fidelidade</i></p>	<p>A partir da</p> <p>Adolescência:</p> <p>Fé sintético-convencional</p> <p><i>Formação da identidade e de uma fé</i></p>

<p>da inteligência abstrata <i>Operações</i> <i>abstratas</i></p>		<p><i>pessoal</i></p>
	<p>19-25 anos: conflito entre Intimidade versus Isolamento <i>Amor</i></p>	<p>Do início da idade adulta: Fé individual-reflexiva <i>Construção reflexiva de ideologia;</i> <i>formação de um sonho vocacional</i></p>
	<p>26-40 anos: conflito entre Generatividade versus Estagnação <i>Cuidado</i></p>	<p>Da Idade adulta: Fé conjuntiva <i>Paradoxo, profundidade e</i> <i>responsabilidade intergeracional pelo</i> <i>mundo</i></p>
	<p>41 anos e mais: conflito entre Integridade do ego versus Desesperança <i>Sabedoria</i></p>	<p>Da fé madura: Fé universalizante <i>Envolvimento e comprometimento</i> <i>radical pela transformação da</i> <i>realidade atual para a realidade</i> <i>transcendente</i></p>

ANEXOS

DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB

LEVANTAMENTO DE DADOS SOBRE O CULTO INFANTIL NA IECLB 2001/2002

Sínodo	Número de Paróquias	Nº Paróquias que responderam
Nordeste Gaúcho	27	10
Planalto Rio Grandense	22	09
Mato Grosso	16	08
Sul Rio Grandense	18	07
Sudeste	33	19
Espírito Santo a Belém	33	16
Vale do Itajaí	22	19
Uruguai	20	10
Centro sul Catarinense	23	04
Rio dos Sinos	32	11
Rio Paraná	28	09
Paranapanema	22	10
Noroeste Rio-grandense	21	11
Norte Catarinense	35	15
Centro Campanha Sul	26	04
Brasil Central	12	02
Amazônia	17	06
Vale do Taquari	13	05
TOTAL	420	175 = 41,6%

Número de grupos de Culto Infantil: 718

Número de crianças no Culto Infantil: 15.865

Número de crianças na Paróquia: 33.281

Número de orientadoras e orientadores: 956

80% das paróquias que responderam o questionário usam o **Manual para o Culto Infantil**.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696f Rodrigues, Marilze Wischral

Formação continuada de educadores cristãos : vivendo a fé cristã no culto infantil / Marilze Wischral Rodrigues ; orientador Manfredo Carlos Wachs. – São Leopoldo : EST/IEPG, 2007.

113 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2007.

1. Culto (Ensino religioso). 2. Escolas dominicais.
3. Educação cristã de crianças. 4. Igreja Luterana – Educação.
I. Wachs, Manfredo Carlos. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia